



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA  
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO SEMIÁRIDO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
SUSTENTÁVEL - PRODER**

**ALTAMIRA VICENTE DOS SANTOS**

**REDES DE COOPERAÇÃO SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
SUSTENTÁVEL: um estudo de caso sobre o Fórum Caririense de Economia Solidária -  
FOCAES**

**Juazeiro do Norte (CE)  
2017**

**ALTAMIRA VICENTE DOS SANTOS**

**REDES DE COOPERAÇÃO SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
SUSTENTÁVEL: um estudo de caso sobre o Fórum Caririense de Economia Solidária -  
FOCAES**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), da Universidade Federal do Cariri, como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável.

**Área de concentração:** Desenvolvimento Regional Sustentável.

**Orientador (a):** Francisca Laudeci Martins Souza

**Juazeiro do Norte (CE)  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

---

S237r Santos, Altamira Vicente dos.  
Redes de cooperação solidária e desenvolvimento regional sustentável: um estudo de caso sobre o Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES/ Altamira Vicente dos Santos. – 2017.  
127 f.: il.; color.; enc. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Crato, 2017.  
Orientação: Prof. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza.

1. Economia Solidária. 2. Redes de Cooperação. 3. FOCAES. 4. Desenvolvimento Regional Sustentável. 5. Cariri cearense. I. Souza, Francisca Laudeci Martins. II. Título.

CDD 334.098131

---

ALTAMIRA VICENTE DOS SANTOS

**REDES DE COOPERAÇÃO SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
SUSTENTÁVEL: um estudo de caso sobre o Fórum Caririense de Economia Solidária -  
FOCAES**

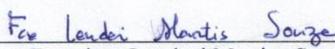
Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), do Centro de Estudos do Semiárido da Universidade Federal do Cariri, como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável.

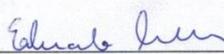
**Área de concentração:** Desenvolvimento Regional Sustentável.

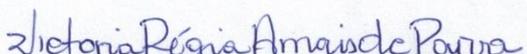
**Linha de Pesquisa:** Sociedade, Estado e Desenvolvimento Regional Sustentável.

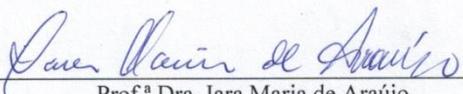
Aprovado em: 31/03/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Francisca Laudeci Martins Souza (Orientadora)  
Universidade Regional do Cariri (PRODER/URCA)

  
Prof. Dr. Eduardo Vivian da Cunha  
Universidade Federal do Cariri (PRODER/UFCA)

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Victoria Régia Arrais de Paiva  
Universidade Federal do Cariri (PRODER/UFCA)

  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Iara Maria de Araújo  
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Dedico este trabalho a Deus por me dar força e me conduzir com sabedoria esse caminho.

Em especial, aos meus pais: Aldemy Andrade dos Santos e Ivanilda Vicente, por nunca desistirem, por terem acreditado em mim e me apoiado quando muitas vezes me vi sem forças. Vocês são minha inspiração diária para essa conquista e outras que virão.

## AGRADECIMENTOS

Vendo os caminhos trilhados para chegar até aqui, posso dizer, com lágrimas nos olhos, que não foi fácil. Entretanto o fato de ter ao meu lado pessoas que fortaleceram a caminhada antes e durante o processo foi o que tornou tudo isso possível. Tenho muito a agradecer!

Primeiramente a Deus, por ter renovado minhas forças, dando sabedoria e ajudando a enfrentar as dificuldades que surgiram no caminho para vencer essa fase da minha vida.

Aos meus pais, Francisco Aldemy Andrade dos Santos (Totó) e Francisca Ivanilda Vicente (Nilda), a quem devo a existência. Obrigada por tudo que fizeram e fazem por mim e meus irmãos, principalmente em relação aos estudos nos dando uma boa educação, muitas vezes abdicando dos sonhos de vocês em favor dos nossos. Posso dizer que são a força motriz para essa e outras conquistas que estão por virem.

À Laudeci Martins, agradeço pela orientação do trabalho, paciência, presteza, sabedoria compartilhada, por acreditar em mim e pela amizade. Nada do que eu falar ou disser vai expressar a real gratidão que tenho por estar presente na minha vida desde a graduação. Tens o dom de extrair o melhor de nós. Um dia te disse que nada que eu fizesse pagaria tudo que fez por mim. Você olhou nos meus olhos e disse: “Pode sim! Ajude outras pessoas.” E eu honrarei esse pedido. Seus ensinamentos seguirão comigo na profissão e na vida. O meu crescimento profissional e como um ser mais humano, devo muito a ti.

Ao Fórum Cariense de Economia Solidária (FOCAES) e seus atores pela receptividade, por permitir fazer esse estudo, por proporcionar tanto aprendizado e vivências. Espero contribuir para o fortalecimento da organização e para os movimentos da Economia Solidária no Cariri.

Aos professores da banca, Eduardo Viviam e Iara Araújo por terem aceitado participar da banca avaliadora deste trabalho, em especial, a professora Victoria Arrais que tanto contribuiu nas nossas conversas informais para formação da ideia dessa pesquisa. As críticas e as contribuições valiosas de todos engrandeceram este trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), em especial: Verônica Salgueiro, Suely Chacon, Paulo Renato, Selme Torres, Eduardo Viviam, Laudeci Martins, Josier Ferreira e Zuleide Queiroz. Todos ajudaram para construção de um novo conhecimento e para este trabalho.

À minha amiga/irmã Kathyane Lins, que trago comigo desde a graduação, por sempre estar comigo em todas as horas, onde sempre pude contar nos momentos bons e ruins que surgiram durante a pesquisa e na vida, sempre disposta a dialogar e ajudar. Também agradeço a sua/nossa mãe Helena Malheiro, pela força e risadas nas nossas conversas em volta da mesa quando eu parecia frágil, por cuidar de mim quando minha mãe esteve longe e por me alimentar nas horas em que o estudo parecia não dar tempo nem fazer a comida. Vocês duas são a minha família no Crato a qual posso contar sempre.

Aos colegas e amigos economistas Cicero Lourenço, Yure Araújo e Di Vlândia, pela caminhada ao lado de vocês. Não poderia ter sido uma experiência mais proveitosa sem a presença de vocês aconselhando, dialogando, compartilhando conhecimento e vivendo emoções. Também aos amigos e colegas do Grupo de Estudos ECOS, em especial a Fagundes, Adélia, Fabiane, Davi, Aline e Tayná, dentre outros já citados pela amizade, produção científica e vivências.

À turma de 2015 do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), onde entre médica, enfermeiros, agrônomos, economistas, geógrafos, advogados, dentre outros profissionais, compartilhei experiência e conhecimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo incentivo financeiro por meio da concessão de bolsa para efetivação deste trabalho.

Enfim, gratidão a todos aqueles que acreditaram em mim: familiares, companheiro, amigos, colegas, professores que colaboraram diretamente ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Muito obrigada!

“EU ACREDITO

Aprendi que fazendo um gesto de solidariedade  
    À impunidade não tem vencedores  
E posso ser a única a trabalhar em um projeto  
    Mas se eu acreditar terei apoio de muitos  
        Se eu fizer a minha parte.  
Cada um de uma maneira simples fará a sua.  
E se eu desejar mudar a história nunca estarei sozinha  
    E se eu tiver a humildade de pedir ajuda  
        Milhares vêm ao meu auxílio  
Podemos juntos acreditar em dias melhores, em pessoas melhores.  
    E juntos construir um mundo melhor  
        Sou sonhadora?  
    Não, faço parte desse mundo que vivo.  
        E desejo ele cada dia melhor  
        Meus filhos fazem parte dele  
E quem sabe contar a história para meus netos que nós mudamos  
    Porque aprendemos a trabalhar juntos  
    Para a construção de uma vida melhor  
Uma vida mais digna, mais humana e mais solidária.”  
    (Tereza Cristina Saraiva)

## RESUMO

A economia social, solidária, humanoeconomia, economia de comunhão ou economia popular, nasce como uma possibilidade de resposta a não regulação da economia e à liberação dos movimentos dos capitais, que acarretam desemprego, fechamento de firmas e marginalização de trabalhadores. O campo da economia solidária é formado por Empreendimentos Econômicos Solidários – EES, que têm como princípio norteador a solidariedade e a autogestão e se propõem em ser um modelo democrático cooperativo. Nesse sentido, esses empreendimentos se organizam em redes onde os associados e instituições se unem para fortalecer-se frente às dificuldades, reduzindo as desigualdades e estabelecendo uma democracia direta. Sendo assim, indaga-se sobre quais os limites e possibilidades da articulação entre redes de cooperação e desenvolvimento regional sustentável, tomando como estudo empírico o Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES. Este não possui localização exata, pois se configura como um movimento itinerante e atuante no Cariri cearense. O objetivo geral é identificar as contribuições do Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES) para a formação e fortalecimento de uma rede de empreendimentos econômicos solidários e para o desenvolvimento regional sustentável no Cariri cearense. Especificamente, pretende-se: conceituar Economia Solidária, Redes de Cooperação e Desenvolvimento Regional Sustentável; caracterizar o Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES) numa perspectiva histórica, estrutural e social; e por fim verificar a contribuição do Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES) para a rede de cooperação e desenvolvimento regional sustentável no Cariri Cearense. A metodologia é exploratória, de natureza qualitativa e faz uso do estudo de caso. Utiliza-se também pesquisa bibliográfica, observação participante, análise documental, entrevista semi estruturada e Matriz FOFA, que permitiu analisar os resultados pela triangulação dos dados. Nesse sentido, foi visto que o fomento de práticas econômicas solidárias nos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) e a articulação destes em redes, tendo o FOCAES como uma ponte, criam um ambiente de promoção de constante troca de saberes, harmonizam as ações, disseminam informação e constroem movimentos de transformação no ser humano voltados para o ser solidário, afetivo e cooperativo que visam atitudes que beneficiam o bem comum, o coletivo, o social, enfim a sociedade.

**Palavras- Chave:** Economia Solidária, Redes de Cooperação, FOCAES, Desenvolvimento Regional Sustentável, Cariri cearense.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Sujeitos da pesquisa referentes às Entidades de Apoio e Fomento - EAF.....	26
Quadro 02 - Sujeitos da pesquisa referentes aos Empreendimentos Econômicos Solidário-EES .....	27
Quadro 03 - Sujeitos da pesquisa referentes aos Poderes Públicos - PP.....	28
Quadro 04 - Planejamento da reunião para aplicação da metodologia ativa Matriz FOFA.....	34
Quadro 05 - Demonstrativo de tipo de coletas de dados e análise relacionado aos objetivos .	35
Quadro 06 - Características de gestão da empresa tradicional e das redes de cooperação. ....	45
Quadro 07 - Princípios do rizoma/redes.....	48
Quadro 08 - Etapas de profundidade dos vínculos entre atores de uma rede.....	49
Quadro 09 - Os princípios de Bellagio para o processo de desenvolvimento sustentável .....	51
Quadro 10 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2013 .	63
Quadro 11 Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2013.....	65
Quadro 12 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2014 .	70
Quadro 13 - Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2014.....	72
Quadro 14 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2015 .	76
Quadro 15 - Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2015.....	78
Quadro 16 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2016 .	80
Quadro 17 - Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2016.....	83
Quadro 18 - Instituições participantes do FOCAES, designadas por numeração respectiva do mapa, cidade e classificação de 2013 a 2016 .....	100
Quadro 19 - Matriz FOFA construída pelos atores do FOCAES em 06 de dezembro de 2016 .....	107
Quadro 20 - Plano de ações a partir dos limites e possibilidades do FOCAES .....	114

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Território de abrangência do FOCAES .....	29
Figura 02 - Configurações das redes .....	47
Figura 03- Localização do FOCAES na rede de Economia Solidária Brasileira.....	60
Figura 04 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2013 .....	68
Figura 05 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2014. ....	74
Figura 06 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2015 .....	79
Figura 07 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2016 .....	84
Figura 08 - Mapa de atores e instituições da ES organizados em rede no Brasil.....	89
Figura 09 - O FOCAES como elemento integrador da rede no Cariri cearense e deste com o Brasil .....	97
Figura 10 - Mapa ilustrativo da abrangência do FOCAES na rede de cooperação solidária no Cariri cearense.....	99
Figura 11 - Mapa conceitual sobre ações empreendedoras a partir de tecnologias sociais para promoção do Desenvolvimento Regional Sustentável.....	113

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Número de participantes de janeiro a dezembro de 2013 .....	66
Gráfico 02 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP em 2013 .....	66
Gráfico 03 - Número de participantes de fevereiro a dezembro de 2014 .....	73
Gráfico 04 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP em 2014. ....	74
Gráfico 05 - Número de participantes de abril a dezembro de 2015.....	78
Gráfico 06 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP .....	79
Gráfico 07 - Número de participantes de abril à dezembro de 2016.....	83
Gráfico 08 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP .....	84
Gráfico 09 - Participações institucionais no FOCAES de 2013 à 2016.....	86
Gráfico 10 e 11 - Participações institucionais no FOCAES de 2013 à 2016 em números reais e em porcentagem respectivamente .....	87

## LISTA IMAGENS

Imagem 01 - Registro de preparação da Plenária Nacional de EcoSol (junho de 2013) .....	69
Imagem 02 - Registro do Seminário de Economia Solidária realizado na cidade do Crato (agosto de 2013).....	69
Imagem 03 - Registro do Seminário de Economia Solidária realizado em Quitaiús – Lavras da Mangabeira (novembro de 2013) .....	70
Imagem 04 - Registro do Seminário de Economia Solidária realizado no SESC- Crato (fevereiro de 2014).....	75
Imagem 05 - Registro do Seminário de Economia Solidária Juazeiro do Norte (maio de 2014) .....	75
Imagem 06 - Registro do III Conferência Territorial de Economia Solidária da Região do Cariri (fevereiro de 2014).....	76
Imagem 07 - Registro de Plenária (abril de 2015) .....	80
Imagem 08 - 3ª Feira da REDE de Feiras Agroecológicas e Solidária da Região Cariri na Praça Pe. Cicero (julho de 2016).....	85
Imagem 09 - Registro de Reunião Ordinária na Cáritas Diocesana - Crato (novembro de 2016) .....	85
Imagem 10 - Registro de Reunião Ordinária no SINE/IDT – Juazeiro do Norte (dezembro de 2016).....	86

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACB	Associação Cristã de Base
ACOM	Associação Comunitária de Milagres
ADAC	Associação de Desenvolvimento Autogestionário do Cariri
ADAGRI	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Ceará
ADS/CUT	Agência de Desenvolvimento Solidária/Central Única dos Trabalhadores
AFAGU	Assistência Familiar Anjo da Guarda
ANTEAG	Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão
AQUASIS	Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos
ARCA	Associação Raízes Culturais de Altaneira
ASIDESS	Associação de Integração e Desenvolvimento Social e Sustentável
ATRAF	Associação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CEART	Central de Artesanato do Cariri
CMDS	Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável
COBEC	Conselho Beneficente de Crianças e Trabalhadores Carentes de Quitaiús
COGERH	Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará
CONAES	Conferência Nacional da Economia Solidária
CONCRAB	Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil
COOPERCATO	Cooperativa de Crédito Rural dos Agricultores Familiares
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha
DAS	Secretaria de Desenvolvimento Agrário
EAF	Entidades de Apoio e Fomento
EES	Empreendimentos Econômicos Solidários
EMATERCE	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
ES	Economia Solidária
EXPOFAM	Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar do Cariri
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores do Estado do Ceará
FIBRARTE	Associação de Artesanato em Fibras

FOCAES	Fórum Caririense de Economia Solidária
FOFA	Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças
GRUNEC	Grupo de Valorização Negra do Cariri
IBASE	Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Socioeconômicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
ISPAF	Instituição Sociocomunitária da Vila Passos Feliz
ITEPS	Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares Solidários
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
ONG	Organização Não Governamental
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escola
PP	Poderes Públicos
PRODER	Programa em Desenvolvimento Regional Sustentável
RBSES	Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária
RITCP	Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares
SDET	Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECULT	Secretaria de Cultura
SEDEST	Secretaria de Desenvolvimento Social e Transparência de Renda
SEMAC	Secretaria de Meio Ambiente e Controle Urbano
SEMMA	Secretaria Municipal do Meio Ambiente
SENAES	Secretaria Nacional de Economia Solidária
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESC	Serviço Social do Comércio
SINE/IDT	Sistema Nacional de Emprego/Instituto de Desenvolvimento do Trabalho
SINTROEC	Sindicato dos Trabalhadores Orgânicos e Ecológicos do Cariri
SOAF	Sociedade de Assistência a Criança
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UNAB	União dos Associados de Barbalha
URCA	Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 ENCONTROS E DESENCONTROS: DOS CAMINHOS QUE ANDEI</b> .....	<b>20</b>
<b>2 CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	<b>24</b>
2.1 Sujeitos da pesquisa.....	24
2.2 <i>Lócus</i> da pesquisa.....	29
2.3 Natureza da pesquisa .....	30
2.4 Tipo de pesquisa .....	30
2.5 Coleta de dados.....	31
2.6 Análise dos dados .....	35
2.7 Aspectos éticos da pesquisa.....	36
<b>3 REDES DE COOPERAÇÃO SOLIDÁRIA: VISLUMBRANDO O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL</b> .....	<b>38</b>
3.1 Economia Solidária: uma outra economia em construção .....	38
3.2 Economia solidária em redes de cooperação .....	44
3.3 Redes de cooperação solidária e o desenvolvimento regional sustentável.....	50
<b>4 FÓRUM CARIRIENSE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (FOCAES): POR UMA LINHA DO TEMPO</b> .....	<b>56</b>
4.1 O início: contexto histórico e descritivo (2010 a 2012) .....	56
4.2 O início de uma sistematização de dados: dificuldades e avanços (2013 a 2016) .....	62
4.2.1 <i>Ano de 2013</i> .....	63
4.2.2 <i>Ano de 2014</i> .....	70
4.2.3 <i>Ano de 2015</i> .....	76
4.2.4 <i>Ano de 2016</i> .....	80
<b>5 FOCAES: POR UMA REDE DE COOPERAÇÃO NO CARIRI CEARENSE</b> .....	<b>89</b>
5.1 Discutindo o FOCAES: uma visão a partir de representantes da coordenação que formam o tripé EES, EAF e PP .....	91
5.2 O FOCAES como elemento integrador da rede .....	95
5.3 Diagnóstico a partir da Matriz FOFA: limites e possibilidades do FOCAES .....	106
5.4 Rede de cooperação solidária FOCAES e as dimensões do desenvolvimento sustentável .....	115
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

A consolidação do Sistema Capitalista trouxe consigo o problema da desigualdade social, causando uma divisão injusta de classes. Essa característica do sistema deixa à margem grande parte da população pobre, sendo na maioria das vezes pessoas assalariadas sem garantias e direitos. Com o tempo surgem teorias como resposta a essa exclusão social, fundamentadas nos conceitos de cooperação, dimensão econômica e solidariedade, chamadas de economia social. Essas teorias apontam formas de fazer com que as pessoas que não conseguiram ter acesso ao trabalho formal, se organizassem de forma autônoma e igualitária, com base na autogestão, sem distinção de gênero, idade, raça, ou qualquer outro tipo de distinção (AMORIM & ARAÚJO, 2004).

A economia social, designada também como solidária, humanoeconomia, economia de comunhão ou economia popular, nasce como uma resposta a não regulação da economia e à liberação dos movimentos dos capitais, acarretando desemprego, fechamento de firmas e marginalização dos desempregados (SINGER, 2003, p.12). Propõe em seu cerne atender as necessidades humanas, reduzindo as desigualdades através da autogestão.

Assim, a economia solidária em redes mostra-se como uma tendência organizativa para vários benefícios em prol da coletividade e do fortalecimento dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), mas somente os atores da rede podem ativá-la de modo a transformar os empreendimentos e os torná-los sustentáveis.

Dessa forma, este trabalho foi realizado no Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES, este não possui localização exata, pois se configura como um movimento itinerante e atuante no Cariri cearense. O fórum nasceu com a missão de articular, fortalecer e representar o movimento de Economia Solidária na Região do Cariri frente à sociedade e aos poderes públicos, contribuindo na construção de um novo modelo sócio econômico através da orientação de ações e mobilizações em torno das bandeiras de luta do FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FOCAES, 2010, p.1).

De acordo com França Filho (2007), os fóruns de economia solidária funcionam como espaços que dialogam politicamente, reivindicam direitos, discutem ideias e políticas públicas, além de unir atores para benefício da autonomia das auto-organizações solidárias com perspectiva na sustentabilidade.

O critério de escolha desse ambiente de estudo se justifica pelo próprio movimento da pesquisadora em entender os mais diferentes espaços e movimentos da Economia Solidária, onde o FOCAES tem se mostrado um ambiente aberto de discussões dos Empreendimentos

Econômicos Solidários (EES) com as Entidades de Apoio e Fomento (EAF), e Poderes Públicos (PP), além da própria sociedade civil em geral.

Diante disso, este trabalho tenta responder à seguinte questão: quais os limites e possibilidades da articulação entre redes de cooperação e desenvolvimento regional sustentável, tomando como estudo empírico o Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES?

O objetivo geral é identificar as contribuições do Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES) para a formação e fortalecimento de uma rede de empreendimentos econômicos solidários e para o desenvolvimento regional sustentável no Cariri cearense. Especificamente, pretende-se: conceituar Economia Solidária, Redes de Cooperação e Desenvolvimento Regional Sustentável; caracterizar o Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES) numa perspectiva histórica, estrutural e social; e, por fim, verificar as limitações e contribuições do Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES) para a rede de cooperação e desenvolvimento regional sustentável no Cariri cearense.

A importância da discussão consiste na hipótese corroborada, a partir do cumprimento dos objetivos, que o FOCAES tem um grande potencial para fortalecer as organizações solidárias locais e conseqüentemente a rede que se formou à sua volta, partindo do pressuposto que o mesmo tem uma significativa importância regional se configurando num ponto da rede que conecta, dissemina informações, conhecimento e empodera os atores/sujeitos para continuar promovendo as tão necessitadas transformações sociais, com inclusão, emancipação e valores éticos mais humanos.

A pesquisa foi realizada em etapas, de natureza essencialmente qualitativa por intermédio de um estudo de caso, com o uso da pesquisa bibliográfica, da observação participante, análise documental, caracterização do FOCAES, entrevista semi estruturada, e metodologia ativa, denominada Matriz de Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA) que permitiu analisar os resultados pela triangulação dos dados diagnosticando limites e possibilidades do fórum.

As discussões e análises estabelecidas neste trabalho foram estruturadas e divididas em cinco capítulos, além das considerações finais e desta parte introdutória. Na parte inicial denominada Encontros e desencontros: dos caminhos que andei, consta o encontro da pesquisadora com a temática. Na segunda parte, Caminhos da pesquisa, apresenta-se os caminhos metodológicos que foram seguidos para responder à problemática e alcançar os objetivos propostos. Na terceira parte, Redes de Cooperação Solidária: vislumbrando o Desenvolvimento Regional Sustentável, discorre-se sobre as bases conceituais e históricas da

Economia Solidária - ES fazendo um entrelaçamento entre esta e as Redes de Cooperação Solidária e Desenvolvimento Regional sustentável, justificado pela necessidade de ter um embasamento teórico dos conceitos e para dar sustentação à análise do estudo de caso do Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES. Na quarta seção, Fórum Caririense de Economia Solidária (FOCAES): por uma linha do tempo, descreve-se o contexto histórico do Fórum Caririense de Economia Solidária - FOCAES desde sua criação em 2010 até o ano de 2016, numa perspectiva histórica, estrutural e social. E na quinta seção, FOCAES: por uma rede de cooperação no Cariri cearense: enreda-se o FOCAES como um elemento fundamental e integrador de uma rede de cooperação no Cariri cearense, como sendo um ambiente que dialoga e integra a economia solidária no Cariri em redes, sendo de grande importância para o Desenvolvimento Regional Sustentável, ou seja, como sendo um movimento que se constitui numa pretensão estratégica na perspectiva de melhorar as condições locais de vida das pessoas, dos empreendimentos solidários e de uma comunidade e/ou região, sob todas as suas dimensões.

Nesse sentido, foi visto que fomento de práticas econômicas solidárias nos EES e a articulação destes em redes, tendo o FOCAES como uma ponte, apesar da dificuldade de dialogar com o poder público, criam um ambiente de promoção de constante troca de saberes, harmonizam as ações, disseminam informação e constroem movimentos de transformação no ser humano voltados para o ser solidário, afetivo e cooperativo que visam atitudes que beneficiam o bem comum, o coletivo, o social, enfim a sociedade.

Logo, as considerações finais seguem apresentando os maiores desafios do FOCAES e para sua atuação em rede, com a proposta desafiadora de promover o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos solidários no Cariri cearense. Esta seção também não segue no sentido de fechar à temática e tê-la como única verdade, mas se mostra como um caminho aberto para futuras pesquisas que busquem refletir sobre os fóruns e investigar mais possibilidades de fortalecimento na área.

## 1 ENCONTROS E DESENCONTROS: DOS CAMINHOS QUE ANDEI

*“Bendito aquele que consegue dar aos seus filhos asas e raízes”, diz um provérbio. Precisamos das raízes: existe um lugar no mundo onde nascemos, aprendemos uma língua, descobrimos como nossos antepassados superavam seus problemas. Em um dado momento, passamos a ser responsáveis por este lugar. Precisamos das asas. Elas nos mostram os horizontes sem fim da imaginação, nos levam até nossos sonhos, nos conduzem a lugares distantes. São as asas que nos permitem conhecer as raízes de nossos semelhantes, e aprender com eles. Bendito quem tem asas e raízes; e pobre de quem tem apenas um dos dois.” Paulo Coelho*

Este capítulo consta meu encontro com esta pesquisa, relata o que fui, o que sou e como cheguei até aqui. Primeiramente, é importante ressaltar, que nunca estive só. Para chegar até aqui, estiveram comigo pessoas que me ajudaram com dedicação, perseverança e sabedoria, pessoas humanas que estiveram dispostas a dar um pouco de si e trilharam este caminho que contribui para a sociedade e para minha formação, que considero mais humana do que mesmo profissional, do que vim a ser, do ser tornar-se.

De modo retrospectivo, inicio lembrando o que passou. De modo geral, nunca tive muitas escolhas, mas sempre abracei as oportunidades que se apresentavam. Na verdade eu vivia e vivo de esperança. ESPERANÇA... é a palavra que me move, o que me faz ser melhor e que representa o lugar de onde vim. O lugar de onde vim é uma cidadezinha do interior do Ceará, que tem por nome Milagres com aproximadamente 28 mil habitantes.

Milagres é um lugar sem muitas perspectivas profissionais, entretanto marcado pelo forte protagonismo de algumas pessoas que nunca aceitaram a vida que lhe foi dada, especialmente do “ser pobre” e sempre lutaram para conquistar algo melhor, ou pra si ou para seus filhos. Falo pobreza financeira, claro! Considerando as suas várias definições existentes. Lá todo mundo se conhece e por isso todos sabem um pouco da vida de cada um. Poderia aqui falar da história de sucesso de outras pessoas, as quais movidas pela esperança venceram, entretanto, prefiro falar da história de superação da minha família.

Como a maioria das famílias que em Milagres residem, meus pais e meus quatro irmãos, vivíamos do pouco do que plantava. Recordo-me do sítio (Sítio Gameleira) onde morávamos, da pequena casa que tínhamos, do curral do lado da nossa casa que meu pai tirava leite fresco todas as manhãs. Hoje, pensando saudosamente, era uma vida muito boa, mas também muito sofrida sem muitas oportunidades de estudar e crescer.

Meus pais vendo nosso crescimento e potencial e após um grande período de seca, com grandes perdas de plantios e morte do gado, resolveram vender tudo e mudar para mais próximo da cidade. Lá, na cidade, posso dizer que conhecemos muito mais o mal do que o bem, muito mais as dificuldades do que as facilidades.

Vendendo leite de porta em porta, meus pais conseguiram sustentar grande parte dos nossos estudos, eu como sendo a filha mais velha sair de casa aos 17 anos de idade para estudar fora e posteriormente ter maiores chances de ingressar na faculdade. Em Milagres as dificuldades iam só aumentando, mas minha família ia se reinventando e aos seus filhos deram oportunidade que nunca tiveram. Assim como eu, também foi seguindo a trajetória dos meus irmãos.

Milagres é assim... muitos de seus filhos vão embora, estudam, mas sempre voltam para revê-la, trabalhar ou apenas visitá-la, mas sempre retornam. A cidade não nos deu as devidas condições e nem sei quando poderá dar, mas aqui, posso dizer: é o lugar da esperança. O lugar de lutar por dias melhores, de vencer a pobreza, de vencer os medos e aventurar-se criando as condições com as poucas ferramentas que se tem num lugar como este. A esperança dos meus pais, juntamente com o trabalho e o fato de ser pobre, os tornaram protagonistas da sua própria história, da sua família, e vencedores e o lugar de onde vim está cheio deles.

É com este enredo que justifico o porquê do meu apego e preocupação em estudar as questões sociais. Filha de agricultores natos e pobres, pai analfabeto e mãe que só teve como estudar até 4ª série do ensino fundamental I, me vi no dever de estudar e melhorar as condições de vida dos meus pais e ajudá-los na educação dos meus irmãos.

Diante do frágil conhecimento que ainda tinha e da falta de condições para pagar uma faculdade particular, só iniciei minha vida acadêmica aos 20 anos de idade, no curso de Ciências Econômicas na Universidade Regional do Cariri – URCA. Passaram-se três anos, 6º semestre exatamente, para eu me dar conta da vaidade do curso, de modo geral, em mostrar e fazer valer seus múltiplos modelos econométricos, “infalíveis” e bem contabilizados. São modelos muitos bem elaborados, mas que não existia vida, apenas números.

As pessoas eram números, seu cotidiano, as dificuldades, a realidade eram números contabilizados e generalizados sem se conhecer as especificidades das pessoas na sua multiplicidade. Já dizia Gauthier (1999, p.60): “é um revelador e catalisador da heterogeneidade, muitas vezes encoberta por uma aparente homogeneidade”, então a minha visão era que os modelos econométricos tentavam homogeneizar e categorizar tudo.

Nesse ínterim, eu sempre me perguntava como iria ajudar as pessoas, como ia agir na transformação social com aqueles modelos econométricos que não buscavam estudar as vivências, as multiplicidades e observando a nova onda acadêmica pós-modernista que vêm quebrando algumas verdades estruturalistas.

Na contramão das verdades matemáticas como métodos de pesquisa únicos e verdadeiros, mas sempre os usando quando necessário, de modo complementar, durante a graduação procurei alternativas de estudo à ciência econômica. Foi então que no sétimo semestre cursei a disciplina optativa Meio Ambiente e Sustentabilidade, onde passei a me familiarizar na área e com pessoas que me ajudaram a pensar e decidir o que realmente queria. Posteriormente, desde 2012, passei a ser participante e pesquisadora efetiva do Projeto de Pesquisa e Extensão ECOS – Laboratório de Estudos em Economia Solidária e Sustentabilidade, desenvolvendo trabalhos e enfim escrevi a monografia com a titulação: “As práticas de Economia Solidária através do Associativismo na Região Metropolitana do Cariri – RMC”. Nesse trabalho eu pude saber, ouvir e ajudar as pessoas entendendo sua realidade. Nesse momento, me dei conta de que estava no caminho certo. Desde então, sempre procurei estudar e desenvolver trabalhos em áreas além da ciência econômica com ênfase na interdisciplinaridade, a qual me identifico consideravelmente e a qual seguirei na pós-graduação.

Então, estudar economia solidária e desenvolvimento sustentável, em meio ao classicismo da Ciência Econômica, me veio como uma linha de fuga. Poderia também dizer que estou num processo constante de *devenir*. O *devenir* foge da categorização produzida socialmente (DELEUZE E GUATTARI, 1995). Por exemplo, o *devenir* Altamira economista que pressupõem uma pessoa que estuda modelos econométricos que, na maioria dos casos, fortalecem o capital, na verdade vive hoje o *devenir* Altamira socio economista que estuda como acabar ou pelo menos enfraquecer o sistema capitalista ou ainda fortalecer as pessoas através do desenvolvimento do seu potencial para trabalhar e agir mediante outras formas de economia que não somente ser refém do capitalismo e que tanto tem deixado pessoas à margem do seu sistema.

Mediante tantas mudanças iniciais de pesquisa, por que estudar o Fórum Caririense de Economia Solidária - FOCAES? Vamos por partes... A proposta inicial de pesquisa seria estudar um empreendimento de economia solidária, mas isso já tinha feito na graduação e poderia dar continuidade posteriormente. Sentia a necessidade de algo maior. Outrora inspirada em algumas leituras sobre protagonismo feminino e economia solidária, vi um modo como relatar a vivência da minha mãe como uma mulher que protagonizou a sua vida e da sua família inteira. Nossa! Meus olhos brilharam... Eu queria estudar aquilo por inspiração dela.

Entretanto, tudo muda quando participei da reunião de planejamento do FOCAES em 2016. Quando notei a potencialidade daquelas pessoas discutindo, inovando, adquirindo conhecimento, trabalhando em rede, criando o marco regulatório municipal, dentre outras

atividades. Eu vi que eu poderia ir além de ajudar uma associação, ia além de homenagear minha mãe, eu ia poder adquirir experiência e a primeira coisa que me veio à mente foi: “eu posso articular o movimento de economia solidária na cidade onde nasci com o FOCAES, e fazer com que algumas pessoas reconheçam seu potencial, trabalhem em grupo e se mantenham ativas, através da implementação da economia solidária”. É muito triste ver como pessoas como meus pais que tanto gostavam da roça, se afastaram da atividade que lhes davam tanta vida, ver esposas donas de casa enquanto os maridos se aventuram fora para garantir o sustento da família.

Quando me efetivei como membro do FOCAES, comecei a fazer parte das suas atividades e conhecer suas fraquezas, eu vi que poderiam aumentar também seu potencial de abrangência fazendo com que as cidades do Cariri cearense tomem conhecimento da sua existência, dos seus objetivos e tentar trazer mais empreendimentos econômicos solidários para se articularem, discutirem suas urgências, se capacitar e fortalecer para viver e praticar essa outra forma de economia que tem ajudado tantas pessoas e que tem auto sustentação.

## 2 CAMINHOS DA PESQUISA

*"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar." Eduardo Galeano*

De acordo com Severino (2007, p. 226) uma pesquisa científica é importante para o processo construtivo “dos objetos do conhecimento e a relevância que a ciência assume na nossa sociedade”.

Gil (2010), diz que a pesquisa precisa estar metodologicamente sistematizada de forma racional, utilizando métodos e técnicas disponíveis adequadas à pesquisa, em busca de achar as respostas para os problemas propostos de modo a obter novos conhecimentos a partir da realidade social. Completa o mesmo autor, que a fase do planejamento é essencial para obter êxito de modo eficiente na pesquisa a partir da definição de metas que devem ser cumpridas num dado intervalo de tempo.

Nesse contexto, o objetivo dessa seção é apresentar os caminhos metodológicos que foram seguidos para responder à problemática e alcançar os objetivos propostos.

### 2.1 Sujeitos da pesquisa

De acordo com França Filho (2007), os fóruns de economia solidária funcionam como espaços que dialogam politicamente, reivindicam direitos, discutem ideias e políticas públicas, além de unir atores para benefício da autonomia das auto-organizações solidárias com perspectiva na sustentabilidade. O autor propõe contato direto destes com o poder público, estabelecendo uma relação de interdependência com estes. Para tanto, esse movimento, em parte, é doloroso na medida em que os fóruns têm dificuldades para reunir e unificar os diversos atores nas suas diversas formas de pensar e interagir, criando às vezes um ambiente conflituoso, mas que se torna essencial para que os atores pratiquem o aprendizado da democracia.

Nesse contexto, o trabalho tem como sujeitos de estudo os atores sociais que atuam no FOCAES. Este é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em 19 de dezembro de 2010, na Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar do Cariri - EXPOFAM.

De acordo com o Estatuto, o FOCAES é:

“um espaço permanente de diversas instituições, de representação, interlocução, discussão, proposição, troca de saberes e fomento ao apoio técnico para o desenvolvimento da Economia Solidária na Região do Cariri. Congrega

empreendimentos solidários, entidades de assessoria e fomento e gestores públicos, que atuam em consonância com os princípios e os objetivos das instancias nacionais de Economia Solidária” (FOCAES, 2010, p.1).

Logo, os sujeitos do FOCAES são os atores que atuam no fórum desde sua criação, em 2010, até o ano vigente. A composição do FOCAES e de alguns fóruns, geralmente se dá pela participação do tripé: empreendimentos solidários; entidades de assessoria e fomento e gestores públicos.

Empreendimentos Econômicos Solidários são organizações com as seguintes características: 1) Coletivas (organizações suprafamiliares, singulares e complexas, tais como associações, cooperativas, empresas autogestionárias, clubes de trocas, redes, grupos produtivos, etc.); 2) Seus participantes ou sócias/os são trabalhadoras/es dos meios urbano e/ou rural que exercem coletivamente a gestão das atividades, assim como a alocação dos resultados; 3) São organizações permanentes, incluindo os empreendimentos que estão em funcionamento e as que estão em processo de implantação, com o grupo de participantes constituído e as atividades econômicas definidas; 4) Podem ter ou não um registro legal, prevalecendo a existência real; 5) Realizam atividades econômicas que podem ser de produção de bens, prestação de serviços, de crédito (ou seja, de finanças solidárias), de comercialização e de consumo solidário; Entidades de assessoria e/ou fomento são organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos empreendimentos solidários, tais como: capacitação, assessoria, incubação, pesquisa, acompanhamento, fomento à crédito, assistência técnica e organizativa; Gestores públicos são aqueles que elaboram, executam, implementam e/ou coordenam políticas de economia solidária de prefeituras e governos estaduais (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2016, p.1, grifos do autor).

Embora o fórum atue desde 2010, os sujeitos mapeados nesse trabalho são referentes aos participantes do ano de 2013 a 2016, pois só a partir de então foi dado início ao processo sistematização de dados, como atas, relatórios, frequências, dentre outros documentos.

Os quadros 01, 02 e 03 abaixo, identificam as instituições que congregam os sujeitos e consequentemente os atores da rede de cooperação solidária que se formou em volta do FOCAES.

Quadro 01 - Sujeitos da pesquisa referentes às Entidades de Apoio e Fomento - EAF

ENTIDADE DE APOIO E FOMENTO	CIDADE
ACB - Associação Cristã de Base	Crato
AFAGU- Assistência Familiar Anjo da Guarda	Varzea Alegre
AFAGU-Assistência Familiar Anjo da Guarda	Lavras da Mangabeira
BNB- Banco do Nordeste do Brasil	Crato
BNB- Banco do Nordeste do Brasil	Juazeiro do Norte
Cáritas Diocesana	Crato
COGERH - Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará	Crato
Conselho da Mulher	Crato
FETRAECE- Federação dos Trab. Rurais Agric. e Agric. do Estado do Ceará	Crato
Geopark/Urca	Crato
GRUNEC- Grupo de Valorização Negra do Cariri	Crato
Grupo ECOS- Economia Solidária e Sustentabilidade	Crato
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Juazeiro do Norte
ICMBIO- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	Crato
Instituto Flor do Piquí	Crato
ITEPS/UFCA-Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários	Juazeiro do Norte
Pastoral da Terra	Crato
SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	Juazeiro do Norte
SEBRAE- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	Crato
SENAR-Serviço Nacional de Aprendizagem Rural	Fortaleza
SESC-Serviço Social do Comércio	Crato
Sindicato dos Trabalhadores eTrabalhadoras Rurais	Varzea Alegre
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Crato
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Abaiara
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Juazeiro do Norte
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Farias Brito
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Caririaçu
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Barbalha
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Salitre
Tv Verdes Mares	Juazeiro do Norte
UFCA- Universsidade Federal do Cariri	Juazeiro do Norte
UFC-Universidade Federal do Ceará	Juazeiro do Norte
URCA-Universidade Regional do Cariri	Crato

Fonte: Atas e frequências do ano de 2013 a 2016 do FOCAES. Elaboração própria.

Quadro 02 - Sujeitos da pesquisa referentes aos Empreendimentos Econômicos Solidário-EES

EMPREENDEMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	CIDADE
ACOM-Associação Comunitária de Milagres	Milagres
ADAC-Associação de Desenvolvimento Autogestionário do Cariri	Barbalha
AQUASIS- Assoc. de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos	Crato
ASIDESS-Assoc. de Integração e Desenvolvimento Social e Sustentável	Várzea Alegre
Assentamento 10 de Abril	Crato
Assentamento dos Agricultores Alegre Frutas	Crato
Assentamento Serra Verde	Caririaçu
Associação Arte e Vida	Crato
Associação Batateira	Crato
Associação Baxio das Palmeiras	Crato
Associação Beneficente Cultural Nossa Senhora de Fátima	Várzea Alegre
Associação Cariri Arte	Crato
Associação Comunitária Chapada do Araripe	Crato
Associação Comunitária de Mulheres e Adjacência	Várzea Alegre
Associação Comunitária do Conjunto Belas Artes	Crato
Associação do Bovinocultores	Araripe
Associação do Farias	Crato
Associação do Sítio Boa Esperança	Barbalha
Associação do Sítio Cabeceiras	Barbalha
Associação do Sítio Catolé	Santana do Cariri
Associação do Sítio Corujas	Crato
Associação do Sítio Genipapo	Crato
Associação do Sítio Macaúba	Barbalha
Associação dos Artesãos de Jardim	Jardim
Associação dos Pequenos Agricultores do Engenho da Serra	Crato
Associação Fênix Artesanato	Várzea Alegre
Associação Malhada	Barbalha
Associação Minguiriba	Crato
Associação Moradores do Sítio Coité	Barbalha
Associação Rua Nova	Barbalha
Associação Santa Cruz	Barbalha
Associação Santo Antonio-Arajara	Barbalha
Associação Sítio Páscoa	Crato
Associação Sítio Riacho do Meio	Barbalha
Associação Vila Nova	Crato
ATRAF- Associação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar	Crato
Cariri Flora	Crato
Casa de Sementes Sr. dos Exércitos	Crato
Casa Lilás	Crato
CEART - Central de Artesanato do Cariri	Juazeiro do Norte
COBEC - Conselho Beneficente de Crianças e Trab. Carentes de Quitaiús	Lavras da Mangabeira

EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	CIDADE
Cooperativa Engenho do Lixo	Juazeiro do Norte
COOPERCATO - Cooperativa de Crédito Rural dos Agricultores Familiares	Crato
FIBRARTE- Associação de Artesanato em Fibras	Missão Velha
Fundação ARCA - Associação Raízes Culturais de Altaneira	Altaneira
Grupo Urucongo de Artes-Caritas	Crato
ISPAF - Instituição Sociocomunitária da Vila Passos Feliz	Lavras da Mangabeira
Kariris Ambiental	Caririáçu
Meizinheiras	Crato
Mirawê	Crato
Mulheres do Coco	Crato
SINTROEC-Sindicato dos Trab. Orgânicos e Ecológicos do Cariri	Crato
SOAF- Sociedade de Assistência a Criança	Abaiara
SOAF- Sociedade de Assistência a Criança	Milagres
UNAB-União dos Associados de Barbalha	Barbalha

Fonte: Atas e frequências do ano de 2013 a 2016 do FOCAES. Elaboração própria.

### Quadro 03 - Sujeitos da pesquisa referentes aos Poderes Públicos - PP

INSTITUIÇÕES PÚBLICAS	CIDADE
ADAGRI - Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Ceará	Varzea Alegre
CAPS- Centro de Atenção Psicossocial	Lavras da Mangabeira
CMDS-Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável	Varzea Alegre
EMATERCE - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará	Crato
EMATERCE - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará	Barbalha
EMATERCE - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará	Várzea Alegre
Instituto Agropolos	Crato
SDA- Secretaria de Desenvolvimento Agrário	Caririáçu
SDET- Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo	Crato
Secretaria de Agricultura	Crato
Secretaria de Cultura	Lavras da Mangabeira
Secretaria de Educação	Crato
Secretaria de Educação	Lavras da Mangabeira
Secretaria do Meio Ambiente	Lavras da Mangabeira
Secretaria do Meio Ambiente	Barbalha
SECULT-Secretaria de Cultura	Crato
SEDEST-Secretaria de Desenv. Social e Transparência de Renda	Juazeiro do Norte
SEMAM- Secretaria de Meio Ambiente e Controle Urbano	Crato
SEMMA- Secretaria Municipal do Meio Ambiente	Lavras da Mangabeira
SEMMA- Secretaria Municipal do Meio Ambiente	Várzea Alegre
SINE/IDT - Sistema Nacional de Emprego / Inst. de Desenv. do Trabalho	Juazeiro do Norte

Fonte: Atas e frequências do ano de 2013 a 2016 do FOCAES. Elaboração própria.

Nessa perspectiva, O FOCAES nasceu com a missão de articular, fortalecer e representar o movimento de Economia Solidária na região do Cariri frente à sociedade e aos poderes públicos, contribuindo na construção de um novo modelo sócio econômico através da

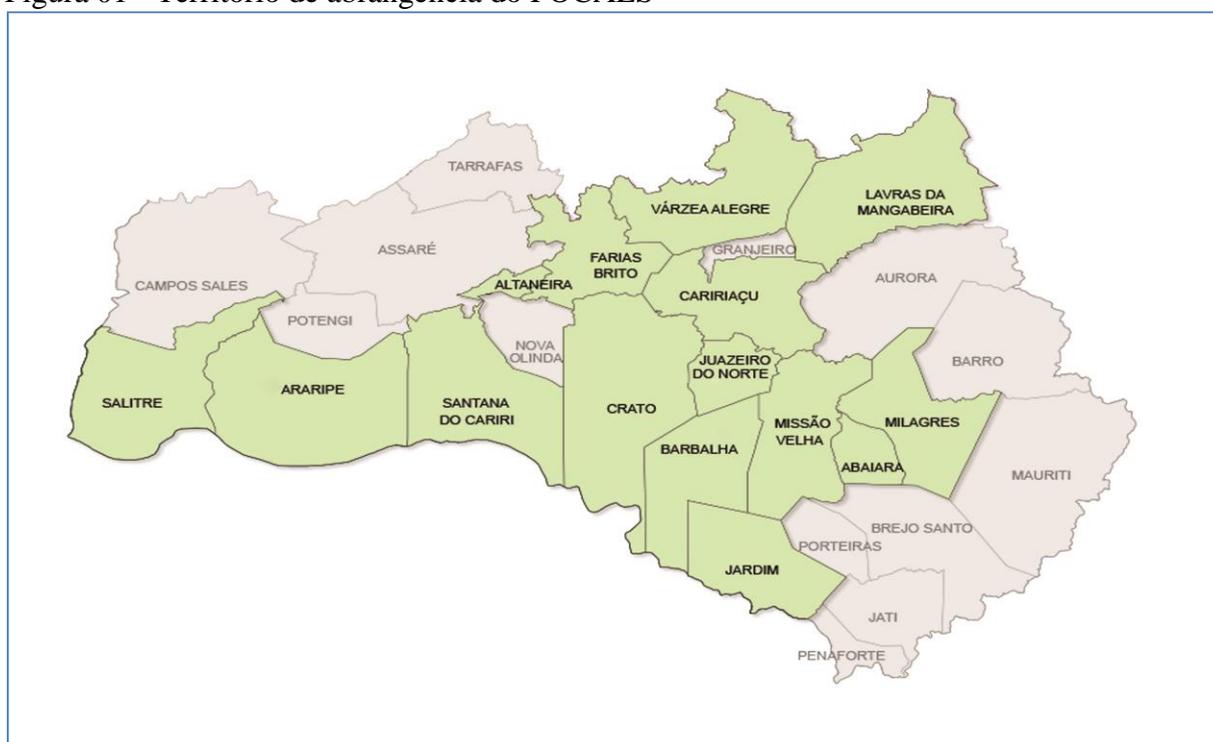
orientação de ações e mobilizações em torno das bandeiras de luta do FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FOCAES, 2010, p.1).

## 2.2 *Lócus da pesquisa*

A escolha do *lócus* da pesquisa empírica ter sido o Cariri se justifica na representatividade que o FOCAES tem na região, promovendo uma forte articulação em redes de cooperação no Cariri cearense integrando e interagindo os empreendimentos econômicos solidários. É importante destacar que o mesmo ainda não se integralizou de modo a abranger todas as cidades e empreendimentos econômicos solidários do Cariri cearense.

As cidades que fórum deve atuar, segundo sua regulamentação, são 28 no total: Abaira, Altaneira, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santos, Campos Sales, Caririagu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Várzea Alegre, Lavras da Mangabeira, Tarrafas e Jati, conforme figura 01.

Figura 01 - Território de abrangência do FOCAES



Fonte: Elaboração própria a partir da Base Cartográfica Digital - Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE, 2016).

Entretanto, como será visto a seguir, o fórum só conseguiu atuar em 15 dessas cidades, que são: Abaiara, Altaneira, Araripe, Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Milagres, Missão Velha, Salitre, Santana do Cariri, Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira.

### **2.3 Natureza da pesquisa**

É um estudo exploratório e descritivo, “levanta informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifesto desse objeto” (SEVERINO, 2007, p.23) e o explicativo/descritivo analisa, registra e identifica os fenômenos e suas causas por meio de método experimental/matemático ou interpretação por meio de métodos qualitativos. Completa Gil (2010), que a pesquisa descritiva detalha as características de um grupo: idade, sexo, escolaridade, dentre outros, assim como também pode gerar opiniões, atitudes, crenças e natureza de uma população escolhida.

Quanto à abordagem, é de natureza qualitativa:

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais, compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos no mundo social trata-se de reduzir as distâncias entre indicador e indicado, entre teorias e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 520).

De acordo com Minayo (2012, p. 21), a pesquisa qualitativa, se ocupa de um “universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Esse conjunto de significados humano fenomenológicos é visto como parte da realidade social e não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Logo, essa abordagem qualitativa, se justifica pela necessidade de não apenas contabilizar, mas também pela necessidade de “entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1989, p.38), onde as pessoas, além de ser objeto de estudo são sujeitos de uma história.

### **2.4 Tipo de pesquisa**

Quanto à estratégia empregada para operacionalizar a pesquisa, foi adotado o método do estudo de caso a partir de uma observação participante, que segue detalhada nas próximas subseções. Estudo de caso é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto e o contexto não são claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32).

Nesse sentido, o uso do estudo de caso se justifica na medida em que respondem a questões do tipo “como” e “por que”, típica de estudos exploratórios, quando o pesquisador tem pouco ou nenhum domínio sobre os acontecimentos e quando o fenômeno é moderno e se assenta na vida real (YIN, 2005). “É também bastante eficiente quando se procura compreender fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, pois propõe uma pesquisa que preserva as características do objeto de estudo.” (YIN, 2005, p. 32).

As fontes primárias foram conseguidas a partir da observação participante, diagnóstico participativo, entrevistas semi estruturadas com representantes do FOCAES. Foram definidos critérios de representatividade, onde somente se considerou como representante aquele que atendia a um enquadramento de participação efetiva no fórum, como alguém que cumpre com as disposições estatutárias e regimentais do fórum; atende as decisões do coletivo; participa das reuniões, ainda que de maneira sazonal; e trabalha em prol dos objetivos da rede, fortalecendo-a.

## 2.5 Coleta de dados

A coleta de dados para composição do estudo de caso se deu a partir de diversas fontes. Nesse sentido, Yin (2005), apresenta seis fontes de evidências: a documentação, os registros em arquivos, as entrevistas, a observação direta e participante, e os artefatos físicos. Além destes, se utilizou da ferramenta de coleta denominada Matriz FOFA<sup>1</sup> (forças, oportunidades, fraquezas e ameaças). Nesse caso, usam-se as ferramentas: documentações, entrevistas semi-estruturadas e observação direta e participante.

Completa o mesmo autor, que as fontes de evidências podem ser potencializadas a partir de três princípios: utilizar várias fontes de evidência, o que vai permitir a triangulação dos dados; criar um banco de dados para o estudo de caso, a fim de organizar e documentar os dados coletados; manter o encadeamento de evidências, onde um observador percebe a partir de ênfases iniciais, questões finais do estudo de caso (YIN, 2005).

Para uma melhor identificação das fases da pesquisa quanto à coleta de dados seguem subitens explicando como se deu o procedimento em cada objetivo, dado que são técnicas de coletas de dados diferentes que serão usados em cada fase da pesquisa.

---

<sup>1</sup> A Matriz FOFA vem da sigla SWOT, tem origem inglesa, dos termos Strengths (pontos fortes), Weaknesses (pontos fracos), Opportunities (oportunidades) e Threats (ameaças). É uma ferramenta clássica da administração, que pode ser usada por qualquer instituição como forma de autoconhecimento aprofundado da organização e serve como guia para elaboração e execução de um plano de ação (RODRIGUES, *et al.*, 2005).

### *2.5.1 Coleta de dados para cumprimento da etapa de composição conceitual da pesquisa*

Para atender o primeiro objetivo específico, foi feita uma pesquisa bibliográfica para obter embasamento teórico para os conceitos de Economia Solidária, Redes de Cooperação e Desenvolvimento Regional Sustentável, propondo um entrelaçamento desses conceitos entre si e com o objeto de estudo.

### *2.5.2 Coleta de dados para Caracterizar o FOCAES numa perspectiva histórica, estrutural e social*

A coleta de dados nessa fase descritiva da pesquisa se deu através de entrevistas semi estruturadas e pesquisa documental referente a arquivos do FOCAES para discorrer sobre seu surgimento, historicidade e conceituação do fórum no Cariri, no intuito de traçar uma linha do tempo do fórum até os dias atuais.

De acordo com Severino (2007), a pesquisa documental é ampla e considera documentos impressos, jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais entre outros artefatos. Além dessas fontes, utilizou-se os registros em atas, frequências, relatórios das reuniões e alguns levantamentos anuais, a qual foi dado um tratamento analítico para atender o objetivo de investigação.

As entrevistas possibilitam saber o que os sujeitos “pensam, sabem, representam, fazem e argumentam”. O tipo de entrevista utilizada foi a semi estruturada, que torna o diálogo mais flexível para o entrevistado deixando-o livre para discorrer sobre determinadas respostas além da introdução de perguntas viáveis na conversa, na medida em que iam surgindo dúvidas e curiosidades (SEVERINO, 2007, p. 124).

Para esse contexto conceitual e histórico do FOCAES foram aplicadas entrevistas (apêndice 01) com três representantes do fórum. É importante ressaltar, que a composição EES EAF e PP é uma singularidade do FOCAES, pois, no geral, os fóruns não possuem representações do PP. A representatividade de escolha das três pessoas entrevistadas se justifica pelo fato das mesmas serem coordenadoras do fórum e membros representantes e intermediadores de suas instituições dentro do fórum, mesmo as discussões sendo livres e abertas a qualquer pessoa.

As entrevistas foram realizadas com um membro dos empreendimentos econômicos solidários a qual faz parte da Associação de Integração e Desenvolvimento Social e

Sustentável (ASIDES), com um membro representante das entidades de apoio e fomento a qual faz parte do Serviço Nacional do Comércio (SESC), e um membro representante do poder público local a qual faz parte da Secretaria de Meio Ambiente de Crato (SEMAC), nomeados respectivamente, Alfredo Sobrinho, Heliane Pereira e Ianamar Xavier. A entrevista seguiu com caráter flexível de uma conversa formal guiada, realizada na primeira reunião de planejamento, no dia 27 de janeiro de 2016.

### *2.5.3 Coleta de dados para composição da análise da contribuição do FOCAES para a rede de cooperação e desenvolvimento regional sustentável no Cariri Cearense.*

A coleta de dados utilizada para o último objetivo foi, essencialmente, por intermédio da pesquisa participante e da Matriz de Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças, conhecida como Matriz FOFA. A pesquisa participativa se faz necessária quando a investigação empírica ocorre com o pesquisador inserido no ambiente onde ocorrem os fenômenos a serem explorados e o estudo de caso, pela profundidade e detalhamento de análise que se propõe a pesquisa no FOCAES.

A observação participante, que é essencial para se ter um maior conhecimento do objeto de estudo a qual Brandão (1981) indica como minimizadora do hiato entre o sujeito do conhecimento e seu objeto de estudo, onde a pesquisadora buscou envolvimento nos movimentos e discussões de economia solidária desenvolvidos pelo FOCAES.

Partindo do pressuposto que a abordagem qualitativa requer uma investigação interpretativa da realidade social num determinado contexto, escolheu-se a Matriz FOFA, pois esta consiste em levantar o maior número possível de itens para cada característica.

Essas características, segundo Oliveira (2002, p.90), são divididas em internas e externas:

“Os pontos fortes e fracos compõem a análise interna da empresa, enquanto as oportunidades e ameaças compõem sua análise externa. Os pontos fortes e fracos representam as variáveis controláveis, enquanto as oportunidades e as ameaças representam as variáveis não controláveis pela empresa. Fica evidente que o problema maior são as variáveis sobre as quais não se tem controle” (OLIVEIRA, 2002, p.90).

Essa ferramenta além de tornar viável uma análise atual do FOCAES construída pelos próprios atores do fórum permite servir como embasamento para identificar limites, traçar objetivos para superá-los, abrindo possibilidades para seu desenvolvimento a partir de um plano de ações. Posteriormente, foi possível identificar alguns limites e possibilidades do fórum e classificá-los a partir das dimensões da sustentabilidade de (CHACON, 2007).

Para aplicação dessa metodologia ativa, foi preciso planejar uma reunião minuciosa realizada no dia 06 de dezembro de 2016, conforme quadro 04.

Quadro 04 - Planejamento da reunião para aplicação da metodologia ativa Matriz FOFA

CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RECURSOS	DURAÇÃO
08:00 - 09:00 Abertura – Fala da Prof. Dra. Laudeci Martins (URCA/UFCA)	- Dar as boas-vindas  - Dialogar sobre a atual conjuntura econômica e os desafios da ECOSOL no Brasil	- Apresentação dialogada com uso de slides/vídeos	Data show (se necessário)	1:00
09:00 - 09:10 – Intervalo				
09:10 às 09:30 -Matriz FOFA: bases conceituais	- Discutir a respeito da construção da matriz FOFA e sua eficiência para obtenção de dados reais sobre o estudo de caso FOCAES.	- Apresentação dialogada com uso de slides/vídeos – Altamira/Laudeci  Vídeo:Corrida de crianças deficientes  <a href="https://www.youtube.com/watch?v=7UXii-LsuUk">https://www.youtube.com/watch?v=7UXii-LsuUk</a>	-Computador e Data Show	0:20
09:30 às 10:30 - Matriz FOFA: construção a partir dos atores do FOCAES	- Construir uma matriz de Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças sobre o FOCAES e sua atuação na rede de ECOSOL no Cariri.	- Interação dos integrantes do FOCAES: Empreendimentos econômicos solidários, Entidade de Apoio e Fomento e Poder público.	- Computador Word (2010)	1:00

Fonte: Elaboração própria

Posteriormente a essa reunião de avaliação, no dia 15 de fevereiro de 2017, houve a reunião de planejamento para o primeiro semestre deste ano (2017). A pesquisadora baseada nos dados adquiridos com a matriz FOFA identificou as dificuldades e deu um retorno para o fórum em forma de ações que o FOCAES deve objetivar para superá-los. Podendo, por fim, cumprir o objetivo de analisar os limites e possibilidades do FOCAES para a formação de uma rede efetiva de cooperação solidária no Cariri cearense.

Para o processo de análise, é preciso que o pesquisador tenha algumas habilidades. Yin trata das habilidades que se esperam de um pesquisador num estudo de caso e ressalta que estas têm maior exigência do que realizar um simples experimento ou um levantamento. Ou seja,

Uma pessoa deve ser capaz de *fazer boas perguntas* - e interpretar as respostas; uma pessoa deve ser uma boa ouvinte e não ser enganada por suas próprias ideologias e preconceitos; uma pessoa deve ser capaz de ser *adaptável e flexível*, de forma que as situações recentemente encontradas possam ser vistas como oportunidades, não ameaças; uma pessoa deve ter uma *noção clara das questões que estão sendo*

*estudadas*, mesmo que seja uma orientação teórica ou política, ou que seja de um modo exploratório. Essa noção tem como foco os eventos e as informações relevantes que devem ser buscadas a proporções administráveis; uma pessoa deve ser *imparcial em relação a noções preconcebidas*, incluindo aquelas que se originam de uma teoria. Assim, uma pessoa deve ser sensível e estar atenta a provas contraditórias (YIN, 2005, p. 63-64. Grifos do autor).

Estes meios de coletas de dados juntamente com orientação para se ter habilidade, norteou-nos em busca de uma eficiência na aquisição e no tratamento dos dados.

## 2.6 Análise dos dados

Para cada forma de coleta de dados explanada acima foi definida uma técnica de análise e/ou tratamento dos dados conseguidos na pesquisa. Para uma melhor visualização segue o quadro 05, explicativo do tipo de análise para cada tipo de dado que nos guiou na consonância dos objetivos da pesquisa.

Quadro 05 - Demonstrativo de tipo de coletas de dados e análise relacionado aos objetivos

OBJETIVOS	COLETA/ DE DADOS	TIPO DE ANÁLISES
Conceituar Economia Solidária, Redes de cooperação e Desenvolvimento Regional Sustentável	-Pesquisa bibliográfica	Análise descritiva
Caracterizar o Fórum Cariense de Economia Solidária (FOCAES), numa perspectiva histórica, estrutural e social	-Pesquisa documental Entrevistas semi-estruturadas -Observação participante	Análise documental Análise descritiva
Analisar a contribuição do Fórum Cariense de Economia Solidária (FOCAES) para a rede de cooperação e desenvolvimento regional sustentável no Cariri cearense.	-Observação participante -Entrevistas semi-estruturadas - Matriz FOFA	Análise exploratória explicativa

Fonte: Elaboração própria

A análise documental se refere na busca de arquivos guardados do próprio FOCAES que, em parte, não foram dados um tratamento analítico e científico. Estes ajudaram na construção da historicidade e conceituação do fórum, como lócus da pesquisa.

A análise documental, de acordo com Severino (2007), consiste em dar um tratamento analítico a documentos impressos, jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais, atas etc, onde se pôde investigar e analisar.

A análise exploratória explicativa se justificou quando além de levantar informações sobre um determinado campo de trabalho, mapeando suas manifestações, foi possível,

também, identificar as causas, seja pelo método experimental/matemático ou interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos (SEVERINO, 2007).

## **2.7 Aspectos éticos da pesquisa**

Este trabalho está de acordo com a Resolução N° 196/96 (versão 2012) do Conselho Nacional da Saúde que discorre sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.

Os atores da pesquisa foram submetidos antes das entrevistas, a conhecer e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, contido abaixo do roteiro guiado da entrevista semi estruturada (apêndice 01). No caso da aplicação da metodologia ativa, nesse caso a Matriz FOFA, os participantes assinaram uma folha de frequência (anexo 01) onde confere sua participação na construção dessa coleta de dados sobre o FOCAES, lembrando que antes de iniciar todo o processo foi entregue uma folha explicativa dizendo que as informações ali registradas iriam compor este trabalho (apêndice 02).

Estes são documentos explicitados, de linguagem acessível, contendo as devidas informações aos participantes e/ou representantes legais, onde se consente ou não a participação e o uso das informações prestadas.

Os aspectos éticos, que envolvem os seres humanos dessa pesquisa atendem a regulamentação de eticidade contida nessa mesma resolução (RESOLUÇÃO N° 196/96, 2012, p 3), que implica em:

- Respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade sob forma de manifestação expressa, livre e esclarecida, de contribuir e permanecer ou não na pesquisa;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados;
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

De modo complementar, também foram seguidas as exigências ressaltadas na regulamentação, embora se devam seguir todas, seguem algumas tidas como essenciais, como: utilizar métodos adequados; contar com o consentimento do participante mediante assinatura de termo; prever procedimentos que garantam a privacidade e confidencialidade, além de proteção da imagem do participante; comunicar às autoridades competentes os

resultados da pesquisa sempre que estes contribuam para a melhoria nas condições de vida da coletividade; dar um retorno dos resultados da pesquisa aos envolvidos, dentre outros (RESOLUÇÃO N° 196/96, 2012). .

Assim, essa pesquisa, executada com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), propõe juntamente com o pesquisador e as instituições envolvidas, “assumir proporcionalmente as responsabilidades de dar assistência integral aos participantes da pesquisa no que se refere às complicações e danos decorrentes da pesquisa” (RESOLUÇÃO N° 196/96, 2012, p.9).

Portanto, mediante toda metodologia apresentada, segue na próxima seção denominada “Redes de Cooperação Solidária: vislumbrando o Desenvolvimento Regional Sustentável, um entrelaçamento de bases conceituais que deu suporte ao estudo de caso posteriormente.

### **3 REDES DE COOPERAÇÃO SOLIDÁRIA: VISLUMBRANDO O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL**

Este capítulo objetiva discorrer sobre as bases conceituais e históricas da Economia Solidária - ES fazendo um entrelaçamento entre esta e as Redes de Cooperação Solidária e Desenvolvimento Regional Sustentável. Esse diálogo se justifica pela necessidade de ter um embasamento teórico dos conceitos e para dar sustentação à análise do estudo de caso do Fórum Cariense de Economia Solidária – FOCAES.

#### **3.1 Economia Solidária: uma outra economia em construção**

Os estudos na área de economia solidária e suas práticas aplicadas aos empreendimentos solidários têm crescido na medida em que aumenta a desigualdade econômica e social entre as pessoas.

O desenvolvimento da economia solidária, a princípio, nasceu como uma forma dos trabalhadores se organizarem e se fortalecerem, de início em sindicatos e cooperativas para defender e conquistar seus direitos. Atualmente, tem reaparecido como resposta à exclusão gerada pelo sistema capitalista, ao desemprego e ao trabalho exploratório, bem como uma alternativa de organização das relações sociais, objetivando o interesse comum dos indivíduos.

No mesmo sentido, a “economia solidária foi inventada por operários, nos primórdios do capitalismo industrial, como resposta à pobreza e ao desemprego resultante da difusão “desregulamentada” das máquinas-ferramentas e do motor a vapor do século XIX” (SANTOS, 2005, p.83).

No Brasil, a economia solidária surgiu, notadamente, nos anos de 1980 e 1990, quando a mesma se generalizou (BARBOSA, 2007), promovendo o desenvolvimento de instituições e entidades que apóiam e praticam as iniciativas comunitárias e articulações populares, passando a se articular de forma mais efetiva (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE, 2015).

[...] essa nova forma de articulação comercial ganhou espaço e está organizada em diversos fóruns locais e regionais, que resultaram na criação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Cerca de 27 fóruns estaduais com seus participantes articulados em forma de empreendimentos, entidades de apoio e rede de gestores públicos de economia solidária, estão espalhados por todo o Brasil. A cada dia a economia solidária se fortalece e se articula para criar novos empreendimentos econômicos solidários. O apoio dos governos municipais e estaduais tem ajudado a alavancar essas iniciativas com o fortalecimento de políticas públicas. O Governo Federal também tem contribuído. Em 2003, surgiu a Secretaria Nacional de Economia Solidária que está implementando o Programa Economia Solidária em

Desenvolvimento (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE, 2015, p.1).

O objetivo é o fortalecimento da economia solidária por meio de políticas integradas para desenvolver a capacidade de gerar renda e emprego e promover inclusão social, se revelando em uma outra economia que sempre esteve ligada às lutas e transformações sociais, assim como a uma tradição de economia popular, adotando-a como um outro meio de sustentação das formas de vida de pessoas em sociedade, não centradas e independentes das esferas do Estado e do Mercado (FRANÇA FILHO, 2002).

Nesse contexto, a economia solidária se torna um exercício econômico que atua diferente da lógica de Estado e de mercado, movida por ações humanas baseadas na reciprocidade e em prol de um bem comum, reduzindo as disparidades e aproximando a esfera social, econômica e a política (LAVILLE *et al.*, 1994).

No mesmo sentido, Nunes (2002) diz que

[...] há aspectos econômicos sociais, políticos e culturais a serem observados, que, mesmo sendo imbricados, podem ser desdobrados com o intuito de propor um melhor entendimento do fenômeno. Do ponto de vista econômico observa-se uma vinculação com o aumento do desemprego; do ponto de vista político, com o enfraquecimento da ideia de um Estado do Bem-Estar Social; do ponto de vista social, com a intranquilidade que se representa na junção dos dois problemas citados, e do ponto de vista cultural, com pretendidas modificações identitárias que estariam em gestação no momento (NUNES, 2002, p.62).

Logo, vê-se a importância de reconhecer e compreender os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais para entender o fenômeno da economia solidária a partir de diferentes olhares.

Singer, um dos principais intelectuais sobre a economia solidária no Brasil, conceitua o fenômeno como um “modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho” (SINGER; SOUZA, 2000, p. 13).

Mesmo sendo hegemônico, o capitalismo não impede o desenvolvimento de outros modos de produção porque é incapaz de inserir dentro de si toda população economicamente ativa. A economia solidária cresce em função das crises sociais que a competição cega dos capitais privados ocasiona periodicamente em cada país. Mas ela só se viabiliza e se torna uma alternativa real ao capitalismo quando a maioria da sociedade, que não é proprietária de capital, se conscientiza de que é de seu interesse organizar a produção de um modo em que os meios de produção sejam de todos os que os utilizam para gerar o produto social (SINGER, 2003, p.86).

Ou seja, mesmo diante da hegemonia capitalista, Singer vai afirmar que o mesmo não impede outros modos de produção, na medida em que o capital não congrega a todos e gera competitividade, desigualdade, exclusão e outros problemas sociais.

De forma complementar, a economia solidária é:

[...] outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda. (SINGER, 2000, p.10).

Ainda segundo Singer (2003), a economia solidária tem como princípio norteador a solidariedade, que se constitui numa relação de companheirismo e autogestão entre os associados. Onde “a chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais” (SINGER, 2003, p.9).

A autogestão é uma característica essencial das iniciativas econômicas solidárias diretamente ligadas à coletividade e a democracia, não é somente uma forma de administrar, mas um conceito que possui múltiplas dimensões; social, econômico, político e técnico. Enfatiza Albuquerque (2003, p. 20-21),

[...] social, pois enquanto construção social a autogestão deve ser percebida como resultado de um processo capaz de engendrar ações e resultados aceitáveis para todos os indivíduos e grupos que dela dependem; econômico, são processos de relações sociais de produção, que se definem sobre práticas que privilegiam o fator trabalho em detrimento do capital; política, se fundamenta a partir de sistemas de representação cujos valores, princípios e práticas favorecem a criam condições para que a tomada de decisões seja o resultado de uma construção coletiva que passe pelo poder compartilhado (de opinar e decidir), de forma a garantir o equilíbrio de forças e o respeito aos diferentes atores e papéis sociais de cada um dentro da organização; e técnica, insinua a possibilidade de uma outra forma de organização e de divisão do trabalho.

Cattani (2009), diz que a Economia Solidária é gerida pelos princípios da autogestão, sustentabilidade, inclusão, solidariedade para uma emancipação social dos indivíduos. Nesse sentido, a emancipação se caracteriza num “processo ideológico e histórico de libertação de comunidades políticas ou grupos sociais, da dependência, da tutela e da dominação nas esferas econômicas, sociais e culturais” (CATTANI 2009, p.175). O mesmo autor tem denominado economia do trabalho, novo cooperativismo, empresas autogestionárias e economia solidária, de ‘a outra economia’.

Gaiger (2004) identificou em seus estudos acerca de empreendimentos da área da agricultura familiar, da agroindústria, das cooperativas de transportes e de serviços, das unidades coletivas de lixo urbano, das cooperativas de produção de calçados, facções e das fábricas autogestionárias no setor metalúrgico, oito princípios centrais que norteiam a economia solidária: autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, autosustentação, desenvolvimento humano e responsabilidade social.

No mesmo sentido, o Atlas da Economia Solidária (2006) traz quatro peculiaridades essenciais e integrantes da Economia Solidária: cooperação, autogestão, atividade econômica e solidariedade. Estas são complementares e se caracterizam como:

1. Cooperação: existência de interesses e objetivos comuns, união dos esforços e capacidades, propriedade coletiva parcial ou total de bens, partilha dos resultados e responsabilidade solidária diante das dificuldades. 2. Autogestão: exercício de práticas participativas de autogestão nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses. 3. Atividade Econômica: agregação de esforços, recursos e conhecimentos para viabilizar as iniciativas coletivas de produção, prestação de serviços, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. 4. Solidariedade: preocupação permanente com a justa distribuição dos resultados e a melhoria das condições de vida de participantes. Comprometimento com o meio ambiente saudável e com a comunidade, com movimentos emancipatórios e com o bem estar de trabalhadoras e consumidoras (ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2006, p.12).

A Economia Solidária veio como uma “válvula de escape”, conquistada através de lutas contínuas contra a perversidade do capitalismo. Desenvolve atividades cooperativas em prol de um interesse comum, geração de renda e trabalho, numa perspectiva de ser um modelo mais justo, solidário e sustentável (SINGER, 2003).

Em outra ótica, tem-se a reestruturação socio-econômica questionada por Arruda, que considera os princípios do cooperativismo, da autogestão e da solidariedade são propostas para um desenvolvimento que “reconstrói o global a partir da diversidade do local e do nacional” (ARRUDA, 1996, p. 27).

Arruda, a partir de uma visão mais humana, relaciona a Economia solidária a uma socioeconomia onde as relações sociais são mais sensíveis e baseadas no amor. Afirma que a economia solidária é “o profundo desejo de felicidade, que não pode existir sem autorespeito, respeito mútuo e laços de amor entre as pessoas” (ARRUDA 2004, p.1). O amor, para Arruda, é um sentimento de felicidade individual, que no desenvolvimento de si mesmo, devolve-se no coletivo uma espécie de solidariedade consciente e fortalecimento de vínculos entre os sujeitos a partir da afetividade.

Assim, é visto que a Economia Solidária – ES, conhecida também como economia popular, economia social, socioeconomia, economia de solidariedade, é formada por um conjunto de práticas que propõem em seu cerne a autogestão, o associativismo, o desenvolvimento local, a solidariedade e afetividade como fonte de transformação social, possibilitando assim a construção de um espaço voltado para o atendimento das pessoas que de alguma forma ficaram a margem do sistema capitalista excludente.

Essa pluralidade de termos conceituais mostra uma emergência no conceito de economia solidária ainda em constante construção. Essa terminologia foi sendo praticada e teorizada, inicialmente, como autogestão, cooperação, economia informal ou ainda economia popular (LECHAT, 2005).

Assim, mediante falta de um único consenso sobre Economia Solidária, vêem-se as diversas formas como ela tem sido explorada, sob diferentes pontos de vista, como econômico, político e social.

Cunha (2003), no livro “Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária”, mostra que é possível efetivar um outro modo de economia, mais humanizada, solidária e generosa, dada as externalidades negativas do sistema capitalista. Em homenagem ao economista Paul Singer, o livro relata experiências bem sucedidas de práticas econômicas solidárias. Embora os casos não pretendam ser representações, é evidente nas pessoas atitudes para transformar a si e conseqüentemente o meio a partir dos valores como autogestão, solidariedade e democracia.

Acrescenta França Filho (2002), que o momento é de propagação e intensidade das práticas socioeconômicas, a variedade e complexidade do tema admitem múltiplas possibilidades de concepção, das quais destaca cinco como principais (FRANÇA FILHO, 2007):

- Discussão conceitual: diz respeito à parte teórica, aonde as abordagens vão do econômico ao antropológico;
- Discussão contextual: análise do tema relacionando-o com problemas contemporâneos, como desemprego, desenvolvimento sustentável, etc;
- Discussão contextual: análise do tema relacionando-o com problemas contemporâneos, como desemprego, desenvolvimento sustentável, etc;
- Estudo de caso: compreensão a partir de empirias;
- Metodologia de intervenção: os estudos como instrumento para intervir na realidade;
- Política pública: onde os estudos buscam analisar e entender os efeitos e resultados dessa política.

Sabe-se que muitas são as discussões acerca da temática economia solidária, que ela vem atuando com características distintas do capitalismo e que os autores ainda não solidificaram um único conceito a seu respeito. Em síntese, existem aqueles autores que acreditam que a economia solidária é uma alternativa ao capitalismo, como Mance (2002) e Singer (2003); têm-se aqueles que acreditam apenas na inserção da solidariedade em atividades econômicas, como Laville (1994) e ainda os que acreditam que a economia

solidária é inversa ao capitalismo e tem sido uma alternativa para a sociedade, mas não necessariamente substitui o sistema capitalista, como Gaiger (2003) e França Filho (2007).

No entanto, esse trabalho não tem intuito de discutir minuciosamente cada contexto dos autores, embora deva ser considerado. Nesse sentido, partilha-se teoricamente, para continuação desse trabalho, da visão de Gaiger, aonde a economia solidária vem a ser uma alternativa ao capitalismo, com princípios opostos, suscetível de ser um modo predominante de organização econômica e social, sendo assim, “não reproduz em seu interior as relações capitalistas, pois as substitui por outras, mas tampouco elimina ou ameaça a reprodução da forma tipicamente capitalista, ao menos no horizonte por ora apreensível pelo conhecimento (GAIGER, 2003, p,194).

Entretanto, segundo Pochman (2004), no Brasil, essa fase ainda inicial de discussão e prática da ES demanda uma vasta ação de políticas públicas, para potencializar, desenvolver e integrar de forma abrangente as atividades, os empreendimentos, as pessoas e as Universidades para fortalecimento das possibilidades de um ambiente mais justo em prol de um bem comum e não apenas ser um modo de produção alternativo na sociedade regida, centralmente, pelo capital.

Mance (2002) atribui esse progresso e solidificação das práticas da economia solidária à conscientização dos empreendimentos à integração em redes.

A noção de rede coloca a ênfase nas relações entre diversidades que se integram, nos fluxos de elementos que circulam nessas relações, nos laços que potencializam a sinergia coletiva, no movimento de autopoiese em que cada elemento concorre para a reprodução de cada outro, na potencialidade de transformação de cada parte pela sua relação com as demais e na transformação do conjunto pelos fluxos que circulam através de toda a rede. Assim a consistência de cada membro depende de como ele se integra na rede, dos fluxos de que participa, de como acolhe e colabora com os demais (MANCE, 2002, p. 2).

Logo, sabe-se que o campo da economia solidária é vasto e vem, cotidianamente se solidificando por meio de uma organização em redes que dialogam e se fortalecem frente às dificuldades em busca de atender os objetivos comuns das partes envolvidas. Assim, os empreendimentos em rede consomem, comercializam, produzem mediante princípios como a sustentabilidade, democracia, autogestão, cooperação promovendo o desenvolvimento humano.

Nesse sentido, na próxima seção, buscou-se contextualizar os conceitos e as práticas de economia solidária ao fortalecimento promovido quando os EES se unem a partir das redes de cooperação.

### 3.2 Economia solidária em redes de cooperação

O termo rede tem sido usado em diversas configurações e áreas no meio acadêmico e, por isso, admite os mais diversos sentidos e interpretações. A palavra rede provém do latim *retis* e aparece no século XII para “designar o conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós” (DIAS; SILVEIRA, 2007, p. 14). Complementando, o mesmo autor, afirma que rede é uma interconexão de nós com potencial para se solidarizar e excluir, assim como promover ordem e desordem.

Nesse sentido, o movimento de desverticalização das empresas (pequenas e médias) dar forma a uma nova dinâmica de organização destas em redes para tomadas de decisões para produzir e comercializar de modo mais flexível, interdependente e cooperativo, a fim de reduzir os riscos e os custos obtendo maior vantagem competitiva no mercado (LEON, 1998).

Dessa forma, “as redes são e serão os componentes fundamentais das organizações. E são capazes de formar-se e expandir-se por todas as avenidas e becos da economia global porque contam com o poder da informação propiciado pelo novo paradigma tecnológico” (CASTELLS, 1999, p.188).

Para Castells (1999), o mundo contemporâneo caminha em redes e tem sido um novo modo informacional de organização das funções e processos dominantes, aonde esse termo assumiu um sentido mais abstrato que representa uma reciprocidade de comunicação entre pontos interconectados.

As redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p. 565).

Assim, Castells parte da hipótese que as redes são constituídas por microrredes e macrorredes, formada por espaço de fluxos, onde as conexões são ferramentas de poder e os detentores do poder são os conectores. Assim, “a teoria do espaço dos fluxos parte da suposição implícita de que as sociedades são organizadas de maneira assimétrica em torno de interesses dominantes específicos a cada estrutura social” (1999, p.504).

Nesse cenário, com as dificuldades apresentadas pelo modelo capitalista competitivo, surgem nos anos 80 as redes de cooperação, aonde as empresas numa única estrutura trabalham em conjunto, interagem e estreitam os laços para atingir objetivos comuns, aonde a autogestão muitas vezes se faz preciso para sustentação da rede (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2008).

As redes de cooperação podem ser definidas como organizações compostas por um grupo de empresas formalmente relacionadas, com objetivos comuns, prazo de existência ilimitado e escopo múltiplo de atuação (...) O propósito central das redes de cooperação empresarial é reunir atributos que: permitam uma adequação ao ambiente competitivo dentro de uma estrutura dinâmica sustentada por ações uniformizadas, mas descentralizadas; possibilitem ganhos de escala com a união, mas não deixem as empresas envolvidas perderem a flexibilidade proporcionada por seu porte enxuto (MILES E SNOW, 1986 APUD BALESTRIN; VERSCHOORE, 2008, p. 79).

Antes de falarmos sobre as redes de cooperação solidária é importante vermos as diferenças entre empresas tradicionais e redes de cooperação segundo Balestrin e Vershoore no quadro 06.

Quadro 06 - Características de gestão da empresa tradicional e das redes de cooperação.

CARACTERÍSTICAS DA GESTÃO	EMPRESA TRADICIONAL	REDES DE COOPERAÇÃO
Objetivo Principal	Lucro	Ganhos Coletivos
Interação	Impositiva e burocrática	Colaborativa e em rede
Contratualização	Rígida e formalizada	Constitucional e Flexível
Orientação estratégica	Individual	Coletiva
Coordenação	Funcionalista e hierárquica	Transversal e interdependente
Papel dos gestores	Internamente nas empresas e com base na autoridade e no comando	Por meio das empresas e com base na influência e negociação
Tomada de decisão	Centralizada e impositiva	Descentralizada e democrática
Planejamento	Geral e em cada departamento	Conjunto e em cada empresa associada
Direção	Definida de forma hierárquica	Definida de forma interdependente
Controle	Baseado em direitos proprietários e em acordos contratuais	Baseado na reciprocidade das relações entre os associados
Avaliação	Resultados departamentais e por empregado	Resultados coletivos e por empresa associada

Fonte: Balestrin e Vershoore (2008).

Numa comparação entre redes cooperativas solidárias e redes de cooperação convencionais, pode-se dizer que ambas possuem propostas e princípios distintos. Enquanto a rede de cooperação convencional é formada com intuito de competição, as redes solidárias se formam a partir da cooperação e solidariedade e atuam na perspectiva da economia solidária (MANCE, 2003).

A idéia elementar de rede é bastante simples: trata-se de uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais, por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em equilíbrio sustentável. Cada nóculo da rede representa uma unidade e cada fio, um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos (MANCE, 1999 p.24).

Dialogando nessa perspectiva teórica, Mance desenvolveu o conceito de redes de colaboração solidária e apresenta três características para que se ponha em prática uma gestão

democrática: a participação é livre; descentralizada, ou seja, não existe um núcleo e a partir das células podem se formar novas redes; e que seja baseada na autogestão, numa gestão participativa de característica flexível. Completa o autor que as redes são formadas por conexões e fluxos que transcorrem as células a partir da iniciativa de grupo de produtores solidários ou mesmo de consumidores a fim de ter vantagem competitiva no mercado (MANCE, 2003). E que seu objetivo principal é:

[...] gerar trabalho e renda para as pessoas que estão desempregadas e marginalizadas ou que desejam construir novas relações de produção, melhorar o padrão de consumo de todos os que dela participam, proteger o meio ambiente e construir uma nova sociedade em que não haja a exploração de pessoas ou a degradação do equilíbrio ecológico (MANCE, 2003, p. 81).

Embora a finalidade de competir não se engaje nos princípios da economia solidária, fica evidente que quando um grupo trabalha, pensa e age em conjunto, este se fortalece frente aos interesses capitalistas, negociando melhor e obtendo vantagens em prol da coletividade e do interesse comum.

Mance (2003), ainda aponta quatro critérios, que exigem responsabilidade e compromisso, para participação em uma rede de economia solidária: 1) não pode existir nenhum tipo de exploração, opressão ou dominação nos EES; 2) é preciso preservar o equilíbrio dos ecossistemas; 3) o excedente deve ser partilhado para reinvestimento coletivo; e 4) garantir a autodeterminação dos fins e autogestão dos meios.

A economia solidária em redes trata-se da promoção de conexões de fluxos de informação, valores e matérias. Estas colaborando solidariamente entre si, geram uma variedade de opções capazes de subverter a lógica capitalista e outras formas de dominação no campo econômico, cultural e político (MANCE, 2002).

Dessa forma, produzir e consumir através de uma rede de economia solidária se torna uma ação econômica, ética e política e também sustentável. (MANCE, 2002), pois há “a presença de relações deliberadas entre organizações autônomas para o sucesso conjunto de objetivos individuais” (SHERMERHORN 1975, p. 4).

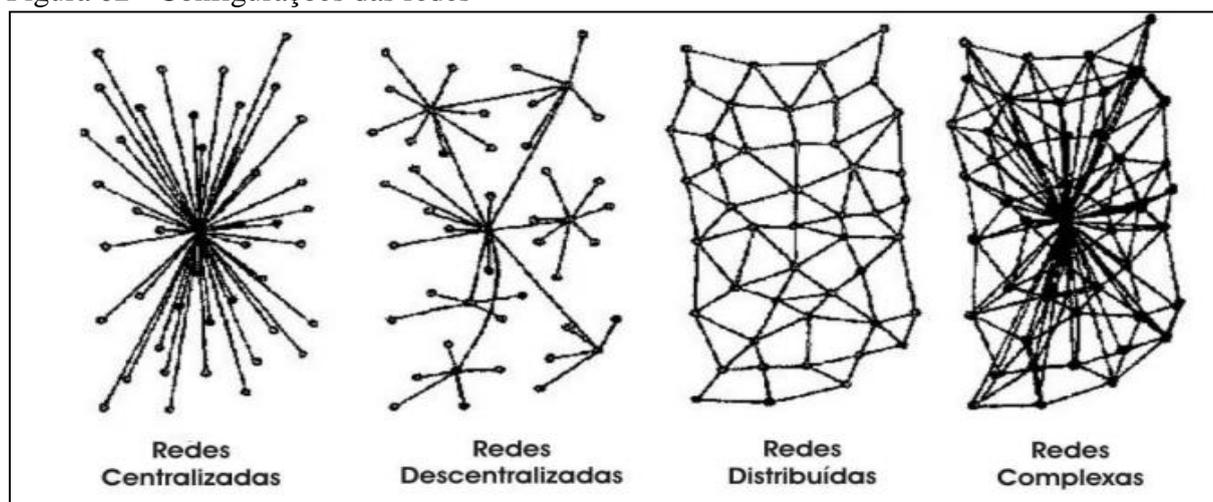
As redes de colaboração solidária segundo Mance (2002) são formadas por células, são os empreendimentos de produção, consumo, serviço e comércio no interior da rede; conexões são as ligações entre os empreendimentos que fortalecem a rede; e os fluxos são onde as informações, materiais e valores fluem.

Mance (2002), em acordo e a partir do diagrama formulado por Baran (1964), faz uma diferenciação das redes configurando-as em centralizada, descentralizada e distribuída. A rede centralizada é quando gira em torno de um algum tipo de fórum; descentralizada, quanto aos

processos decisórios serem democráticos; e distribuída, quando se fala em mercado e sua distribuição de produtos e serviços.

Entretanto, além dessas três configurações tipológicas de redes, Mance (2002), acrescenta a rede do tipo complexa, onde na realidade vivencial é possível encontrar os três tipos de interações juntas em uma mesma rede. A mesma tem característica flexível, multidisciplinar, formando um composto tridimensional, conforme segue a figura 1.

Figura 02 - Configurações das redes



Fonte: Adaptado de Mance (2002, p. 44-45)

Assim, as redes de cooperação estão relacionadas ao fato da necessidade das organizações optarem por trabalhar, pensar e agir coletivamente e reduzir suas fragilidades. Para isso, a rede tem um acondicionamento horizontal dos atores envolvidos (indivíduos ou instituições) onde fica estabelecido uma simetria inter-relacional em vez de hierárquica e mais cooperativa em vez de competitiva.

Nesse sentido, a rede complexa assemelha-se com o conceito de rizoma apresentado por Deleuze e Guattari (1995). O conceito de rizoma tem origem na botânica, que é um tipo de caule ramificado, que cresce horizontalmente. Os autores exploram e expandem o conceito de rizoma ressignificando como um evento múltiplo e complexo.

[...] o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. [...] Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema a-centrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32-33).

Os princípios de funcionamento do rizoma, segundo Deleuze e Guattari, são: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante/não-linearidade, cartografia e de calcomania.

Cavalcante (2009), faz uma análise dos princípios do rizoma assemelhando-os as características de rede. Esse relacionamento do conceito de rizoma com o conceito de redes segue melhor identificado no quadro 07 referente às citações dos autores.

Quadro 07 - Princípios do rizoma/redes

PRINCÍPIOS	RIZOMA (DELEUZE; GUATTARI, 1995)	REDES (CAVALCANTE, 2009)
Conexão	“qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (p. 15).	“quaisquer pontos de uma rede poderiam ser conectados entre si” (p.100)
Heterogeneidade	“Não existe locutor-auditor ideal, como também não existe comunidade linguística homogênea. [...] um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros” (p.16).	[...] “trata da interligação de objetos de natureza diferentes interligados para a formação de uma rede. [...] não há restrições a ligação entre elementos de natureza diversa em uma rede” (p. 101)
Multiplicidade	“é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas” [...] (p. 16)	“observa-se o princípio da multiplicidade em redes quando adota-se a abordagem estática. Ao analisar uma rede desta pode-se ver uma série de nós conectados sem nenhuma estrutura de hierarquia. Nesta abordagem é possível ver o múltiplo sem identificar o uno” (p.102).
Ruptura a-significante	“Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas”. [...] (p.18).	“Uma rede que se parte em um determinado ponto pode se manter ativa e muitas vezes regenerar as conexões destruídas com novas conexões” (p.102)
Cartografia e de calcomania	“Diferente é o rizoma, <i>mapa e não decalque</i> . Fazer o mapa, não o decalque. [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. [...] Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque. Que volta sempre "ao mesmo"”(p. 21-22).	“No mundo das redes do mundo real, também assemelham-se ao rizoma, na medida em que não existe um mecanismo gerativo que possa construir uma rede semelhante ao mundo real” (p.103). Ou seja, a rede é mapa e nunca um decalque.

Fonte: Elaboração própria com base nos autores Cavalcante (2009) e Deleuze e Guattari (1995).

Esses princípios revolucionaram o pensamento contemporâneo e podem reinsignificar o conceito de redes e como estas funcionam. Entretanto, o autor alerta que “não é possível utilizar o conceito de rizoma ‘plenamente’ como base para o conceito de rede”, pois somente alguns princípios se aplicam integralmente (CAVALCANTE, 2009, p.103).

De acordo com Rovere (1998), as redes formam conexões entre os atores sociais. Estas conexões se constroem e se fortalecem a partir da profundidade, riqueza e amplitude dos

vínculos que são estabelecidos. As mesmas são etapas de aprofundamento dos vínculos, conforme exposto no quadro 08.

Quadro 08 - Etapas de profundidade dos vínculos entre atores de uma rede

ETAPA	AÇÕES	VALOR
1. Reconhecimento	Reconhecer a existência do outro, sua posição na rede.	Aceitação
2. Conhecimento	Conhecer o outro, o que faz, suas preferências.	Interesse
3. Colaboração	Prestar ajuda esporádica.	Reciprocidade
4. Cooperação	Compartilhar tarefas e recursos.	Solidariedade
5. Associação	Compartilhar objetivos e projetos.	Confiança

Fonte: ROVERE, 1998, p.35

Essa sequência caminha para o aperfeiçoamento dos vínculos, que são pautados com base em valores estabelecidos pelos atores na rede com caráter heterogêneo, aonde o indivíduo é também produtor (ou mesmo protagonista) do meio. (ROVERE, 1998).

Embora ainda seja um campo em processo de construção, a economia solidária tem se solidificado a partir de uma rede de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) formada por associações, cooperativas, ONG entre outras instituições, das quais tem por base princípios como a autogestão, inclusão, geração de renda, solidariedade, sustentabilidade, inclusão, enfim da emancipação social (CATTANI, 2009). Essas organizações geram benefícios para os envolvidos a partir do fortalecimento do trabalho em conjunto em prol de um interesse comum.

Além de garantir a sustentabilidade dos mesmos, uma rede de economia solidária deve “fortalecer o potencial endógeno de um território na sua capacidade de promoção do seu próprio desenvolvimento” (FRANÇA FILHO, 2008, p. 224).

A partir do momento que as pessoas acreditam na ideia de que as redes solidárias funcionam, é possível criar uma alternativa ao capitalismo, sendo o consumo solidário um dos principais exercícios entre os atores da rede (MANCINI, 2002).

O “consumo solidário é movido pela consciência de que o consumo é o objetivo final de todo o processo produtivo (...) a colaboração solidária constitui-se de “um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de co-responsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um e particular”. (MANCINI, 2002, p. 13).

Nesse contexto, a economia solidária em redes tem sido um agente de transformação local importante para promover o desenvolvimento regional sustentável e fortalecer os empreendimentos econômicos solidários.

### 3.3 Redes de cooperação solidária e o desenvolvimento regional sustentável

Os empreendimentos econômicos solidários tendem a se organizar em redes para garantir inserção de mercado e integração social, de modo a atender as necessidades humanas reduzindo as desigualdades e se transformando num instrumento que consolide uma autonomia na promoção do desenvolvimento regional e sustentável reforçando a identidade e a dimensão humana.

A discussão sobre desenvolvimento sustentável se inicia na Conferência de Estocolmo em 1972, primeiramente com ênfase na preocupação com as questões ambientais. Posteriormente, o Relatório de Brundtland ressaltou a sustentabilidade como estratégia para o desenvolvimento (BRUNDTLAND,1987). Entretanto, o reconhecimento da urgência em discutir e implementar a sustentabilidade em suas dimensões só ganhou espaço e importância na Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ocorrida no Rio de Janeiro na Conferência Rio-92 (BRASIL, 2007).

O resultado da conferência Rio-92 foi um documento que estabelece um acordo pela mudança urgente no padrão de desenvolvimento global dos países acordados para o século XXI, instituída de *Agenda 21*. Nesta foram sugeridas e determinadas obrigações por parte de diversos países, para implementar políticas e metas para um desenvolvimento com base na manutenção do equilíbrio ambiental e da justiça social, a partir de práticas sustentáveis (BRASIL, 2007).

A discussão sobre desenvolvimento sustentável nasce com uma definição generalista e é a mais usada atualmente, que consiste em quando as gerações do presente atendem suas necessidades sem prejudicar as necessidades das gerações futuras (BRUNDTLAND,1987).

O art. 225 da Constituição Federal (1988) também destaca sobre o desenvolvimento sustentável: “Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Posteriormente, em 1996, um grupo de pesquisadores se reuniram em Bellagio, na Itália, com intuito de analisar os avanços do desenvolvimento sustentável a nível mundial após a conferência da Rio 92. Dessa reunião resultou uma lista de dez princípios para nortear os países a caminhar para o desenvolvimento sustentável, que seguem no quadro 09 seguinte.

Quadro 09 - Os princípios de Bellagio para o processo de desenvolvimento sustentável

PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
1- Guia de visão e metas	É necessário primeiramente ter uma visão clara de desenvolvimento sustentável e as metas que o definem.
2- Perspectiva holística	Proceder à revisão do sistema atual como um todo em partes; considerar o bem-estar dos subsistemas social, ecológico e econômico, em relação estes estados e suas inter-relações; considerar as consequências positivas e negativas das atividades humanas, de maneira que reflitam os custos e benefícios para os seres humanos e sistemas ecológicos, em termos monetários e não monetários.
3- Elementos essenciais	Considerar as questões de igualdade e disparidade entre a população atual e entre as gerações presentes e futuras, avaliando o uso dos recursos, consumo e pobreza, direitos humanos, e acessos aos serviços básicos; considerar as condições ecológicas das quais a vida depende; considerar o desenvolvimento econômico e outras atividades fora do mercado, que contribuem para o bem-estar humano e social.
4- Escopo adequado	Adotar o horizonte de planejamento longo e suficiente para abranger as escalas de tempo humano e dos ecossistemas naturais.
5- Foco prático	Utilizar uma estrutura organizacional que conecte a visão e os objetivos a indicadores e critérios de avaliação; utilizar um número limitado de aspectos para análise; um número limitado de indicadores ou combinação de indicadores para conseguir uma sinalização mais clara do progresso; padronizar medidas, quando possível, de modo a permitir comparações; comparar valores dos indicadores a metas, valores de referência, ou valores limites.
6 – Abertura/transparência	Os métodos e dados utilizados devem ser acessíveis a todos; todos os julgamentos, valores assumidos e incertezas nos dados e interpretações devem ser explicitados.
7- Comunicação afetiva	Ser projetado para atender às necessidades da comunidade e dos usuários; utilizar indicadores e outras ferramentas que podem estimular e trazer a atenção dos governantes; buscar utilizar simplicidade na estrutura e linguagem acessível
8- Ampla participação	Obter representação efetiva da comunidade, profissionais em geral, grupos sociais e técnicos, de modo a garantir diversidade e reconhecimento dos valores utilizados.
9- Avaliação constante	Desenvolver capacidade de monitoramento para a obtenção das tendências; ser interativo e adaptativo, e que possa responder às mudanças e incertezas, considerando a complexidade e possibilidade de mudança dos sistemas; ajustar os objetivos, a estrutura e os indicadores conforme novos conhecimentos e ideias forem chegando; promover conscientização da sociedade e que possa suprir aqueles que tomam decisões.
10- Capacidade institucional	Indicar responsabilidades e obter prioridade no processo de gestão e decisão; prover capacidade institucional para a coleta, manutenção e documentação dos dados; garantir e prover capacidade de avaliação local.

Fonte: Adaptado de Hardi e Zdan (1997).

De acordo com Veiga, o desenvolvimento sustentável é considerado um desafio para o século XXI tanto numa perspectiva teórica quanto pragmática (VEIGA, 2005). No mesmo sentido, para Cavalcanti, “[...] não há uma economia da sustentabilidade nem uma única forma de chegar aos predicados de uma vida sustentável. Inexiste tampouco uma teoria única do desenvolvimento ecologicamente equilibrado” (CAVALCANTI, 1994, p. 20).

De forma geral, a sustentabilidade como um componente essencial ao novo paradigma do desenvolvimento, consiste em encontrar meios mais adequados de produção, distribuição e

consumo dos recursos existentes de forma a garantir um usufruto mais harmônico, economicamente eficaz e ecologicamente viável.

Alguns autores chegaram a definir dimensões da sustentabilidade, por exemplo, Chacon (2007) identifica quatro:

- Sociocultural: analisa aspectos como população, saúde, educação, infância, mulheres e idosos, habitação, violência, cultura e costumes. Estes aspectos desembocam num princípio da sustentabilidade que é a valorização do saberes locais, identidade, como ponto de partida na implementação de políticas, de modo que deve ser respeitados para que não se percam ou e se imponha a descaracterização das pessoas enquanto pertencentes daquele local.
- Dimensão econômica: analisa variáveis da renda, PIB e o emprego. Estas são analisadas na perspectiva de propor uma alocação eficiente dos recursos existentes em prol de uma sociedade mais justa e solidária.
- Dimensão ambiental: analisa questões em torno da água, poluição, desperdício e acima de tudo falta de consciência humana. Segundo a autora, para mudar é preciso investir em educação ambiental e preservação do meio ambiente na perspectiva de tornar as pessoas conscientes do seu papel e da sua responsabilidade de cuidar.
- Dimensão institucional e política: analisa as instituições atuantes e as políticas públicas. Segundo a autora pouco tem-se feito por meio de políticas públicas de modo a considerar a realidade local existente e de fato a promover o desenvolvimento sustentável, que tem sido apenas mais um conceito apropriado de forma equivocada pelo fazedores de políticas e pouco se ver atitudes que realmente propiciam a mudança da situação.

Em síntese, Chacon (2007) acredita que para o desenvolvimento sustentável funcionar de fato, é preciso se ter uma ética do encontro, de respeito à alteridade, que considera a identidade de um povo e que se preocupa com o que é “ser” um ser humano. Este tem que se mostrar sensível ao ambiente, onde o Estado deve atuar de modo a conhecer o local, suas especificidades para efetivar políticas públicas de sucesso de acordo com a realidade e necessidades locais.

Sachs (1993) desenvolveu o que chamamos de ecodesenvolvimento, ligado a ética e não à economia. Inicialmente ele apresentou o ecodesenvolvimento a partir de cinco dimensões: social, econômica, ecológica, espacial e cultural (SACHS, 2009). Recentemente, Sachs (2009, p.85-89) passa a considerar 8 dimensões: social, cultural ecológica, ambiental, territorial, econômica, política (nacional) e política (internacional). Sachs tem um olhar mais sensível voltado para o ambiente enfatizando a urgência da sustentabilidade em todas as suas dimensões, pois são complementares e inseparáveis. Estas seguem discriminadas a seguir:

- Social: cita a importância ao alcance de um patamar razoável de homogeneidade social, com distribuição de renda justa, emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais.
- Cultural: considera mudanças no interior da continuidade (equilíbrio entre respeito à tradição e inovação), capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno (em oposição às cópias servis dos modelos alienígenas) e autoconfiança, combinada com abertura para o mundo.
- Ecológica: se refere à preservação do potencial do capital natural na sua produção de recursos renováveis e à limitação do uso dos recursos não renováveis.
- Ambiental: é preciso respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais.
- Territorial: refere-se a configurações urbanas e rurais balanceadas (eliminação das inclinações urbanas nas alocações do investimento público), melhoria do ambiente urbano, superação das disparidades inter-regionais e estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis.
- Econômica: para que se tenha um desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado, com segurança alimentar, capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção, razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica e inserção soberana na economia internacional.
- Política (Nacional): democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores e um nível razoável de coesão social.
- Política (Internacional): com base na eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional, Pacote Norte-Sul de co-desenvolvimento, baseado no princípio da igualdade (regras do jogo e compartilhamento da responsabilidade de favorecimento do parceiro mais fraco), controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios, controle institucional efetivo da aplicação do Princípio da Precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais, prevenção das mudanças globais negativas, proteção da diversidade biológica (e cultural), gestão do patrimônio global, como herança comum da humanidade, sistema efetivo de cooperação científica e tecnológica internacional e eliminação parcial do caráter commodity da ciência e tecnologia, também como propriedade da herança comum da humanidade.

As dimensões enfatizam a importância de uma visão holística, aonde em consonância com Chacon (2007), é preciso considerar o contexto das pessoas em seu território, seus

costumes e saberes. Sachs propõe uma alternativa à ordem econômica que vai muito além de gestão dos recursos naturais, mas de uma verdadeira mudança de hábitos civilizatórios atuais.

Para este trabalho se enfatiza as duas abordagens conceituais na medida em que não são opostas, mas complementares.

O desenvolvimento sustentável só é possível na medida em que houver reconhecimento, aceitação e solidariedade com as diferenças, percebendo a identidade, com todo seu amparado cultural, histórico e vivencial a qual o ser humano está inserido, como o melhor ponto de partida para implementação de políticas que sejam efetivadas com êxito (CHACON, 2007).

Em consonância com Chacon, Gomes *et al* (1995), corrobora dizendo que o desenvolvimento local requer a implementação de políticas públicas adequadas combinadas com as necessidades e potencialidades locais. Acrescenta o mesmo autor que quando se promove o desenvolvimento local, essas melhorias repercutem no presente e nas gerações futuras se tornando um desenvolvimento sustentado.

O conceito assume um sentido multidisciplinar que converge em lados positivos e negativos. Negativamente, tem-se uma perda de precisão conceitual, caindo, muitas vezes no senso comum e se tornando um emaranhado complexo de difícil compreensão e resolução. Positivamente o conceito se torna um ideal para que se possa promover ações que busquem interagir, respeitar e promover as dimensões da sustentabilidade de forma ética e sustentada.

As políticas públicas têm um papel importante e desafiador, pois devem propor alternativas que caminhem juntamente com alguns preceitos, como democracia participativa, organização popular, desconcentração territorial, redistribuição de terras, ambiente equilibrado e produtivo, prioridade à produção nacional, independência e pertinência tecnológica, soberania alimentar, cooperativismo, trabalho não-dependente, cultura local, igualdade de gênero, e comunicação livre e alternativa (GOMES *et al*, 2007).

De forma complementar o desenvolvimento sustentável,

[...] exige algo mais do que prevenir a poluição e improvisar regulamentações ambientais. Dado que são as pessoas comuns – consumidores, comerciantes, agricultores – que de fato tomam as decisões ambientais do dia-a-dia, é preciso elaborar sistemas políticos e econômicos baseados na participação efetiva de todos os membros da sociedade na tomada de decisões. É preciso que as considerações ambientais façam parte dos processos decisórios de todos os órgãos governamentais, todas as empresas e, de fato, todas as pessoas (SCHMIDHEINY, 1992, p. 7).

O capitalismo e o desenvolvimento econômico que nos apresenta é contraditório a questões relativas à educação ambiental, na medida em que os valores éticos, a justiça social, a solidariedade e a cooperação não são levados em conta e dão lugar a alta lucratividade,

aonde a competição, o egoísmo e os privilégios de poucos vão contra interesses do coletivo (PELICIONI E PHILIPPI JR. , 2005, p. 1).

De acordo com Gomes *et al* (2007), a economia solidária fomenta o desenvolvimento local, ao ponto que ela se preocupa com a diversidade, com o ser humano e sua relação com o ambiente e apresenta táticas de transformação social e pleno exercício da cidadania, quando propõe relações econômicas e sociais mais justas, solidárias e sustentáveis.

A concepção de redes sob a visão econômica dos empreendimentos solidários sugere uma nova “estratégia para conectar empreendimentos solidários de produção, comercialização, financiamentos, consumidores e organizações populares (associações, sindicatos, ONGs, etc) em um movimento de realimentação e crescimento conjunto”. Essa estratégia é viável na medida em que propõe o fortalecimento dos atores na rede por meio do relacionamento dos fatores “intensividade, extensividade, diversidade, integralidade, realimentação, fluxos de valor, fluxo de informação, fluxo de matérias e agregação” (MANCE *apud* CATTANI, 2003, p.220).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento sustentável requer uma racionalidade social e ambiental em vez de econômica. “Muitos empreendimentos econômicos solidários podem ser considerados formações econômico-socio-ambientais nas quais se articulam as diferentes relações de produção que emergem de um processo de construção social do potencial ambiental e da produtividade eco-tecnológica para o desenvolvimento sustentável” (LEFF, 2001, p.121).

Logo, a economia solidária em redes mostra uma tendência para vários benefícios em prol da coletividade, mas somente os atores da rede podem ativá-la de modo a transformar os empreendimentos e os torná-los sustentáveis. Assim, o sucesso do desenvolvimento é um fenômeno que vem das lutas sociais e do interesse das pessoas.

## **4 LINHA DO TEMPO: FÓRUM CARIRIENSE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (FOCAES)**

Este capítulo descreve o contexto histórico do Fórum Cariense de Economia Solidária - FOCAES desde sua criação em 2010 até o ano de 2016, numa perspectiva histórica, estrutural e social. Primeiramente, teremos como base de apoio para construção do capítulo as publicações de LEITE (*et al* 2011) que descreve a criação do fórum incentivado e fomentado inicialmente pela Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares Solidários - ITEPS e o trabalho de COSTA; TAVARES, (2016), que traz numa perspectiva histórica as experiências do FOCAES até o ano de 2015. O ano de 2016 é descrito a partir do acompanhamento da própria pesquisadora como membro atuante do fórum desde o mês de novembro de 2015.

### **4.1 O início: contexto histórico e descritivo (2010 a 2012)**

De acordo com França Filho (2007), os fóruns de economia solidária funcionam como um espaço que dialoga politicamente reivindicam direitos, discutem ideias e políticas públicas, além de unir atores para benefício da autonomia das auto-organizações solidárias com perspectiva na sustentabilidade.

Nesse sentido, os fóruns funcionam como espaços que propõem contato direto com o poder público estabelecendo uma relação de interdependência. Para tanto, esse movimento é dificultoso na medida em que os fóruns têm dificuldades para reunirem e unificarem os diversos atores nas suas diversas formas de pensar e interagir, criando às vezes um ambiente conflituoso, mas que se torna essencial para que os atores pratiquem o aprendizado da democracia.

O FOCAES foi fomentado e realizado sua primeira reunião com o apoio da ITEPS<sup>2</sup>. A proposta inicial era promover um diálogo que contasse com o tripé composto por 25% de representantes de entidade de apoio de fomento, 25% de poder público, 50% de empreendimentos econômicos solidários. Estes são setores organizacionais e essenciais para validar as iniciativas do fórum (FOCAES, 2010; LEITE, *et al*, 2011).

---

<sup>2</sup> A Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários – ITEPS da Universidade Federal do Cariri - UFCA, tem sido um apoio na incubação de projetos relacionados à Economia Solidária no Cariri cearense. Desde sua criação, a mesma tem dado o suporte informacional e financeiro necessário a várias iniciativas solidárias na região, como o FOCAES, Rede de Feiras Agroecológicas, dentre desenvolvimento de vários outros projetos até que as organizações possam caminhar por conta própria, mas sempre assistindo e ajudando quando necessário.

O Fórum Cariense de Economia Solidária surge como um dos encaminhamentos do Seminário de Integração Teoria e Prática em Desenvolvimento Local/Territorial e Economia Solidária, realizado no dia 13/03/2010 no SESC- Serviço Social do Comércio Ceará de Juazeiro do Norte-CE, promovido pela Universidade Federal do Ceará com apoio do Banco do Nordeste (LEITE, *et al*, 2011, p.2).

Assim, o FOCAES nasce com o objetivo geral/missão de articular, fortalecer e representar o movimento de Economia Popular Solidária na Região do Cariri frente à sociedade e aos poderes públicos, contribuindo na construção de um novo modelo sócio econômico através da orientação de ações e mobilizações em torno das bandeiras de luta do FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FOCAES, Art. 3º, 2010, p.1).

Os objetivos específicos, de acordo com Estatuto do FOCAES (Art. 4º, 2010, p. 1-3), são:

- I- Representar o movimento da Economia Popular Solidária frente á sociedade e aos Poderes Públicos;
- II- Promover estratégias de desenvolvimento sustentável através de planos, projetos e ações voltados para a criação e fortalecimento de Empreendimentos de Economia Popular Solidária;
- III- Promover a formação pessoal, social, econômica, ambiental, técnica e política de trabalhadores e trabalhadoras dos Empreendimentos Economia Popular Solidária;
- IV- Promover e estimular ações que contribuam para a formação de uma consciência social sobre a Economia Popular Solidária, tendo como uma das estratégias a busca de inclusão da temática nos currículos escolares;
- V- Estimular a participação no Fórum Municipal, Regional, Estadual e Brasileiro;
- VI- Articular com agentes públicos e financeiros o acesso facilitado à informação sobre linhas de crédito e como acessá-las e divulgá-las;
- VII- Apoiar a criação de instituições de finanças, moedas sociais, Mercados e Clubes de Trocas Solidárias;
- VIII- Estimular a construção e reflexão sobre o tema Economia Popular Solidária;
- IX- Apoiar a formação de cooperativas, associações e empresas de autogestão, com vistas à geração de trabalho e renda, emancipação política dos empreendimentos e sustentabilidade ambiental;
- X- Estimular o envolvimento, comprometimento e a formação dos gestores públicos municipais com a economia popular solidária;
- XI- Estimular, fomentar e divulgar a prática da solidariedade, do consumo ético e do comercio justo e solidário;

- XII- Propor a construção de políticas públicas através de um diálogo permanente com o poder público, voltadas para o apoio e fomento da Economia Popular Solidária;
- XIII- Propor a construção de legislação municipal de Economia Popular Solidária, contribuindo para a criação de uma legislação tributária diferenciada que busque um tratamento especial para o registro de empreendimentos, com isenção de pagamento de licenças, taxas, alvarás e redução de impostos;
- XIV- Estimular a criação de espaços públicos e potencializar os já existentes para a comercialização e produção de produtos e serviços da Economia Popular Solidária;
- XV- Promover eventos culturais conjuntamente com os espaços de comercialização que promovam a cultura da solidariedade e da cooperação;
- XVI- Fomentar a criação e manutenção de feiras municipais, regionais e estaduais incentivando a participação dos empreendimentos, da comunidade, dos órgãos públicos e entidades de apoio;
- XVII- Fomentar redes municipais de produção, distribuição, comercialização, consumo e compra coletiva por segmento;
- XVIII- Incentivar a criação de um fundo municipal de Economia popular Solidária;
- XIX- Apoiar e buscar recursos financeiros para a participação em feiras, exposições, cursos de formação e outros eventos para os empreendimentos econômicos solidários, em nível local, regional, estadual, nacional e internacional;
- XX- Educar os envolvidos no movimento para o consumo justo e solidário.

Na reunião no dia 26 de junho de 2010 na Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, localizada na cidade de Juazeiro do Norte-CE (atual UFCA), foi onde diante do primeiro encontro do Comitê Pró-Fórum Caririense de Economia Solidária se reafirmou a importância do Fórum para o desenvolvimento territorial e fortalecimento das ações de economia solidária (COSTA E TAVARES, 2016).

Nesse sentido, o FOCAES, uma associação civil sem fins lucrativos, data sua fundação no dia 19 de dezembro de 2010, na Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar do Cariri - EXPOFAM<sup>3</sup>, embora já existisse simbolicamente. O evento aconteceu no Parque de exposição do Crato-CE.

As feiras constituem-se em processos organizativos do movimento de economia solidária, realizando de forma participativa, coletiva e autogestionária, desde a elaboração do

---

<sup>3</sup> A EXPOFAM é uma das principais feiras de base familiar do Cariri e tem recebido apoio do FOCAES, desde a sua criação. A mesma tem por objetivo geral dar suporte aos feirantes, apoiá-los na disseminação da economia solidária, no intuito de fortalecer suas organizações, dar visibilidade e afirmá-los como um modelo de rede de desenvolvimento sustentável solidário.

projeto inicial do evento até sua avaliação. Estas, as quais têm apoio total do FOCAES, tem por objetivos específicos (EXPOFAM, 2010):

- Promover a comercialização dos produtos e serviços dos empreendimentos econômicos solidários;
- Fortalecer a organização e promover a articulação entre agricultores e agricultoras familiares, participantes das feiras, organizações de assessoria e outros parceiros locais;
- Melhorar a visibilidade e a divulgação das feiras solidárias como canal de comercialização direta de produtos de qualidade e valor agregado aos consumidores(as);
- Potencializar o Fórum Caririense de Economia Solidária, criando um espaço de debate e construindo um modelo de desenvolvimento sustentável e solidário;
- Construir através do Fórum de Ecosol, estratégias participativas de formação e capacitação que fortalecem a economia solidária no município e região do cariri;
- Incentivar a prática da economia solidaria e desenvolver uma nova cultura ambiental;
- Estimular o consumo de produtos naturais em favor da qualidade de vida e saúde do ser humano.

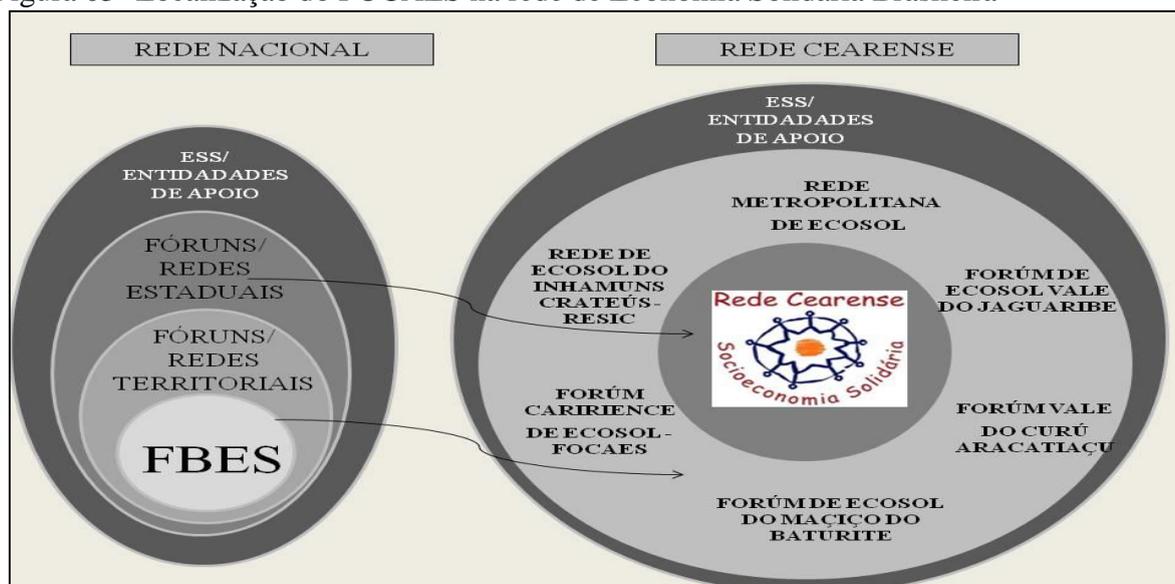
Desde 2010, o fórum tem se mantido de modo contínuo, no apoio das feiras e ações solidárias, tornando-se referência no Cariri cearense por promover a organização dos empreendimentos, mobilização, articulação política e fortalecimento dos movimentos de EcoSol na região. O início foi marcado por dificuldades de mobilização, entretanto, o apoio da ITEPS foi ativo para que o fórum se reafirmasse como um ambiente integrado, com coordenação autônoma e de modo autogestionário (COSTA E TAVARES, 2016).

As Incubadoras Universitárias de empreendimentos econômicos solidários constroem uma tecnologia social cada vez mais utilizada no âmbito das ações de geração de trabalho e renda. São espaços que agregam professores, pesquisadores, técnicos e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, bem como programas internos existentes nas universidades para desenvolverem pesquisas teóricas e empíricas sobre a economia solidária, além das atividades de incubação de empreendimentos econômicos solidários, com o objetivo de atender trabalhadores que tencionam organizar seus próprios empreendimentos sejam cooperativas, associações ou empresas autogestionárias, urbanas ou rurais (CULTI, 2007) .

Assim, a ITEPS tem sido um membro essencial e atuante no FOCAES, sendo uma entidade de apoio e fomento incubando-o num subprojeto de pesquisa e extensão para apoio financeiro, social e educacional que fortalece o fórum e os movimentos/ações de economia solidária no Cariri Cearense.

Assim é viável, primeiramente, visualizar uma localização representativa, na figura 03, onde o Fórum Caririense de Economia Solidária - FOCAES está concentrado e como ele interage na rede de economia solidária brasileira.

Figura 03- Localização do FOCAES na rede de Economia Solidária Brasileira



Elaboração própria. Fonte: Adaptado da apresentação da professora Victória Arrais na 1º Reunião de Planejamento do FOCAES em 27/01/2016

A figura 03 mostra o FOCAES como um ponto da rede. A rede abrange desde o nacional ao local. Podemos ver ainda que todas as formas de instituições solidárias giram em torno do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES, que é fruto das discussões do I Fórum Social Mundial (I FSM) de 2001 e integra no Brasil mais de 160 fóruns (municipais, microrregionais e estaduais), envolvendo cerca de 3.000 empreendimentos de economia solidária, 500 entidades de assessoria, 12 governos estaduais e 200 municípios pela Rede de Gestores em Economia Solidária (FBES, 2016).

A figura mostra ainda que o FOCAES é um dos 6 fóruns existentes na Rede Cearense de Socioeconomia Solidária. É importante ressaltar que uns levam no nome a designação rede e outros fórum, porém todos têm a mesma finalidade de criação. O FBES vem centralizado na figura para representar que todo o contexto é influenciado por ele e os Empreendimentos Econômicos Solidários(ESS)/ Entidades de Apoio e Fomento(EAF) se encontram no último nível para informar que o contexto e expansão do campo da EcoSol no Brasil não tem limites e pode ser expandido.

O FOCAES, embora recentemente criado, já possui indícios de ser autogestionário e suas ações são direcionadas para as demandas e dificuldades apresentadas pelos próprios atores a partir de um amplo exercício de diálogo e construção coletiva, se mostrando um espaço aberto, produtivo e sustentável para o território e para os envolvidos.

Nesse sentido, o Fórum tem demonstrado um forte potencial como espaço de participação efetiva de seus membros. As fragilidades participativas ainda presentes decorrem mais das condições concretas da participação (deslocamento, tempo,

informações disponíveis e empoderamento) do que da metodologia e forma de gestão interna (COSTA E TAVARES, 2016, p. 51).

No primeiro ano de atividades (2011), 13 reuniões até fevereiro de 2011 foram executadas com uma participação flutuante de 138 pessoas nesse período, representando até 60 organizações. Também contou com as participações de residentes de onze municípios cearenses: Altaneira, Araripe, Barbalha, Caririáçu, Crato, Fortaleza, Icó, Juazeiro do Norte, Milagres, Missão Velha e Tarrafas (LEITE, *et al*, 2011).

O início de 2012 começou concentrando esforços nas discussões e efetivação da VI EXPOFAM – Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar da Região do Cariri. Posteriormente, em julho, foi realizada a II Plenária Local de Economia Solidária, cuja temática era: “Economia Solidária: bem viver, cooperação e autogestão para um desenvolvimento justo e sustentável”. Nesse movimento foram desencadeadas discussões e estratégias para proposição de um desenvolvimento territorial solidário e sustentável no Cariri cearense, onde se consolidaram, no decorrer do ano, diversas práticas como: as feiras, um marco regulatório, criação do Estatuto, entre outros movimentos (COSTA E TAVARES, 2016).

Em agosto do mesmo ano, o FOCAES promoveu uma formação em Economia Solidária. A temática era “Comercialização Urbana e Rural e as Finanças Solidárias: Fundos de Solidariedade e Bancos Comunitários Solidários”, tinha objetivo de garantir 40 vagas e dar suporte para formar educadores que tinham o dever de multiplicar o aprendizado da economia solidária em seus espaços como um outro modo de economia, com princípios e práticas baseadas no saber local, na solidariedade e na sustentabilidade (COSTA E TAVARES, 2016).

De acordo com Culti (2007, p. 7), é importante o apoio da incubação, pelas universidades, do processo de formação educacional, dado que essa atitude: a) valoriza o saber acumulado das pessoas e do grupo com vistas à inclusão social e econômica; b) acrescenta conhecimentos básicos de trabalho cooperativo e técnicas específicas de produção e gestão administrativa; e c) orienta para o mercado e inserção em cadeias produtivas e/ou planos e arranjos produtivos locais, etc.

Complementando, trata-se de:

[...] unir “saber popular” a “saber científico” numa tentativa de transformação da prática cotidiana inter-relacionando as atividades de ensino, pesquisa e extensão; um processo educativo que modifica as circunstâncias, os homens e as mulheres na sua maneira de ser e agir; um processo de construção e reconstrução de conhecimentos para os atores envolvidos em vários aspectos (CULTI, 2007, p. 7).

Esse ano também foi marcado pela criação e início da regulamentação do Projeto de Lei de fomento à Economia Solidária no município de Crato em audiência pública pelo poder executivo. Essa lei tem por objetivo ser um projeto piloto que poderá ser executado em outras cidades do Cariri cearense, entretanto ainda se encontra em andamento para aprovação sendo necessário formar um Conselho Municipal de Economia Solidária e criar um fundo orçamentário para fomento de práticas solidárias no município (COSTA E TAVARES, 2016).

Sabe-se que as dificuldades iniciais do FOCAES impossibilitaram uma maior articulação do mesmo com os EES. Nesse sentido, segundo Carneiro e Santos (2008, p.15), constaram que

[...] mesmo com essa dificuldade, os EES se sustentam, pois as fragilidades técnicas e financeiras não obscurecem o elemento político e solidário dos mesmos. O elemento político e a constituição de um ambiente participativo e democrático são fatores decisivos para que a economia solidária seja sustentada e configurada como alternativa de geração de trabalho e renda e alternativa para o trabalhador viver outra relação de trabalho, que impede a acumulação de capital e promove outras representações sociais.

Logo, esse processo inicial do FOCAES foi caracterizado como um processo de mobilização e institucionalização frágil, porém necessário para legitimação, sistematização de dados, planejamento de atividades, organização, articulação e enfim consolidação de um fórum no Cariri cearense mais emancipado, autônomo e autogestionário a partir de 2013.

#### **4.2 O início de uma sistematização de dados: dificuldades e avanços (2013 a 2016)**

O FOCAES como sendo um ambiente que visa discutir como melhorar o desempenho da EcoSol no Cariri cearense, tinha em mente alguns objetivos baseados no princípio da sustentabilidade e vinha promovendo ações nesse sentido, porém sem uma preocupação inicial e contínua com a sistematização dos dados.

No ano de 2013 foi iniciado um processo de acompanhamento e sistematização de dados mais assídua pelos alunos e pesquisadores Danilo Ivo Feitosa e Olga Correia Moura da Universidade Federal do Ceará (atual Universidade Federal do Cariri - UFCA) e também integrantes da ITEPS. Essa ação facilitou a descrição da atuação do FOCAES nesse período.

#### 4.2.1 Ano de 2013

As iniciativas discutidas e os encaminhamentos definidos nas reuniões do Fórum Cariense de Economia Solidária, de janeiro a dezembro de 2013 serão apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 10 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2013

MÊS/2013	DISCUSSÕES, AÇÕES E ENCAMINHAMENTOS
Janeiro	- Revisão e aprovação do Estatuto do FOCAES; - Discussão de estratégias para atrair mais participação dos empreendimento nas reuniões; - Formação da comissão eleitoral para eleição da coordenação do fórum.
Fevereiro	-Esquemática para o processo eleitoral da coordenação do fórum; Feira e seminário sobre o Cariri Frutas que queremos, comercialização com o seminário de sensibilização para as feiras de EcoSol.
Março	-Eleição e posse para coordenação do FOCAES, tendo como coordenação geral: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Orgânicos e Ecológicos do Cariri (SINTTROEC), Casa de Sementes Senhor dos Exércitos, Serviço Social do Comércio (SESC – Crato), e Companhia de Gestão de Recursos Hídricos do Estado do Ceará (COGERH) e coordenação executiva: Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Orgânicos e Ecológicos do Cariri (SINTTROEC), União das Associações de Barbalha (UNAB), Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários (ITEPS) e Secretaria de Agricultura, Pecuária e Recursos Hídricos do Crato.
Abril	-Planejamento estratégico do FOCAES; construção de uma comissão para trabalhar na organização da Feira das Culturas no mês de maio.
Maio	-Apresentação do planejamento do FOCAES; socialização de um marco legal da EcoSol em Crato; - Intercâmbio das experiências de EcoSol no Ceará; - Efetivação da Lei – formar comissão pra falar com gestor municipal; -Escolha da comissão de planejamento (Expedito e Juvenal); -Importância da extensão rural no fortalecimento das feiras; Escolha de representantes para a Coordenação da Rede Cearense de Sócio-economia Solidária – RCSES; -Escolha dos empreendimentos para participar da feira de Crateús.
Junho	- Discussão sobre a proteção da terra e suas políticas públicas; - Criação de novos mecanismos de comunicação que não seja só o email; - A FETRAECE pretende junto com as mulheres construir um comitê de mulheres e convida o FOCAES a ajudar na construção.
Julho	- Discussão sobre políticas públicas de fixação e acesso à terra; - Acesso dos agricultores as políticas públicas que já existem (PAA, PNAE) e as Políticas do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA e do Ministério do Desenvolvimento Social – MDS (PAA e PNAE); - Manifestação de apoio e capacitação para as feiras; efetivação das políticas públicas no Crato (PAA E PNAE); diagnósticos dos municípios que fazem parte do FOCAES a partir de seminários municipais.
Agosto	-Apresentação do Diagnóstico dos Empreendimentos Produtivos da Economia Solidária; - A secretaria de educação expõe avanços e dificuldades do PNAE no município do Crato, onde 30% da alimentação escolar já advém da agricultura familiar, porém falta organização dos produtores para questões de seleção e logística; - A representante da Caritas Diocesana, Verônica, dialoga e explica o trabalho realizado pela instituição no fortalecimento da sócio-economia solidária na região, a convivência com o semiárido, sustentabilidade e mobilização social, os quintais produtivos e organização dos jovens; discussão sobre a necessidade de fazer um mapeamento dos agricultores, como e onde estão e o que produzem.
Setembro	- Apresentação da Proposta de Projeto da VII EXPOFAM – Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar da Região do Cariri;

	- Solicitação de reunião em Várzea Alegre na perspectiva de sensibilizar os agricultores acerca da EcoSol no Cariri.
Outubro	- Apresentação de projetos desenvolvidos pela Associação de Integração e Desenvolvimento Social e Sustentável – ASIDESS; apresentação de atividades dos quintais produtivos desenvolvidos pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará – DAS; - Discussão sobre o mercado de artesanato da região do Cariri – Facilitadores: SEBRAE e CEART.
Novembro	Apresentação de diagnóstico dos empreendimentos produtivos da Economia Solidária da região do Cariri; - Apresentação de experiências exitosas e projetos das escolas EEEP Professor Gustavo A. Lima e EEFM Alda Ferrer da cidade Lavras da Mangabeira - Quitaiús; - Apresentação da experiência do município de Caririaçu; e exposição de produtos da Economia Criativa e de Base Familiar
Dezembro	- Reunião de avaliação das ações do fórum.

Fonte: Adaptado do trabalho COSTA e TAVARES (2016, p.61).

Esse ano foi marcado pela reelaboração do Estatuto do FOCAES. Os coordenadores que ganharam a eleição foram eleitos por unanimidade, por se tratar de uma chapa única, porém sempre a partir da participação e decisão de todos. Foi um ano em que foi reafirmado a importância do planejamento como prática do fórum que visa articular ações contínuas de fortalecimento da EcoSol no Cariri cearense e posteriormente reflexões das suas ações no território.

Os momentos de planejamento e avaliação do fórum são considerados os mais ricos de todo ano, pois são desses encontros que saem os principais encaminhamentos, posições políticas e definições.

Quanto às reuniões, elas são ordinárias, realizadas na terceira quarta-feira de cada mês. Essa é uma rotina que tem se mantido ao longo dos anos. Como o fórum não tem uma sede própria, pois é um movimento, então ele acontece de modo itinerante, porém costumam ser normalmente na região CRAJUBAR- Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Algumas vezes acontece em outras cidades do Cariri cearense, mas não conseguiu se materializar e alcançar todas as cidades que objetiva abranger. As reuniões extraordinárias também são comuns, porém só acontecem quando necessário e deliberado pela Coordenação Geral (ESTATUTO DO FOCAES, 2010).

A rotatividade se faz importante para democratizar o acesso, ampliar o raio de abrangência, ajudando a identificar políticas públicas e gargalos locais para que se possam pensar em ações de inserção das pessoas nos movimentos de integração de EcoSol no Cariri, ampliar os horizontes e aproximar o poder público e entidades de apoio e de fomento para formar parceiras de fortalecimento da Economia Solidária. Todos têm direito a voz, ou seja, podem expressar opiniões, sugestões, sendo notório algumas centralidades de fala, porém sempre mantendo um diálogo contínuo.

A pauta das reuniões é definida antecipadamente e enviada em um convite formal via email.

Alguns assuntos são recorrentes: funcionamento das feiras (Cariri Frutas, Feira das Culturas e EXPOFAM); acesso dos agricultores às políticas públicas (Programação de Aquisição de Alimentos - PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE); Plano Territorial de Cadeia Produtiva - PCTP entre outros, além das pautas específicas, do contexto, da conjuntura ou de demandas de organização do próprio Fórum (COSTA E TAVARES, 2016, p.55).

A sistematização dos dados é feita quando alguns integrantes se dispõem, por isso tem-se muito a avançar na prática de registro das ações do fórum, pois a memória sistematizada é fundamental para o processo de avanço dessa rede que se forma em volta do FOCAES.

No quadro 11 é possível identificar alguns dados relevantes com base na frequência dos empreendimentos econômicos solidários (EES), entidade de apoio de fomento (EAF) e poder público (PP) nas reuniões durante todo o ano de 2013.

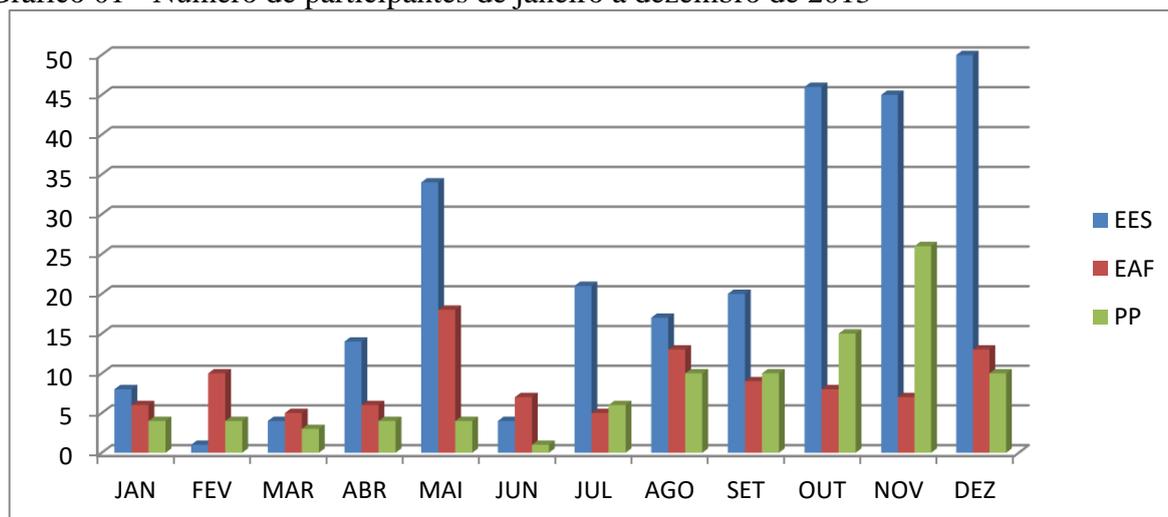
Quadro 11 Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2013

MESES	DATA	EES	EAF	PP	Total	Local
JAN.	30/01/2013	8	6	4	18	Crato
FEV	20/02/2013	1	10	4	15	Juazeiro do Norte
MAR.	20/03/2013	4	5	3	12	Crato
ABR.	17/04/2013	14	6	4	24	Barbalha
MAI.	15/05/2013	34	18	4	56	Crato
JUN.	26/06/2013	4	7	1	12	Juazeiro do Norte
JUL.	31/07/2013	21	5	6	32	Barbalha
AGO.	21/08/2013	17	13	10	40	Crato
SET.	18/09/2013	20	9	10	39	Juazeiro do Norte
OUT.	23/10/2013	46	8	15	69	Várzea Alegre
NOV.	19/11/2013	45	7	26	78	Lavras da Mangabeira
DEZ.	18/12/2013	50	13	10	73	Barbalha
<b>Total: 12 reuniões</b>		264	107	97	468 participantes	

Fonte: Adaptado e baseado no relatório final do FOCAES 2013 e no trabalho de COSTA e TAVARES (2016).

Para uma melhor análise de participações durante o ano de 2013 do Fórum segue o gráfico 01, em que é possível visualizar melhor a oscilação dessas frequências durante o ano e o segundo podemos ver a porcentagem, em média, de participantes de cada setor organizacional no ano. Diante do quadro, vê-se que as reuniões foram realizadas em cinco cidades do Cariri cearense mobilizando e conhecendo os movimentos de EcoSol locais e específicos de cada cidade.

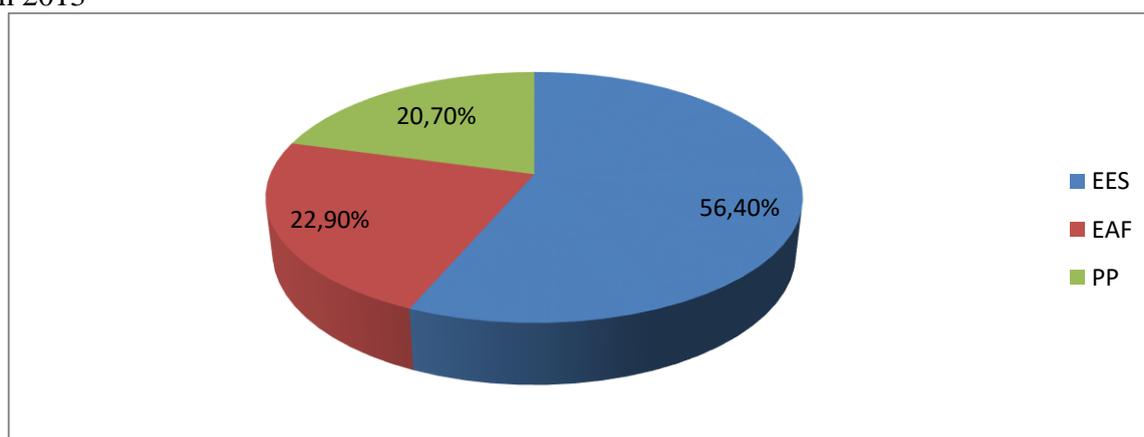
Gráfico 01 - Número de participantes de janeiro a dezembro de 2013



Fonte: Adaptado e baseado no relatório final do FOCAES 2013 e no artigo de COSTA e TAVARES (2016).

Nota-se que a frequência de participantes aumentou significadamente durante o ano, de modo proporcional entre os setores institucionais de EES, EAF e PP, oscilando o número de presentes entre 1 e 50 pessoas integradas no movimento do fórum e da economia solidária, aonde as reuniões mantiveram-se regulares durante o ano. Visivelmente, nos meses de outubro a novembro, nota-se uma maior frequência, isso se deu por que o fórum se propôs a se deslocar para outras cidades do Cariri, que não somente a região CRAJUBAR, como Lavras da Mangabeira, Várzea Alegre promovendo o que podemos chamar de integração com o ambiente.

Gráfico 02 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP em 2013



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do relatório final do ano de 2013

De acordo com o Artigo 7º §8 do Estatuto do FOCAES e para efeito de deliberações é preciso que o fórum esteja composto na proporção de participações em 50% para EES, 25% para EAF e 25% para PP.

De acordo com o gráfico 02, para o ano de 2013, houve uma maior necessidade de engajamento de instituições públicas e entidades de apoio e fomento participando do fórum, por outro lado a porcentagem de participação dos EES corresponde de modo satisfatório, tendo cumprido seu papel de integrar continuamente empreendimentos solidários.

Para uma melhor descrição de participações é possível visualizar um mapa de atores de 2013, onde o FOCAES contou com 78 instituições, dentre os quais os representantes foram 40 EES, 19 EAF e 19 PP no decorrer do ano. Importante ressaltar, que a participação do poder público continuamente, é uma característica do FOCAES.

Na figura abaixo, também é possível verificar circunferências de três tamanhos, a qual foi definida mediante níveis de participação das organizações nas reuniões ordinárias durante o ano de 2013. A circunferência maior indica que a organização participou mais 5 vezes; a média, significa que houve de 3 à 5 participações e a circunferência menor significa que houve menos de 3 participações durante o ano de referência. Essa informação vale para todos os anos subsequentes.



Por fim seguem alguns registros fotográficos das reuniões do FOCAES em 2013.

Imagem 01 - Registro de preparação da Plenária Nacional de EcoSol (junho de 2013)



Fonte: Relatório final do ano de 2013/ Créditos: Danilo Ivo Feitosa

Imagem 02 - Registro do Seminário de Economia Solidária realizado na cidade do Crato (agosto de 2013)



Fonte: Relatório final do ano de 2013/ Créditos: Danilo Ivo Feitosa

Imagem 03 - Registro do Seminário de Economia Solidária realizado em Quitaiús – Lavras da Mangabeira (novembro de 2013)



Fonte: Relatório final do ano de 2013/ Créditos: Danilo Ivo Feitosa

#### 4.2.2 Ano de 2014

Do mesmo modo que foi apresentado o ano de 2013 acima, seguem nessa subseção também as iniciativas, discussões e os encaminhamentos retirados nas reuniões do Fórum Cariense de Economia Solidária, de fevereiro a dezembro de 2014, a partir do que os documentos registrados puderam proporcionar de informações.

Quadro 12 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2014

MÊS/2014	DISCUSSÕES, AÇÕES E ENCAMINHAMENTOS
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Planejamento das ações para 2014;</li> <li>- Discussão sobre a 3ª Conferência Nacional da Economia Solidária e dos prazos para a conferência municipal ou territorial;</li> <li>- Formação Comissão para a III CONAES: Instituto Agropolos, ASIDESS, Associação Cristã de Base, CEARTE, Prefeitura Municipal de Lavras da Mangabeira e a Coordenação do FOCAES.</li> </ul>
Março	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discussão sobre Microempreendedor Individual pelo SEBRAE;</li> <li>- Apresentação da proposta da III Conferência Territorial de Economia Solidária do Cariri.</li> </ul>
Abril	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização do XI Cariri Frutas: destaque para a presença de agricultores familiares, poderes públicos municipais e estadual e organizações da sociedade civil.</li> <li>- A feira, além de apresentar produtos da agricultura familiar e do artesanato local, teve o intuito de refletir sobre o futuro do evento, as dificuldades encontradas e as alternativas de organização para as próximas edições, bem como os caminhos para a agricultura familiar.</li> </ul>

Maio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização da III Conferência Territorial de Economia Solidária da Região do Cariri. Com o tema: “Construindo um Plano Territorial da Economia Solidária para Promover o Direito de Produzir e Viver de Forma Associativa e Sustentável” e o Lema: “Pelo direito de produzir e viver em cooperação de maneira sustentável”.</li> <li>- Na Conferência foi realizado um balanço dos avanços e desafios da Economia Solidária, além do debate sobre a integração das ações governamentais de apoio à prática e sobre a elaboração de planos municipais.</li> <li>- Houve representação de 15 municípios da Região do Cariri, totalizando 105 participantes, dos quais foram eleitos 34 delegados, dos três segmentos: 7 Poder Público, 8 Entidades de Apoio e Fomento, e 19 de Empreendimentos Econômicos Solidários.</li> </ul>
Junho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliação do 11º Cariri Frutas;</li> <li>- Articulação da Feira das Culturas;</li> <li>- Realização da Feira dos Produtos da Agricultura Familiar em parceria com a UNAB, o STTR de Barbalha, a Ematerce e a Prefeitura Municipal de Barbalha, com o objetivo de expandir a economia solidária e fortalecer a agricultura familiar.</li> </ul>
Julho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação na III Conferência Estadual de Economia Solidária realizada nos dias 09 e 10 de junho, na Federação dos Trabalhadores Rurais e Agricultores Familiares do Estado do Ceará em Fortaleza.</li> <li>- Planejamento da VIII EXPOFAM – Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar da Região do Cariri.</li> </ul>
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação do Observatório de Políticas Públicas para Territórios (OPPTE), que busca articular universidades e centros de pesquisas do Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul do Brasil, para formar rede de instituições convergentes na análise, monitoramento e avaliação de políticas públicas de desenvolvimento territorial;</li> <li>- Exposição da Rede Xique-Xique de Comercialização Solidária, fundada em 2004 na cidade de Mossoró, e dentre as ações do projeto ressalta a mobilização de empreendimentos para a adesão do Cadastro dos Empreendimentos Econômicos Solidários – CADSOL;</li> <li>- Continuidade do planejamento da VIII EXPOFAM.</li> </ul>
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação das ações desempenhadas no primeiro semestre (objetivos e metas). 100% realizadas;</li> <li>- Conclusão do planejamento da EXPOFAM – Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar da Região do Cariri.</li> </ul>
Outubro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização da VIII EXPOFAM;</li> <li>- Durante a Feira foram realizadas oficinas, rodas de conversa, atividades culturais e troca de saberes entre os grupos e participantes.</li> <li>- Foram realizadas duas reuniões concomitantes: Reunião ampliada da Rede Cearense de Socioeconomia Solidária (RCSES) e a reunião ordinária do FOCAES que discutiu a Lei Nº 2.813/2012 da Política Municipal de Fomento à Economia Solidária no município de Crato-Ce.</li> </ul>
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participação na III Conferência Nacional de Economia Solidária em Brasília com 10 delegados: (3 entidades de apoio e fomento; 3 poder público e 4 empreendimentos)</li> <li>- Destaque para as propostas construídas na conferência territorial com as temáticas de Produção, comercialização e consumo; de Financiamento: crédito e finanças solidárias; de Acesso a conhecimentos: educação, formação e assessoramento; e de Ambiente institucional: legislação e integração de políticas públicas, que foram em parte contempladas na estadual e aprovadas na nacional.</li> </ul>
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação das ações desenvolvidas de acordo com o planejado e realizar uma avaliação dos resultados. Chegou-se à conclusão que das atividades planejadas no início do ano mais de 90% foram executadas com participação expressiva da sociedade.</li> <li>Indicação dos representantes para participarem do Feirão de Economia Solidária, nos dias 15, 16 e 17 de dezembro em Fortaleza. Confraternização solidária com sorteios entre os presentes.</li> </ul>

Fonte: Adaptado do trabalho COSTA e TAVARES (2016, p.61).

Positivamente podem ser identificadas ações e discussões que dialogam com as vivências e práticas, promovendo mais regularidades nas atividades do Fórum, como: planejamento e avaliação, realização da EXPOFAM e promoção da Conferência Territorial. Por outro lado, houve um processo de estagnação da articulação no caso específico da Feira Cariri Frutas. O fato foi que não ocorreu renovação dos participantes e surgiram algumas dificuldades recorrentes dos anos anteriores, como a falta de uma articulação da cadeia produtiva dos produtores locais, que de modo individual possuem dificuldades de acesso às políticas públicas (COSTA E TAVARES, 2016).

Outro aspecto negativo foi a descontinuidade no diagnóstico dos municípios, fato atribuído à organização da 3ª Conferência Nacional de Economia Solidária e o planejamento da EXPOFAM, que acabou demandando tempo e energia dos envolvidos que não tiveram como se dedicar às outras atividades planejadas COSTA E TAVARES(2016, p.62).

Abaixo foi possível identificar alguns dados relevantes com base na frequência dos empreendimentos econômicos solidários (EES), entidade de apoio de fomento (EAF) e poder público (PP) nas reuniões durante o ano de 2014.

Quadro 13 - Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2014

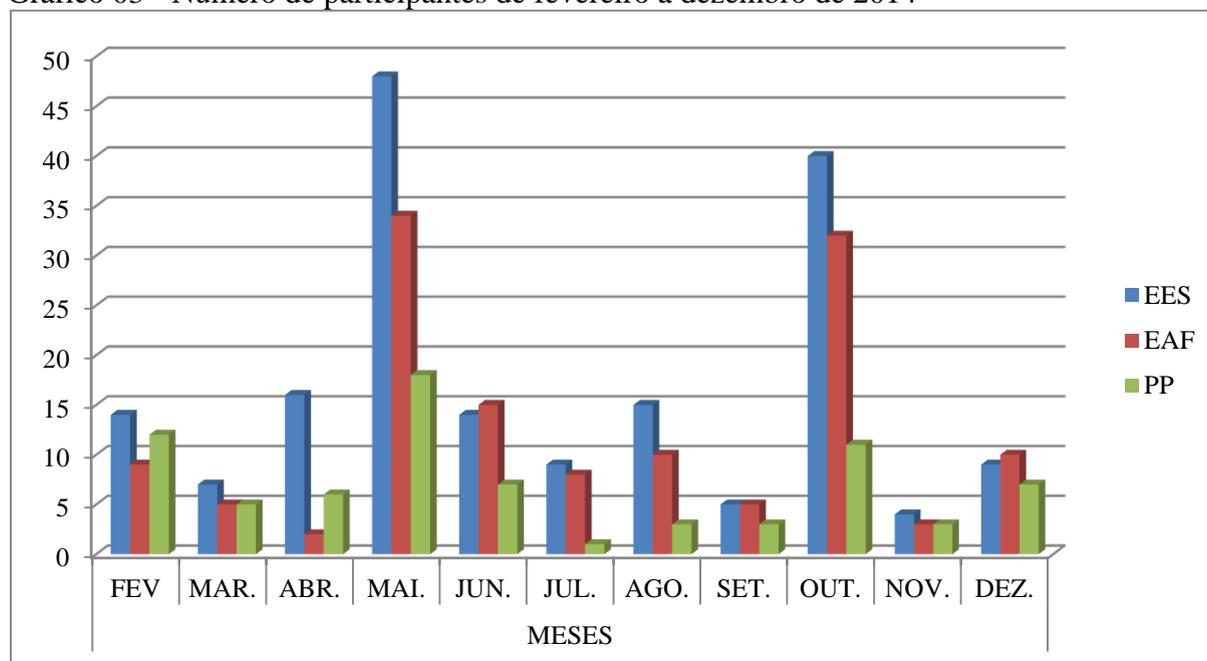
MESES	DATA	EES	EAF	PP	Total	Local
FEV	19/02/2014	14	9	12	35	Crato
MAR.	18/03/2014	7	5	5	17	Juazeiro do Norte
ABR.	25/04/2014	16	2	6	24	Crato
MAI.	12/05/2014	48	34	18	100	Crato
JUN.	18/06/2014	14	15	7	36	Barbalha
JUL.	23/07/2014	9	8	1	18	Crato
AGO.	20/08/2014	15	10	3	28	Crato
SET.	17/09/2014	5	5	3	13	Caririaçu
OUT.	10 a 12/10/2014	40	32	11	83+17	Crato
NOV.	26 a 29/11/2014	4	3	3	10	Brasília
DEZ.	10/12/2014	9	10	7	26	Várzea Alegre
<b>Total: 11 reuniões</b>		181	133	76	407 participantes	

Fonte: Dados apresentados no trabalho COSTA e TAVARES (2016, p.60).

O quadro 13 mostra que as reuniões se expandiram para mais um município no Cariri que foi Caririaçu e, em novembro, em Brasília com a participação na III Conferência Nacional de Economia Solidária, onde foi possível fazer com que algumas instituições do Cariri pudessem participar, promovendo o intercâmbio de informações e conhecimentos.

Seguem abaixo os dados do gráfico 03, que melhor demonstram a oscilação da frequência de participantes no ano de 2014 por meses durante o ano. Em seguida, gráfico 04, pode-se ver a porcentagem, em média, de cada classificação de participantes dos setores anualmente.

Gráfico 03 - Número de participantes de fevereiro a dezembro de 2014

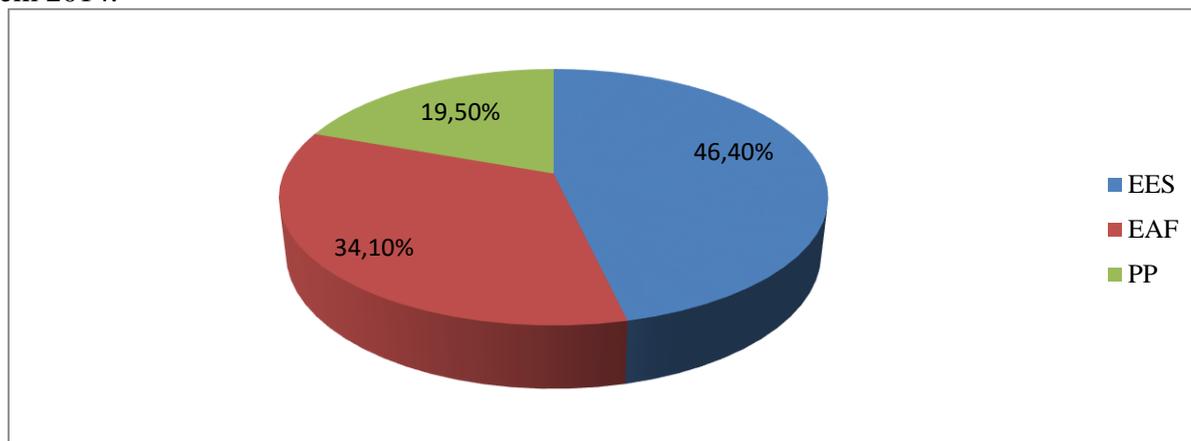


Fonte: Elaboração própria baseado nos dados apresentados no trabalho COSTA e TAVARES (2016).

Nota-se que a frequência de participantes às vezes permanece em alta, nos meses de maio e outubro, e outrora em baixa, sendo que houve 11 reuniões no ano todo, considerando que não aconteceu reunião em janeiro.

O público total atingiu aproximadamente o público do ano de 2013, com 390 mais 17 expositores participantes, totalizando 407. Visivelmente, o mês de maio e de outubro houve maiores participações em consequência da realização da III Conferência Territorial de Economia Solidária da Região do Cariri e da reunião ampliada do FOCAES, simultânea à VIII EXPOFAM, que reuniu 83 participantes. Estas manifestações puderam atrair um público maior em busca de conhecimento e no caso da feira, conseguiram integração para participar, vender e obter um dinheiro extra para a renda familiar dos sujeitos.

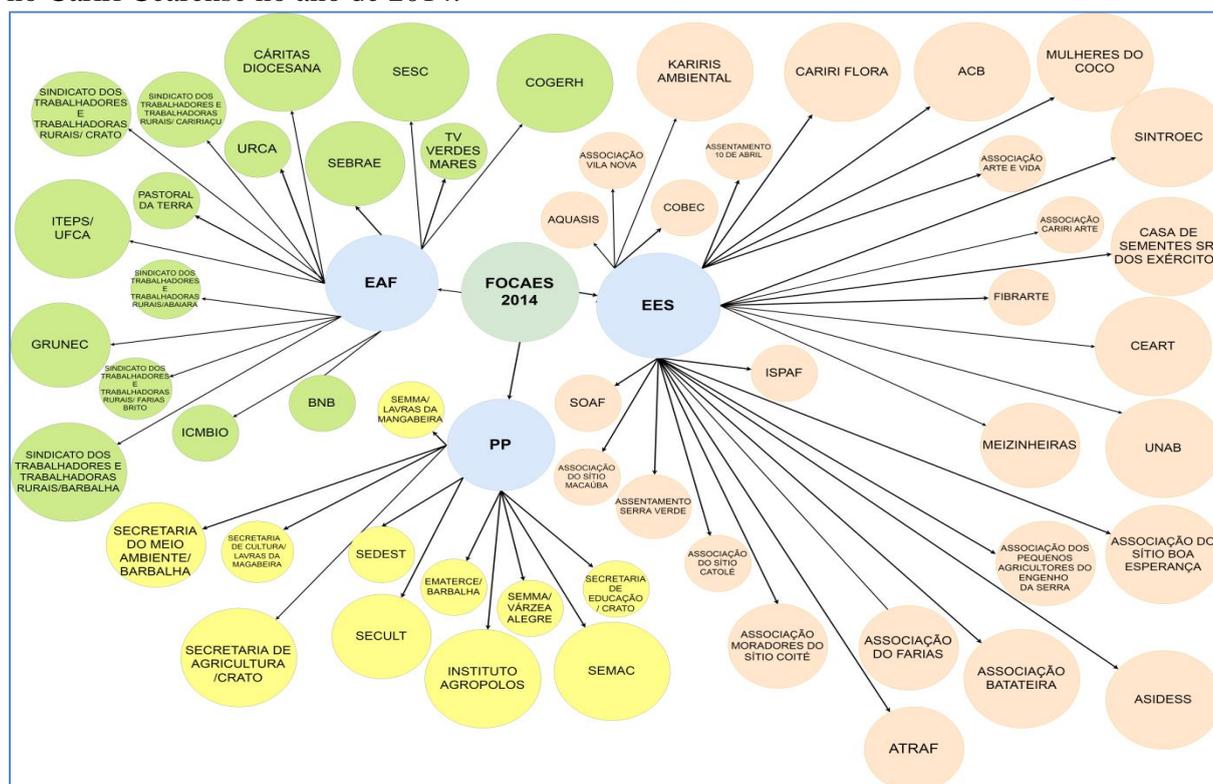
Gráfico 04 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP em 2014.



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados apresentados no trabalho COSTA e TAVARES (2016).

De acordo com o gráfico 04, vemos que para o ano de 2014, houve um menor engajamento de instituições públicas e entidades de apoio e fomento participando do fórum, onde 46,4% foram participantes de EES, 34,1% correspondeu a participação de EAF e 19,5% foram representantes do PP. Para uma melhor descrição de participações é possível visualizar um mapa de atores de 2014, onde o FOCAES contou com 55 instituições, dentre os quais os representantes foram 28 EES, 16 EAF e 11 PP no decorrer do ano.

Figura 05 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2014.



Fonte: Elaboração própria a partir das frequências e ajuda ferramenta Draw.io (v6.0.3.7).

Seguem alguns registros imagéticos do FOCAES em 2014.

Imagem 04 - Registro do Seminário de Economia Solidária realizado no SESC- Crato (fevereiro de 2014)



Créditos: Maria Dasdores Gonçalo Costa

Imagem 05 - Registro do Seminário de Economia Solidária Juazeiro do Norte (maio de 2014)



Créditos: Maria Dasdores Gonçalo Costa

Imagem 06 - Registro do III Conferência Territorial de Economia Solidária da Região do Cariri (fevereiro de 2014)



Créditos: Maria Dasdores Gonçalo Costa

#### 4.2.3 Ano de 2015

Seguem nessa subseção as iniciativas, discussões e os encaminhamentos que aconteceram nas reuniões e ações do FOCAES de abril a dezembro de 2015.

Quadro 14 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2015

MÊS/2015	DISCUSSÕES, AÇÕES E ENCAMINHAMENTOS
Abril	- Planejamento das ações para 2015 através de uma abordagem participativa, identificando demandas e dando prosseguimento as atividades num espaço coletivo; - Escolha da Comissão Eleitoral para organizar o pleito 2015/2016.
Junho	- Assembleia Extraordinária de Eleição para o biênio 2015/2016;- Composição da chapa: <b>Coordenação Geral</b> (Associação e Integração e Desenvolvimento Social e Sustentável ASIDESS; Associação das Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar – ATRAF; Serviço Social do Comércio – SESC; Prefeitura Municipal de Crato. <b>Secretaria Executiva:</b> Casa de Sementes Senhor dos Exércitos, Associação Cristã de Base – ACB. - Ficou vago o segmento PP (Poder Público) e EES (Empreendimento Econômico Solidário). As vagas ficaram de ser preenchidas na próxima plenária.
Julho	- Escolha do SINTTROEC para preenchimento de vaga do empreendimento na secretaria executiva do FOCAES para biênio 2015/2016;

	- Apresentação do CAR – Cadastro Ambiental pela SEMA – Secretaria do Meio Ambiente do Ceará.
Agosto	- Apresentação da proposta do Portal da Economia Solidária, elaborado pela ITEPS; - Debate sobre agroecologia, inovação social e economia solidária.
Setembro	- Escolha da Ematerce (titular) e URCA (suplente) como membros do poder público para preenchimento de vaga na secretaria executiva do FOCAES para biênio 2015/2016; - Debate em torno da promoção do marco regulatório da EcoSol nos municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte e Várzea Alegre; - Apresentação do Portal da Economia Solidária pela ITEPS/UFCA; - Definição da logística da IX EXPOFAM.
Outubro	- Apresentação sobre a situação atual da Regulamentação da Lei de Economia Solidária (Ecosol) em Crato e Barbalha; - Apresentação da proposta do Encontro de Produtores do Nordeste – EPO.
Novembro	- Discussão sobre a existência de um recurso para economia solidária junto a Secretaria de Desenvolvimento e turismo, aprovado no orçamento municipal de 2016, município de Crato; - Debate com relação ao processo de Regulamentação da Lei de Economia Solidária (EcoSol) em Crato e Barbalha; - Exposição da Associação Cristã de Base – ACB a respeito de como estruturou as feiras orgânica nos municípios do Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri e Milagres; - Apresentação da UFCA sobre como se deu o processo da construção da lei estadual de economia solidária e as audiências públicas que ocorreram sobre o tema. - A RCSES - Rede Cearense de Socioeconomia Solidária fez uma revisão da lei e encaminhou para o gabinete do Governador e foi criado um grupo de trabalho – GT para viabilizar o processo. - Planejamento do 16º EPO – Encontro de Produtores Orgânicos; - Escolha dos empreendimentos para o 14º Feirão da Rede Cearense de Socioeconomia Solidária e 1º Festival Lixo e Cidadania em Fortaleza, nos dias 15 a 17 de Dezembro.
Dezembro	- Avaliação das ações realizadas no ano 2015.

Fonte: Adaptado do trabalho COSTA e TAVARES (2016, p.63 e 64).

Positivamente, pode-se identificar nesse ano o início do processo de regulamentação da lei que cria o fundo e o Conselho Municipal de EcoSol na cidade de Crato e enfim das negociações com o poder público para validar o processo; a criação de uma agenda na Câmara Municipal de Barbalha para dar início a regulamentação da Lei de EcoSol na cidade; participação efetiva dos integrantes do fórum no I Encontro Regional de Economia Solidária do Cariri, organizado pelo Programa Institucional de Extensão (PIE) da UFCA – Trabalho, renda e Economia Solidária e ITEPS – Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares Solidários, na URCA (Campus CRAJUBAR); criação de um Portal de EcoSol do Cariri a partir de projetos de extensão da ITEPS/UFCA (COSTA E TAVARES, 2016).

Quanto às participações, no ano de 2015, observa-se os registros da frequência por cidades no gráfico 05, onde é possível visualizar sua oscilação e outro gráfico 06 mostrando, em porcentagem, como foi a participação por EES, EAF e PP.

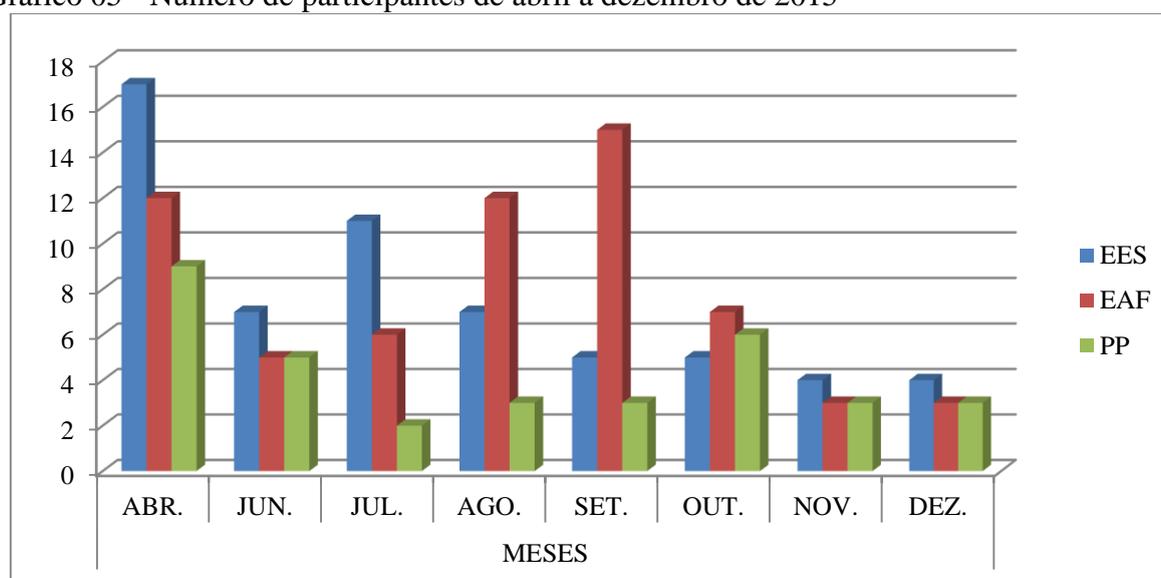
Quadro 15 - Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2015

MESES	DATA	EES	EAF	PP	Total	Local
ABR.	15/04/2015	17	12	9	38	Crato
JUN.	08/06/2015	7	5	5	17	Crato
JUL.	15/07/2015	11	6	2	19	Crato
AGO.	19/08/2015	7	12	3	22	Juazeiro
SET.	16/09/2015	5	15	3	23	Crato
OUT.	21/10/2015	5	7	6	18+25	Barbalha
NOV.	18/11/2015	4	3	3	10	Crato
DEZ.	09/12/2015	4	3	3	11	Crato
<b>Total: 08 reuniões</b>		60	63	34	183 participantes	

Fonte: Dados apresentados no trabalho COSTA e TAVARES (2016, p.63).

As reuniões concentraram-se nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, totalizando no decorrer do ano um total de 158 participantes nas reuniões e ações do fórum mais 25 expositores na realização de feiras solidárias no Cariri.

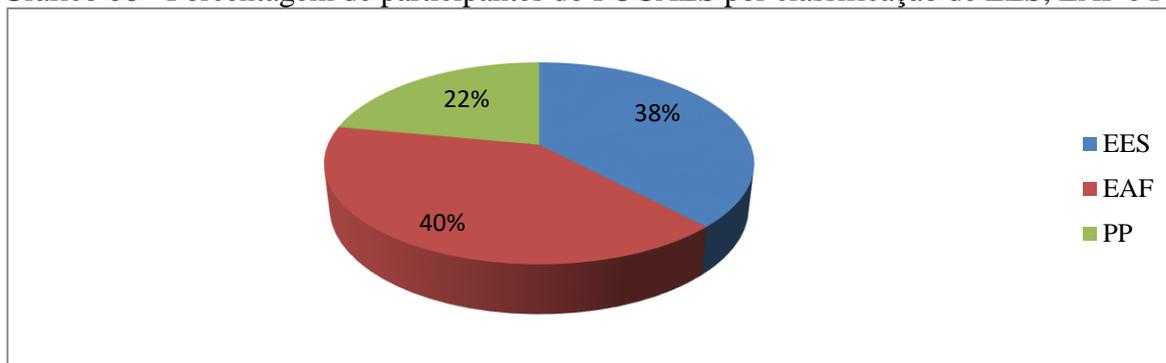
Gráfico 05 - Número de participantes de abril a dezembro de 2015



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados apresentados no trabalho COSTA e TAVARES (2016).

Nota-se que a frequência de participantes reduziu no decorrer dos meses do ano e em relação aos anos anteriores. Essa recaída deve-se, essencialmente, a uma redução nas articulações do fórum no início do ano de 2015, que só retomou as atividades em abril do mesmo ano. E redução das articulações no contexto da economia solidária a nível nacional, mediante início da crise política que se instalou no Brasil.

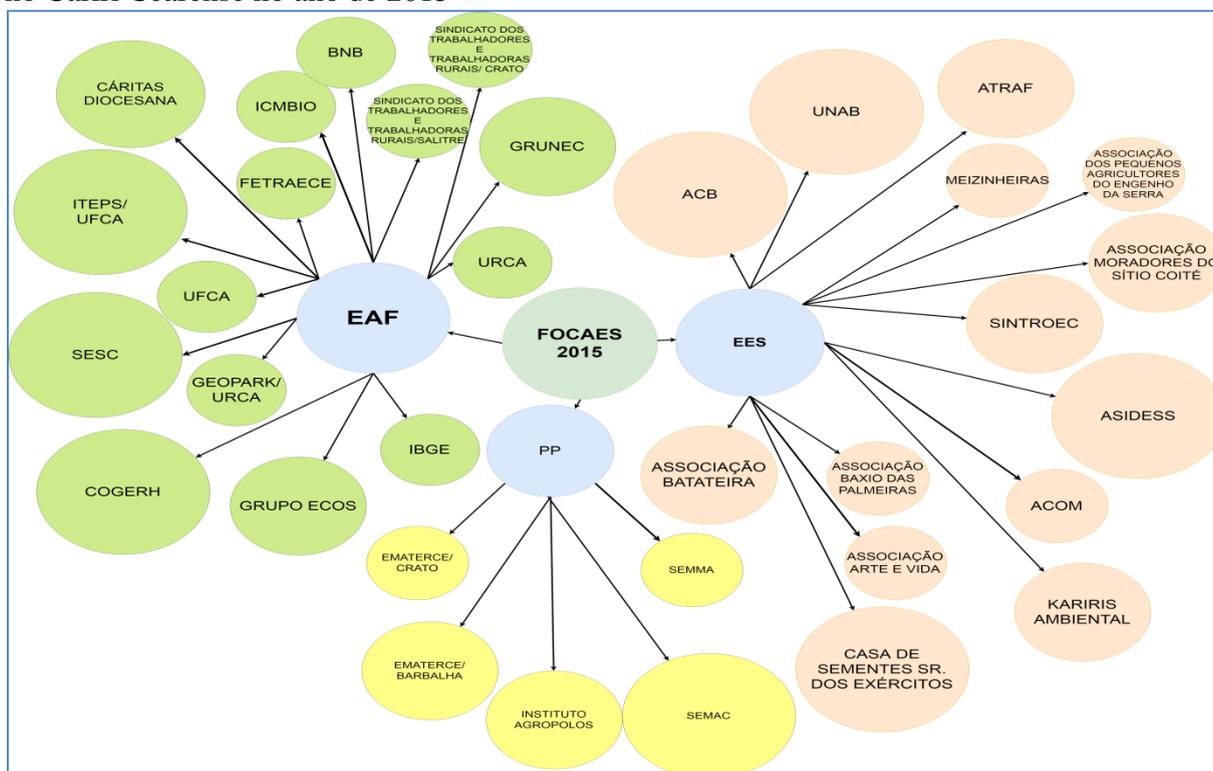
Gráfico 06 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP



Fonte: Elaboração própria baseado nos dados apresentados no trabalho COSTA e TAVARES (2016).

De acordo com o gráfico 06, vê-se que para o ano de 2015, houve um menor engajamento dos empreendimentos econômicos solidários. Este setor veio reduzindo suas participações desde o ano de 2013. Entretanto, o número de entidades de apoio e fomento participando do fórum aumentou relativamente representando 40% do total e 22% corresponde à participação de instituições públicas. Esse aumento se deu quando o fórum começou a articular de forma mais severa a instituição de marco legal da EcoSol na cidade de Crato e Barbalha e empenhar esforços em buscar mais parcerias. As instituições atuantes em 2015 seguem registradas abaixo na figura 06.

Figura 06 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2015



Fonte: Elaboração própria a partir das frequências e ajuda ferramenta Draw.io (v6.0.3.7).

Para uma melhor descrição de participações podemos visualizar um mapa de atores de 2015, onde o FOCAES contou com 34 instituições, dentre os quais os representantes eram 14 EES, 15 EAF e 5 PP no decorrer do ano.

. Segue registro de plenária em abril de 2015.

Imagem 07 - Registro de Plenária (abril de 2015)



Créditos: Maria Dasdores Gonçalves Costa

#### 4.2.4 Ano de 2016

Seguem nessa subseção as iniciativas, discussões e os encaminhamentos das reuniões/ações do Fórum Cariense de Economia Solidária, de janeiro a dezembro de 2016.

Quadro 16 - Principais discussões, ações e encaminhamentos do FOCAES no ano de 2016

MÊS/2016	DISCUSSÕES, AÇÕES E ENCAMINHAMENTOS
Janeiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 12 - Reunião com Dr. Leitão no Parque de Exposição/Crato;</li> <li>- Dia 17 - Participação da Coordenação no Forró dos Idosos no Parque de Exposição/Crato;</li> <li>Dia 25 - Preparação da Reunião de Planejamento 2016 – Mesa Brasil SESC;</li> <li>- Dia 27 - Apresentação da Avaliação 2015 e Planejamento do 1º semestre de 2016 – Auditório do SESC/ Crato;</li> <li>- Dia 28 - Participação no Lançamento do Portal da Economia Solidária do Cariri no Geopark/Crato.</li> </ul>
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 02 - Reunião do GT para discutir Regulamentação da Lei nº2813/2012 da ECOSOL e a Criação do Conselho Municipal do ECOSOL - Prof. Geovani, Heliane, Ianamar, Victória Regia, Mara Guedes e Sr. Novo no Mesa Brasil-Sesc/Crato;</li> <li>- Dia 17 - Reunião Ordinária - Apresentação do Portal de Economia Solidária (UFCA), Coordenação - ACB/Crato;</li> <li>- Dias 19 e 20 - Cariri Frutas- SINTTROEC - Expedito e Margarida (titulares) e Tereza – ACB (Suplente) na Expocrato;</li> <li>- Dias 24 e 25 - Reunião da RCSES para o Planejamento - Fortaleza: Centro de Formação Frei</li> </ul>

	Humberto (Não teve representação).
Março	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 02 - Rede de Feiras Agroecológica e Solidária do Cariri UFCA – Mira e feirantes do CRAJUBAR REFESA/Crato - ITEPS;</li> <li>- Dia 02- Reunião no Auditório da REFESA para tratar do Recurso destinado ao FOCAES;</li> <li>- Dia 16 - Encontro de Análise de Conjuntura e preparação para o encontro macro regional Nordeste – UFCA - UNAB/Barbalha.</li> <li>- De 17 a 19 – 13º Encontro da Coordenação Nacional – FBES – Luziânia/GO – Representante do RCSES.</li> </ul>
Abril	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 07 - 1ª Reunião do GT do Marco Legal no SESC- Mesa Brasil.</li> <li>-Dia 08 - Reunião do GT com Secretário de Desenvolvimento Econômico e Turismo e sua equipe;</li> <li>- Dia 12 – Envio Ofício p/ Prefeito e Secretários (Reunião );</li> <li>- Dia 13 - Foi protocolado ofício (processo nº 201604130847)</li> <li>- De 12 a 14 - Encontro Macro Regional Nordeste Vila de Poetas – Maranguape/CE – Sem representatividade;</li> <li>- Dia 18 - Reunião do GT no SESC - Mesa Brasil para preparação reunião com gestores para concluir o processo de regulamentação;</li> <li>- Dia 19 - Reunião com gestores e membros do FOCAES no auditório da secretaria de saúde ;</li> <li>- Dia 20 - Formação em Práticas de Economia Solidárias (Fundos Rotativos Solidários, Comercialização, Selo de Certificação) - Coordenação e ITEPS / UFCA - UFCA;</li> <li>- Repasse sobre o V Encontro do FBES;</li> <li>- Repasse sobre a Reunião da Macro região;</li> <li>- Repasse sobre a Lei Municipal da ECOSOL – GT;</li> <li>- Repasse sobre a Criação do Conselho Municipal de ECOSOL – GT;</li> </ul>
Maio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 13 – Chegada da Mestranda Aline e Equipe Francesa – Coordenação;</li> <li>- Dia 14 e 15 – Realização do Documentário sobre ECOSOL no Empreendimento do Sítio Coité - Coordenação;</li> <li>- Dia 18 - Formação em PNAE e PAA - Coordenação/UFCA - Barbalha</li> <li>- Agendamento do Planejamento de Formação para o 2º Semestre 2016 – Coordenação;</li> <li>- Apresentação da minuta do Projeto das Ações que demandam os Recursos nas atividades do Fórum, pelo município do Crato - Coordenação.</li> </ul>
Junho	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dia 07 – Reunião GT sobre Projeto das Finanças do Orçamento de R\$ 60.000,00 alocado no Projeto 11.334.0016-1046 da Prefeitura Mun. Crato - GT;</li> <li>- Dia 13 – Envio Ofício para SEMASP (Sec. Mun. de Meio Ambiente), solicitando a utilização da Praça Pe. Cícero para realização da 3ª Feira da REDE de Feiras Agroecológicas e Solidária da R. Cariri - Coordenação;</li> <li>- Dia 15 - Planejamento de 2º semestre de 2016 – Coordenação - SESC/Crato.</li> </ul>
Julho	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dia 06 – 3ª Feira da REDE de Feiras Agroecológicas e Solidária da Região Cariri na Praça Pe. Cicero – UFCA/ ITEPS;</li> <li>- Dia 08 a 10 – 12ª Feira Latino Americana da ECOSOL – Centro de Referencia de ECOSOL Dom Ivo Lorscheiter – Santa Mª /RS – Representando a Coordenação (Sr. Expedito);</li> <li>- Dia 20 – Planejamento p/ o 2º Semestre ; Visita do Sr. Carlos representando a RCSES (Rede Cearense de Econ. Solidária);</li> <li>- Dia 21 - Formação em Economia Solidária Feminista – Núcleo Extensão, Desenvolvimento Territorial - UFCA</li> </ul>
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 03 – Reunião de Planejamento de ações para 2º semestre de 2016 - Auditório da FETRAECE;</li> <li>- Dia 18 e 19 – Encontro Estadual da RCSES – Centro de Formação Frei Humberto – Fortaleza/CE - S/ representação; 1) Dia 20 – Reunião da Coordenação com Prefeito do Crato e apresentação dos Doc. sobre: Regulamentação da Lei nº 2.813/2012, Crato/CE, 05 de dezembro de 2012; 2) Repasse alocado dentro do orçamento programa para 2016, projeto código 11.334.0016 1.046, cujo valor corresponde a R\$ 60.000,00, a economia solidaria desse</li> </ul>

	município; 3) Criação do Conselho Municipal de Economia Solidária.
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dia 05 – Reunião da Coordenação e Gestor Municipal e convidados – Prefeitura Municipal do Crato – Não aconteceu;</li> <li>- Dia 12 - Reunião da Coordenação no SESC/Crato p/ agendar reunião c/ Secretários Municipais;</li> <li>- De 20 a 24 – Curso Estadual de Formação de Educadores (ras) em ECOSOL – Fortim/CE – Representante da Coordenação Ianamar;</li> <li>- Dia 21 - Formação PAA - Programa de Aquisição de Alimentos e PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escola – SESC/Crato; Informes Expofam .</li> </ul>
Outubro	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Dia 10 – Feira da EXPOFAM – Parque de Exposição Pedro Felício;</li> <li>- Dia 19 – Participação do FOCAES na III Mostra UFCA, no Campus Juazeiro do Norte;</li> <li>- Reunião do FOCAES e dos envolvidos na III Mostra UFCA com o objetivo de promover o conhecimento crítico e socialmente comprometido para o desenvolvimento territorial do Cariri.</li> </ul>
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia 07 - Ofício ao Procurador Geral do Município de Crato solicitando viabilização de convocação do Poder legislativo;</li> <li>- De 15 a 17 – Reunião FBES – Contagem Minas Gerais – Sem representação do Estado;</li> <li>- Dia 16 – Reunião com Apresentação da Linha do Tempo do FOCAES (Dorinha); Informe sobre Feirão de Socioeconomia Solidária (15 a 17 de dezembro em Fortaleza); Informe Bazar Cáritas;</li> <li>- Dia 17 – Envio ofício gerente regional Cogher solicitando um titular e suplente em substituição a M<sup>a</sup> das Dores;</li> <li>- Dia 22 – Ofício a Pró-reitora da URCA, solicitando apoio de transporte para o Feirão;</li> <li>- Dia 30 – Audiência da Coordenação/ GT com Procurador;</li> <li>- Dia 30 – Reunião Coordenação na Cáritas p/ viabilidade de representantes para o 15º Feirão em Fortaleza.</li> </ul>
Dezembro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dia 06 – Reunião do FOCAES público em geral para Avaliação das Atividades do ano corrente;</li> <li>- Fala da Prof<sup>a</sup> Dra. Laudeci Martins: A atual conjuntura econômica e os desafios da ECOSOL no Brasil</li> <li>- Fala da Mestranda Altamira: Discussão, construção a respeito da matriz FOFA e sua eficiência para obtenção de dados reais sobre o estudo de caso FOCAES e sua importância para o planejamento do FOCAES em 2017.</li> <li>- Construção da Matriz FOFA pelos próprios atores do fórum.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria a partir do relatório final de avaliação de ações do FOCAES em 2016.

O ano de 2016 embora tenha tido, consideravelmente, menos participações do que todos os anos, com exceção em 2015, foi marcado por ações contínuas, principalmente no quesito da construção de um marco legal que validasse a EcoSol no Cariri cearense, mesmo não tendo ocorrido reuniões regulares durante o ano.

Nota-se que pelo menos a coordenação executiva estava empenhada em atividades de fortalecimento dos movimentos de EcoSol no Cariri, como reuniões e audiências com o poder público para criar o fundo e o conselho para fomento da EcoSol na cidade de Crato, Barbalha. Essas cidades têm sido projetos pilotos, com intenção de ampliação para outras localidades do Cariri cearense.

As reuniões concentraram-se, como em 2015, nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, totalizando no decorrer do ano um total de 192 participantes.

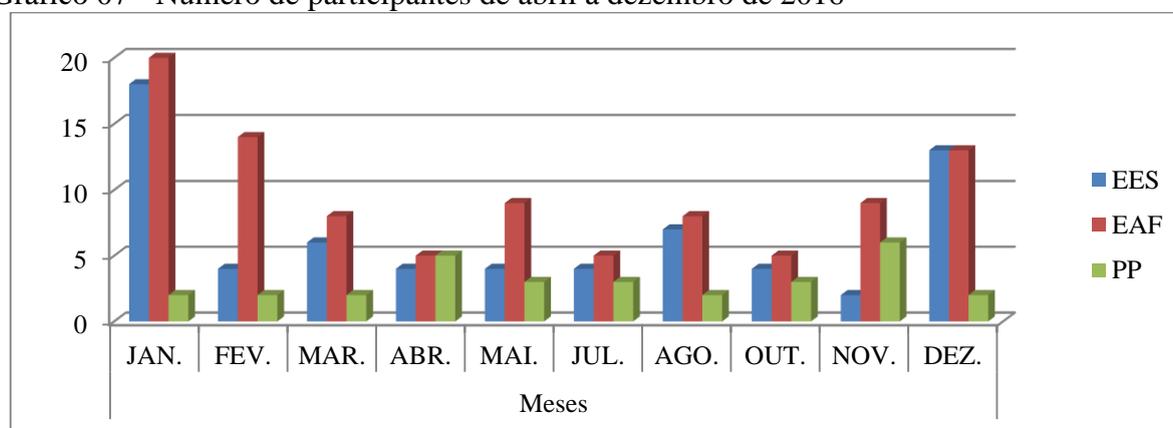
Quadro 17 - Frequência por setor de participação e município nas reuniões do FOCAES em 2016

MESES	DATA	EES	EAF	PP	Total	Local
JAN.	27/01/2016	18	20	2	40	Crato
FEV.	17/02/2016	4	14	2	20	Crato
MAR.	16/03/2016	6	8	2	16	Barbalha
ABR.	19/04/2016	4	5	5	14	Crato
MAI.	18/05/2016	4	9	3	16	Crato
JUL.	20/07/2016	4	5	3	12	Crato
AGO.	03/08/2016	7	8	2	17	Crato
OUT.	19/10/2016	4	5	3	12	Juazeiro
NOV.	16/11/2016	2	9	6	17	Crato
DEZ.	06/12/2016	13	13	2	28	Juazeiro
<b>Total: 10 reuniões</b>		66	96	30	192 participantes	

Fonte: Elaboração própria a partir de frequências do FOCAES em 2016 .

Seguem abaixo dois gráficos que melhor demonstram a oscilação da frequência de participantes no ano de 2016 por meses no gráfico 07, e o gráfico 08, podemos ver a porcentagem, em média, de cada classificação de participantes de modo anual.

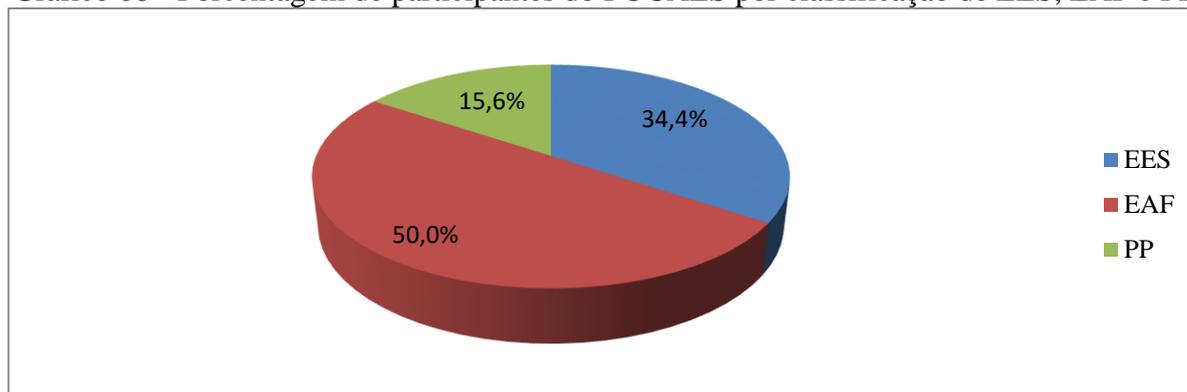
Gráfico 07 - Número de participantes de abril à dezembro de 2016



Fonte: Elaboração própria a partir de frequências do FOCAES em 2016.

Nota-se que a frequência de participantes reduziu no decorrer dos meses do ano e em relação aos anos anteriores. Essa redução se deve essencialmente a uma maior articulação entre os coordenadores do fórum para decidir ações para definição de um marco legal e viabilização de atividades desencadeadoras de incentivo da EcoSol no Cariri.

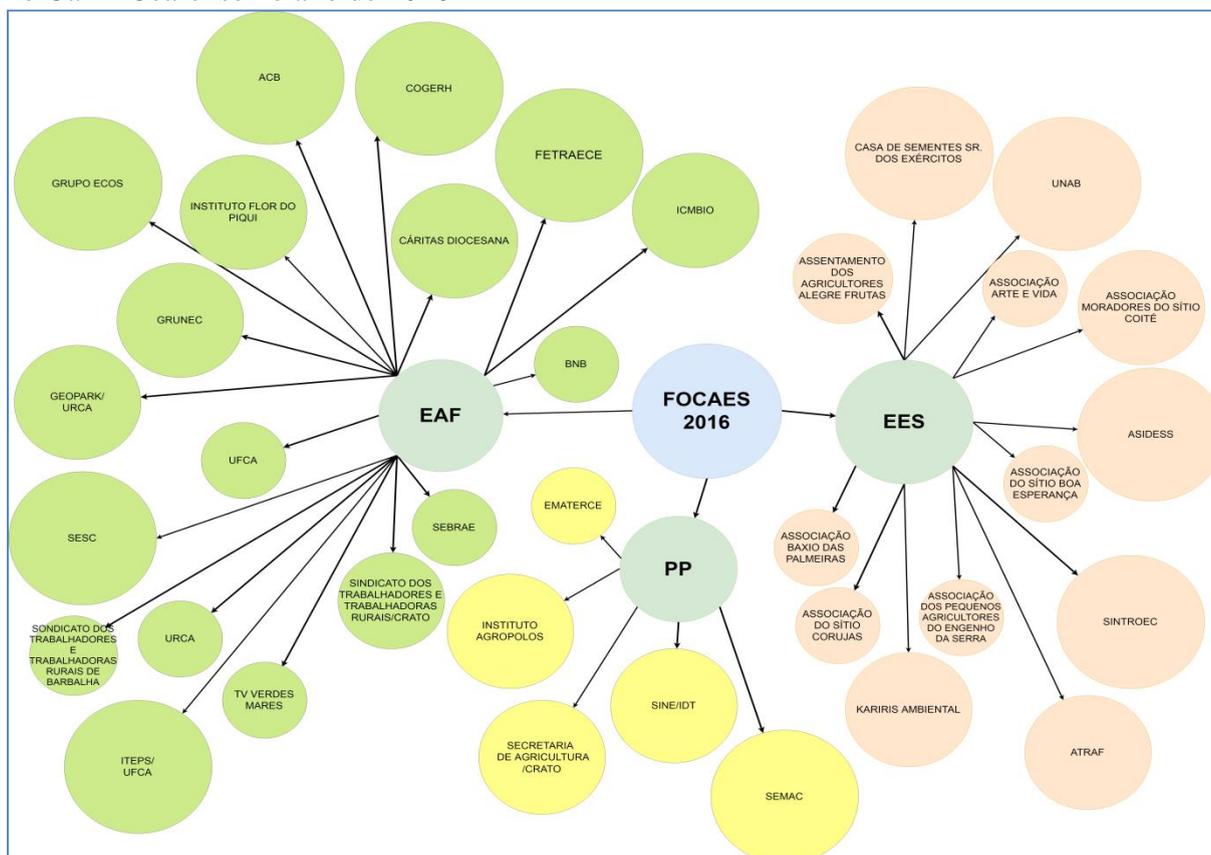
Gráfico 08 - Porcentagem de participantes do FOCAES por classificação de EES, EAF e PP



Fonte: Elaboração própria a partir de frequências do FOCAES em 2016

De acordo com o gráfico 08, o ano de 2016, houve um menor engajamento do poder público, representando apenas 15,6% das organizações atuantes e dos empreendimentos econômicos solidários, entretanto o número de entidades de apoio e fomento e empreendimentos econômicos solidários participando do fórum aumentou relativamente representando 50% e 34,4% do total respectivamente. Segue o mapa das organizações atuantes em 2016.

Figura 07 - Mapa de atores e instituições da ES atuantes no FOCAES e organizados em rede no Cariri Cearense no ano de 2016



Fonte: Elaboração própria a partir das frequências e ajuda ferramenta Draw.io (v6.0.3.7).

Para uma melhor descrição de participações é possível visualizar um mapa de atores de 2016 onde o FOCAES contou com 36 instituições, dentre os quais os representantes foram 18 EES, 16 EAF e 5 PP no decorrer do ano. Segue alguns registros imagéticos do FOCAES em 2016.

Imagem 08 - 3ª Feira da REDE de Feiras Agroecológicas e Solidária da Região Cariri na Praça Pe. Cicero (julho de 2016)



Créditos: Alfredo Sobrinho

Imagem 09 - Registro de Reunião Ordinária na Cáritas Diocesana - Crato (novembro de 2016)



Créditos: Altamira Vicente dos Santos

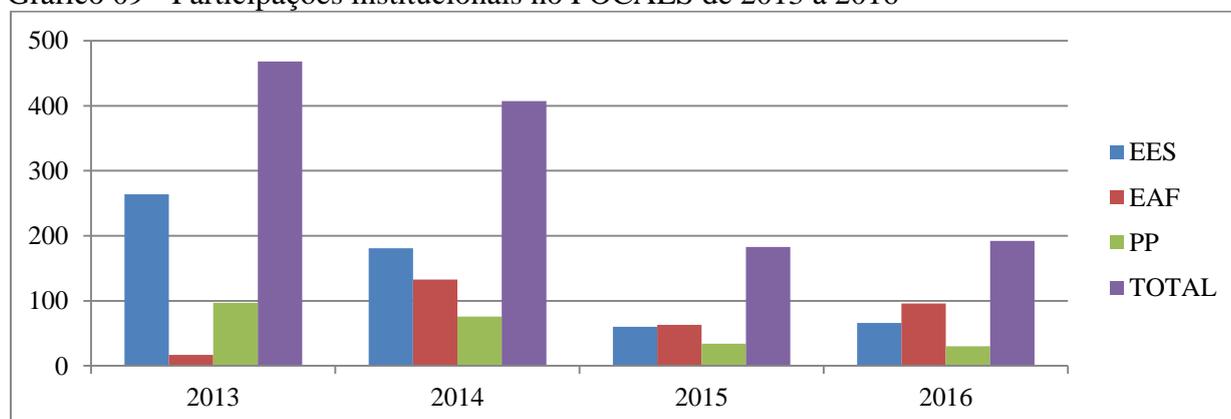
Imagem 10 - Registro de Reunião Ordinária no SINE/IDT – Juazeiro do Norte (dezembro de 2016)



Créditos: Altamira Vicente dos Santos

De acordo com os dados apresentados e de modo geral é possível fazer algumas afirmações, como a redução do número de participações no fórum, que segundo os dados reduziu de 468 em 2013 para 192 participantes em 2016, ou seja, reduziu em mais da metade. Para ajudar numa melhor visualização geral desse dado, segue no gráfico 09.

Gráfico 09 - Participações institucionais no FOCAES de 2013 à 2016



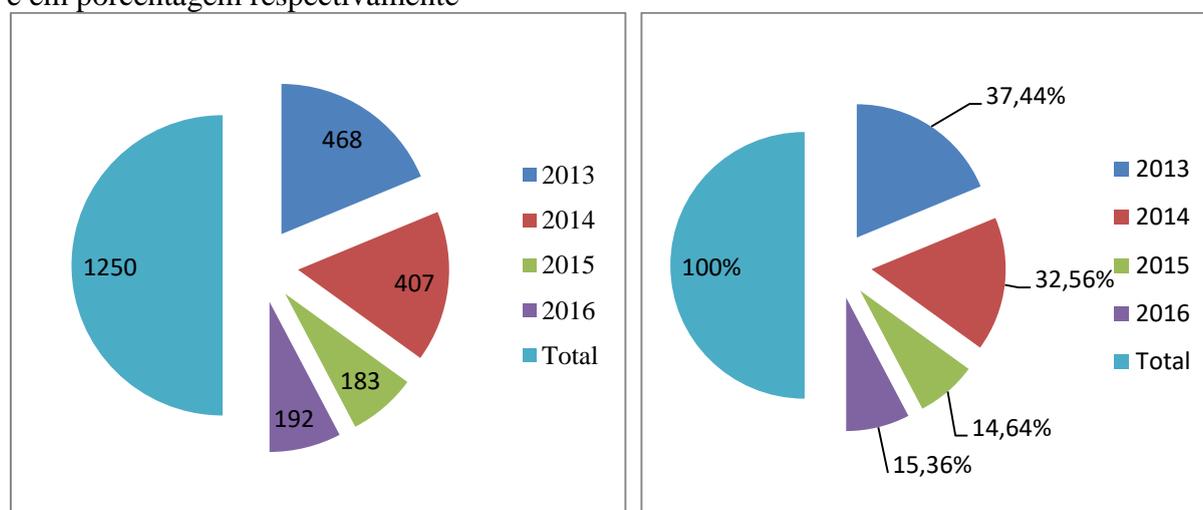
Fonte: Elaboração própria

Para tanto identifica-se que essa redução foi provocada por conta das reuniões que deixaram de ser mais itinerantes e se concentraram ultimamente na região CRAJUBAR, especialmente na cidade de Crato. Além da desarticulação nacional do Governo e conseqüentemente afetou o local frente a ações de incentivo a EcoSol no Brasil.

É visível também a necessidade do fórum dialogar mais com o poder público e com as entidades de apoio e fomento, além de propor estratégias para conseguir atuar nas 28 cidades do Cariri dialogando mais com o território, em especial, com os EES, para que possam conhecer os objetivos do fórum e atuar nessa rede, que está em constante transformação, mostrando-se muitos potenciais de discussões e articulações para fortalecer a economia solidária na região.

Considerando os registros dos dados a partir de 2013, verifica-se que de um total de 1250 participações de 2013 a 2016 no FOCAES, foi possível mostrar, em porcentagem, essa redução no decorrer do tempo. O número de participações caiu pela metade, onde 32,56% do total foi a porcentagem de participações em 2013 chegando a 15,36% de participações em 2016. Entretanto, nota-se que as atividades permaneceram contínuas como a prática de reuniões mensais, definição de um marco legal, incentivo às feiras agroecológicas dentre outras benfeitorias. Seguem em números reais e em porcentagem, nos gráficos 10 e 11, como essas participações de organizações foram reduzindo durante os anos de 2013 à 2016.

Gráficos 10 e 10 - Participações institucionais no FOCAES de 2013 à 2016 em números reais e em porcentagem respectivamente



Fonte: Elaboração própria

Quanto ao registro das reuniões do fórum nota-se que ocorreram de modo contínuo, mesmo estas não ocorrendo em alguns meses do ano. Na reunião de planejamento realizada no dia 27 de janeiro de 2016 foram socializadas algumas propostas para o ano de 2015 e o que foi executado no FOCAES. Estas justificam a importância do fórum quando na apresentação foi mostrado que a média de execução das ações planejadas para 2015 foi de 85%. Essa foi uma porcentagem significativa para 2015, lembrando que esse dado representa

aproximadamente a execução de ações planejadas no fórum desde sua criação, mantendo sua proposta de fortalecimento junto aos empreendimentos solidários econômicos.

Logo observa-se que o fluxo de participações/ações do fórum se fez mais significativo e com um maior número de organizações atuantes quando as reuniões se propuseram a conhecer as diferentes cidades do Cariri. Essa atividade condicionava o fórum a ver as emergências daquela localidade, de modo que algumas dessas instituições participantes permaneceram até o fim de 2016 acompanhando as discussões do fórum, interagindo com a rede e adquirindo conhecimentos para fortalecimento do movimento da EcoSol na sua cidade, mesmo que de longe ou até mesmo pelo grupo de diálogo denominado “Economia Solidária no Cariri” criado no aplicativo de celular Whatasapp, onde todos têm acesso as informações, mantendo-se atualizados em tempo real de todas as iniciativas solidárias no Cariri e sobretudo, sobre o FOCAES.

Individualmente, os pobres se sentem expostos a todo tipo de perigos. O pertencer a um grupo dá-lhes uma espécie de segurança. O indivíduo sozinho tende a ser imprevisível e inseguro. Em um grupo, beneficia-se do apoio e da emulação de todos, sua conduta se torna mais regular e mais confiável em matéria de empréstimos (YUNUS, Apud SINGER: 2002, p. 80)

Essa é uma citação relacionada à questão de empréstimos dos EES em bancos comunitários, onde o índice de inadimplência é muito baixo, quase insignificativo, entretanto, também representa a estabilidade que o associativismo promove aos membros. Então, se um grupo coletivamente organizado proporciona tudo isso, este articulado ao fórum e logo a uma rede local é capaz de trazer muitos benefícios para sua organização na questão da formação, empoderamento dos atores e fortalecimento da luta da economia solidária, que será mais bem visto no capítulo seguinte. Os fóruns,

[...] têm sido um instrumento importante de articulação política da sociedade civil que se constituem em espaços de formação, informação e planejamento de estratégia conjunta para intervenção nas políticas públicas, sendo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária sua expressão máxima (OLIVEIRA, J. A.; BEATRIZ, M. Z., 2015, p.261)

Nesse sentido, a partir dos fluxogramas, gráficos, figuras e da observação participante, vê-se como as instituições que dialogam com o FOCAES, essencialmente as que permaneceram atuantes no decorrer do tempo, criaram uma rede de atuação da EcoSol no Cariri, que segue melhor detalhada no próximo capítulo. Estas manteram-se inovadoras e fortalecidas a partir da interação com as discussões e ações do fórum, além de sobressair-se mais no entendimento de como um movimento de ES deve atuar por intermédio da prática constante dos seus princípios.

## 5 FOCAES: POR UMA REDE DE COOPERAÇÃO NO CARIRI CEARENSE

A Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, com objetivo de “fortalecer a organização de redes de cooperação solidária”, lançou edital no fim do ano de 2015 com vista a apoiar Empreendimentos Solidários –EES, organizados em “cadeias produtivas, arranjos de produção, comercialização e consumo sustentável”. Essa iniciativa tem proporcionado a organização, expansão, fortalecimento e consolidação das redes de cooperação solidária (FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2016, p.1).

Nesse sentido, a expansão da ES pode ser vista de uma forma melhor a partir da apresentação gráfica abaixo, contida no Atlas da Economia Solidária, onde é ressaltada uma potencialidade de ampliação crescente para os próximos anos mediante uma amostra de sua dimensão atual.

Figura 08 - Mapa de atores e instituições da ES organizados em rede no Brasil



Fonte: SENAES (2006, p.14).

Os empreendimentos econômicos solidários podem contar com o apoio e assistência de várias instituições, sejam elas públicas ou privadas, a qual segundo Barbosa (2007), podemos citar: Rede Brasileira de Socioeconomia Solidária (RBSES), Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), Associação Nacional de Trabalhadores e Empresas de Autogestão (ANTEAG), Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Socioeconômicas (IBASE), Cáritas Brasileira, Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil (CONCRAB), Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas

Populares (RITCP), Rede Brasileira de Gestores de Políticas Públicas da Economia Solidária e Agência de Desenvolvimento Solidária da Central Única dos Trabalhadores (ADS/CUT).

Podemos contar também com as Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária, que “são aquelas organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos empreendimentos econômicos solidários, tais como: capacitação, assessoria, incubação, assistência técnica e organizativa e acompanhamento” (ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL, 2006, p.13).

Neste contexto, convém analisar o papel do Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES, localizado na região do Cariri Cearense como sendo um ambiente que dialoga e integra a economia solidária no Cariri em redes sendo de grande importância para o Desenvolvimento Regional Sustentável, ou seja, como sendo um movimento que se constitui numa pretensão estratégica na perspectiva de melhorar as condições locais de vida das pessoas, dos empreendimentos solidários e de uma comunidade e/ou região, sob todas as suas dimensões.

Logo, este capítulo tem como objeto de discussão O FOCAES como um elemento fundamental e integrador de uma rede de cooperação no Cariri cearense. Este inicia com um diálogo a partir de três pessoas que atuam na coordenação, onde são representantes do tripé que formam o fórum, denominados empreendimentos econômicos solidários, entidades de apoio e fomento e poder público. O diálogo só foi possível com a execução de uma entrevista semi-estruturada com os representantes, além de uma observação participante no campo de estudo.

Posteriormente veremos como as instituições em torno do FOCAES formam uma rede de EcoSol no Cariri. Em seguida tem-se o diagnóstico do fórum a partir da participação dos próprios integrantes a partir da ferramenta de coleta de dados chamada Matriz FOFA, onde numa reunião os atores falaram sobre fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças que esbarram nos limites e possibilidades de atuação do mesmo na região.

Finalizando com a identificação das mais recorrentes dificuldades que impedem o fórum de desenvolver. Para estes foi proposto objetivos/plano de ações a seguir em 2017 para que o fórum avance como um movimento em rede que tem como estratégia atuar nas 28 cidades que compõem o Cariri.

Logo, com essa metodologia ativa realizada, onde a construção foi a partir dos próprios atores da rede, estruturou-se ações/metastas que foram fundamentadas além da vivência dos membros do FOCAES, nos princípios do empreendedorismo social e das tecnologias sociais, ou seja, como tecnologias sociais podem ser entendidas como ações empreendedoras

que podem mudar o meio social através de práticas econômicas solidárias, finalizando com uma contextualização a partir das dimensões políticas, culturais, econômicas e sociais do desenvolvimento sustentável.

### **5.1 Discutindo o FOCAES: uma visão a partir de representantes da coordenação que formam o tripé EES, EAF e PP**

A coordenação do fórum assume um papel de articuladora/mobilizadora do movimento além de fornecer as condições para que seja viável o debate. Durante este processo a secretaria executiva do FOCAES se torna responsável por registrar e manter o arquivo das discussões, lista de participantes, memória e demais documentos do fórum.

Este capítulo então se inicia com um breve diálogo com a coordenação. As informações foram conseguidas a partir de conversas informais e entrevistas semi-estruturada, com três representantes da coordenação do FOCAES, onde o roteiro de questões/perguntas a serem respondidas seguem no apêndice 1. É importante ressaltar que as questões não seguem de modo seqüenciado nesse trabalho, na medida em que foi necessário alocar as falas ao corpo do texto.

Os três entrevistados identificam a parceria e a representação na secretaria do fórum dos três setores organizacionais PP, EES e EAF atuantes num ambiente aberto de discussões e práticas solidárias no Cariri cearense.

Partindo para dados coletados, foram identificados pontos positivos e pontos negativos presente no FOCAES, onde os entrevistados, afirmaram concomitantemente, que apesar dele abranger 28 municípios, o mesmo tem dificuldade em ter participações de todas as cidades, não que eles não estejam abertos a recepção, mas por que não tem tido representação de algumas cidades. As representações, dentro do fórum são mais efetivas com as cidades de Crato, Juazeiro e Barbalha, dentre outras que estão marcando presença como: Araripe, Várzea Alegre, Caririaçu, Nova Olinda, Santana do Cariri, Assaré, Altaneira, e Salitre, como já informado.

Um dos motivos, considerado uma das maiores dificuldades do envolvimento das instituições no fórum, no tocante a questão da falta de recursos financeiros, que tem dificultado algumas ações do fórum, ficam claras nas falas seguintes, que se complementam:

*“As reuniões ocorrem na terceira quarta-feira de cada mês, mas o fórum não tem como disponibilizar uma passagem pra uma pessoa sair da sua cidade e*

*vim participar dessa reunião e às vezes o próprio empreendimento não tem esse dinheiro” (HELLANE ARAGÃO, 2016).*

*“Não temos recursos suficientes, basicamente está funcionando como o fórum CRAJUBAR (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Nós não temos como alcançar todos os municípios, se estes não tiverem um núcleo que venha a nós para chegarmos lá também” (IANAMAR XAVIER, 2016).*

*“O que falta então é ver quem vai chegar representando o município e se doar para essas discussões e posteriormente atuar nas ações do fórum” (ALFREDO SOBRINHO, 2016).*

Nesse sentido, Singer confirma essa existência de dificuldades financeiras enfrentadas pelas organizações. Numa entrevista concedida ao Oliveira (2008) para a Revista Estudos Avançados, considerando uma contextualização sobre as dificuldades financeiras dos EES, como as dificuldades de créditos para financiar suas atividades, Singer diz que os recursos, em especial o crédito para mover atividades econômicas solidárias, são provavelmente o maior gargalo, ou seja,

[...] o maior desafio para a economia solidária: deixar de ser miserável e poder se tornar próspera. É o acesso ao capital, que os empreendimentos de economia solidária não têm... porque são pobres. Mas não têm acesso ao sistema financeiro porque o sistema financeiro é antipobre, tradicionalmente. O sistema financeiro formal está muito voltado aos grandes clientes, sejam governos ou empresas. Há um dito que banco só empresta para quem não precisa. Isso é verdade, porque quem precisa mais é quem não tem como garantir que vai devolver o que tomou emprestado; então o sistema exclui os pobres. Toda uma luta contra a exclusão financeira está sendo travada pela economia solidária (SINGER, 2008, *apud*, OLIVEIRA, 2008, p.302).

Ainda segundo Singer, existem exceções, como é o caso do Grameem Bank do Yunus, onde há uma relação de confiança com os cooperados e a taxa de inadimplência é zero. Ele associa esse sucesso ao fato de mais de 90% dos sete milhões de clientes serem compostos por mulheres e o crédito é concedido a um grupo de cinco pessoas que devem fazer a gestão do mesmo em conjunto assim como também saldar a dívida. Salienta que quando uma pessoa está com dificuldade de pagar a prestação, as demais pessoas do grupo se solidarizam e ajudam a pagar ((SINGER, 2008, *apud*, OLIVEIRA, 2008, p.302).

No Brasil vemos um modo de microcrédito numa versão modificada do sistema Grameem, pois o mesmo aposta no empreendedorismo individual, o oposto da economia solidária, onde o crédito é disposto para instituições autônomas, onde as taxas de juros são suficientes para cobrir os custos e acumular capital. Em contrapartida, o sistema Grameem, não seria um grupo de cinco pessoas para aval, porque este deixa de fornecer quando não se

paga, pois parte do pressuposto que quando não se paga é porque não pode. Logo a saída não é processar, mas dar mais dinheiro para reabilitação (OLIVEIRA, P. S., 2008).

Dessa forma, é notório que essa experiência só se torna um sistema viável, porque estamos falando de aglomerados cooperativos solidários, que dialogam e interagem constantemente. Supõe-se que nestes acontecem trocas extraordinárias de experiências e saberes populares que fazem os EES se fortalecerem em rede mediante práticas de gestão e de economia solidária baseada no e para o coletivo.

Quando se fala em tempo para exercer atividades do fórum, afirmam não serem remunerados e suas ocupações no emprego não permitem muito tempo para atividades exclusivas do FOCAES. Exemplifica:

*“os participantes do fórum não são remunerados, então todos que estão na coordenação do fórum estão voluntariamente, por isso com outras obrigações não tem dado tempo de documentar sistematicamente as informações das reuniões. A ITEPS/UFCA tinha estagiários que faziam esse controle, porém não tem mais essa assessoria que dava suporte para relatórios anuais importantes” (HELIANE ARAGÃO, 2016).*

Quanto às instituições participantes, o Artigo 5º do Estatuto do Focaes coloca como uma das estratégias a busca por parcerias. Nesse sentido foram mencionadas: Prefeitura do Crato, UFCA, SINTROEC, ACB, ATRAF, ASIDES, UFCA, URCA, EMATERCE, SEBRAE, BNB, FETRAECE Cariri, Cáritas Diocesana, Casa Lilás, Flor do Pequi, CooperCrato, ITEPS, Casa de Sementes Senhor dos Exércitos, Território da Cidadania e URCA, dentre outras instituições que não foram lembradas nas falas dos entrevistados, mas que seguirão informados mediante mapeamento das instituições que já atuaram ou continuam atuando no fórum.

O SESC também tem sido um parceiro e tem se mostrado aberto a ajudar sempre na alimentação, feiras, entre outros eventos. Heliane Aragão enfatiza a importância das parcerias e justifica:

*“Na falta de um financiamento ou até mesmo de dinheiro em conta arrecadado na promoção de feiras/eventos, o apoio das entidades são de extrema necessidade. Precisa-se de recursos para gastos com passagens, eventos dentre outras movimentações de caixa, pois os voluntários muitas vezes pegam dinheiro próprio para suprir necessidades do FOCAES” (HELIANE ARAGÃO, 2016).*

Embora o Artigo 1º do Estatuto do FOCAES diga que a natureza do fórum também é prestar apoio técnico, foi visto nas entrevistas que essa é uma das dificuldades por questões financeiras e que somente quando têm as feiras são feitas oficinas, palestras, com preocupação de promover formação, porém não tem sido continuamente. Afirma:

*“Se eles estão com alguma dificuldade, então a gente procura ajudar da melhor forma possível, por isso é tão importante à participação das instituições no fórum, por que se elas não estiverem presentes não tem como a gente saber pra ajudar e também a prioridade se faz necessária para as instituições que participam do fórum” (HELIANE ARAGÃO, 2016).*

Assim o apoio técnico, tão necessário, só existe mais no sentido de articular as feiras e eventos para comercialização dos produtos dos atores envolvidos em empreendimentos solidários e promoção do conhecimento, dado que os recursos ainda impedem uma atuação mais técnica efetiva em campo. De modo contraditório ao Artigo 1 do Estatuto o FOCAES e ainda relacionado ao apoio técnico, têm-se as seguintes falas:

*“[...] não é bem o papel do fórum prestar apoio técnico, mas o de articulação e de para fortalecimento” (IANAMAR, 2016).*

*“[...] o fórum promove conhecimento, mas prestar apoio técnico não” (ALFREDO, 2016).*

Embora ainda seja notório o desconhecimento, em parte, do Estatuto do FOCAES pelos coordenadores do fórum, os mesmos justificam dizendo que quando as leis municipais, os conselhos e os recursos estiverem regulamentados, juntamente com as entidades de apoio e fomento dando suporte financeiro, podem-se melhorar as ações e expandirem ainda mais as atividades do FOCAES, inclusive atuando mais precisamente com o processo de formação técnica.

Quanto ao registro das informações em ATA:

*“[...] já houve de modo mais contínuo, porém atualmente só se tem feito frequências e algumas memórias são anotadas, não sendo possível toda a sistematização dos dados, onde alguns fatos importantes acabam se perdendo por falta de registro das informações” (HELIANE ARAGÃO, 2016).*

Embora algumas dificuldades apresentados acima sejam preocupantes, de modo geral, o FOCAES tem tido êxito nas ações que se propõem a fazer, mesmo considerando suas restrições financeiras. Por exemplo, na reunião de planejamento realizada no dia 27 de janeiro

de 2016 foram socializadas uma apanhado geral do que foi proposto para o ano de 2015 e o que foi executado no FOCAES, sendo visto que a média de execução das ações planejadas para 2015 foi de 85% do proposto antecipadamente, a partir a ação autogestionária. Estes cumprimentos só foram possíveis por conta da capacidade de autogestão desenvolvida pela organização. Sobre as ações autogestionárias, Singer fala sobre a importância da participação de atores num trabalho autogerido.

A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das decisões e de decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoas mais realizada, autoconfiante e segura (SINGER, 2002, p.21)

Logo, fica claro o potencial de um trabalho autogerido, ou seja, a autogestão se faz necessária na medida em que ela permite educar e transformar o desempenho e a essência das pessoas que passam a se tornar mais humanizadas e solidárias por meio da incorporação dos valores ideológicos da economia solidária.

O FOCAES tem objetivo de ser um ambiente autogerido, embora verifica-se em seguida, que ainda existem dificuldades de subjetivação dos sujeitos para agir de tal modo sobrecarregando as atividades/ações do fórum sobre alguns membros. Isso foi identificado tanto na observação participante como nas falas dos coordenadores acima, que deixam claro a dificuldade de cuidar do fórum, já que por falta de recursos os mesmos precisam trabalhar de modo remunerado em outro ambiente, passando o FOCAES a ser uma atividade secundária, mostrando que é preciso uma melhor organização nesse sentido.

As reuniões têm se mostrado uma dinâmica eficiente, na medida em que se baseiam numa construção coletiva. Nelas se desenvolvem as pautas das reuniões e planejamentos dentro dos espaços itinerantes de discussões a partir dos atores envolvidos no processo e em comum acordo entre todos os participantes.

Elas também têm forte poder de articulação em rede das atividades da EcoSol em rede no Cariri, fazendo do FOCAES uma ponte e um ponto conectivo que fortalece e integra os EES a partir da formação e de práticas solidárias coletivas. Esse potencial integrador do FOCAES segue melhor identificado na subseção seguinte.

## **5.2 O FOCAES como elemento integrador da rede**

Dentre as melhorias e dificuldades do FOCAES, sua existência tem relevância na medida em que se propõe a ser um ambiente aberto, que dialoga, articula, cuida do meio ambiente, se preocupa com os atores envolvidos e visa o bem viver. Assim, além de interagir

com o território nacional ele também é integrado numa rede local. A rede de atuação do FOCAES pode ser bem observada, com suas instituições e ligações, na figura 09.

A figura mostra como se encontra a rede em torno do FOCAES de 2013 a 2016 (quando começou a ocorrer sistematização dos dados). O FOCAES tem dialogado desde o contexto nacional, com as ligas, uniões, redes e outros fóruns; ao contexto local, onde congrega várias instituições classificadas como entidades de apoio e fomento, empreendimentos econômicos solidários e instituições públicas do Cariri cearense.

Assim o FOCAES é apresentado em seu tripé: poderes públicos, empreendimentos econômicos solidários e entidades de apoio e fomento e seguem nomeados. Os três setores interagem com uma rede maior que é a Rede Cearense de Socioeconomia Solidária que respectivamente interatua com a rede nacional. Estas conexões formam entre si um emaranhado de organizações sendo pontos conectivos da rede que tem lutado e trabalhado em prol de uma outra economia que inclui, que se preocupa e que é, acima de tudo, mais humana.

Sobre a outra economia, esta se configura como uma alternativa material e humana superior à economia capitalista, denominadas economia solidária, economia do trabalho, novo cooperativismo, empresas autogestionárias e outros, com princípios regidos pela solidariedade, sustentabilidade, inclusão, enfim, emancipação social (CATTANI, 2009).

Assim, como a exposição dos anos de 2013 a 2016, o mapa geral de atores em torno do FOCAES no Cariri, também está classificado pelo tamanho da circunferência para níveis de participação durante esse período. As organizações que estão dentro da circunferência maior, participaram continuamente de todos os anos, enquanto o tamanho médio representa as instituições que participaram pelo menos dois anos e o tamanho menor são organizações que tiveram participações, porém não foi de modo constante durante os quatro anos em que se tem o registro.

No total, desde 2013, temos 109 instituições, do Cariri cearense, que participaram ou ainda participam das reuniões e dos movimentos de EcoSol a partir de reuniões e ações do fórum. Desse total, 50,9% são empreendimentos econômicos solidários, 30% são entidades de apoio e fomento e 19,1% são representantes do poder público. Logo, ainda é preciso melhorar a participação das instâncias governamentais, dado que o Estatuto do FOCAES coloca que para um funcionamento mais eficaz do fórum e conseqüentemente de suas ações é preciso que ele atue com, pelo menos, 50% de representantes de EES, 25% de EAF e 25% de PP, essencial para executar deliberações e tomada de decisões em plenária (FOCAES, Art. 7º, III, §8º p.4).



Considerando o fluxograma acima, é possível identificar uma rede de atuação em torno do FOCAES no Cariri cearense. Essa, dialogando com o arcabouço teórico, em especial, com os autores citados Mance (2002) e em consonância complementar com Deleuze e Guattari (1995), pode-se diagnosticar a Rede FOCAES como sendo uma rede do tipo complexa/rizomática, na medida em que é formada por células, que são as organizações, onde estas mantêm elos de informação e influência a partir dos fluxos e conexões que permitem diálogo e integração mútuo entre as si.

Redes significam coisas diferentes para pessoas diferentes. Uma simples definição de rede é um conjunto de ligações que direta ou indiretamente conectam cada membro de um grupo a cada outro membro do grupo” (CASSON & COX, 1997, p. 175)

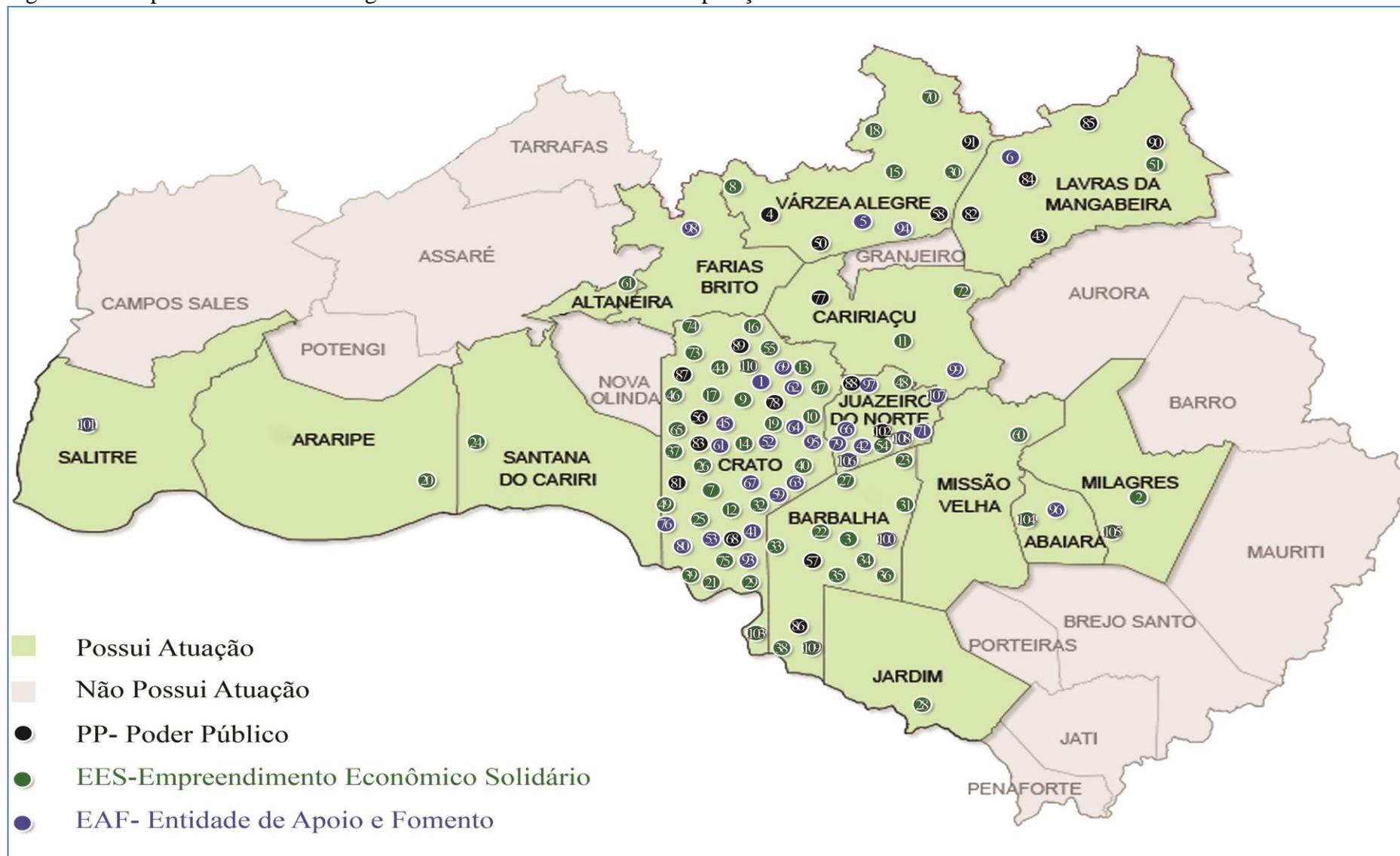
Nota-se, a partir da figura e da citação acima, que tudo está conectado, embora apenas alguns pontos na figura estejam visivelmente ligados, conclui-se que com essas ligações centrais conectadas, uma instituição em qualquer ponto da rede mantêm ligações com todos os outros pontos/organizações da rede, mesmo que em menor frequência.

Assim atentando para a operacionalidade da rede, nesse caso a rede em torno do FOCAES, vemos que a atuação é:

- horizontal, quando iguala os diferentes atores e trabalha em forma de cadeias produtivas;
- flexível, quando se respeita as diferentes opiniões e apesar dos conflitos sempre pode ser visto um meio termo com o aval coletivo;
- descentralizada, pois não existe hierarquia, apesar dos compromissos concentrarem-se, algumas vezes, nas mãos de poucos, tudo é socializado e acordado de modo coletivo; e
- múltiplo, de modo que abraça a perspectiva plural das diferentes instituições e atores solidarizando-se com as diferentes questões apresentadas.

Para uma melhor identificação da atuação do FOCAES desde sua criação, este trabalho propôs mapear a rede em torno do fórum e suas respectivas cidades de origem, que seguem na figura 10.

Figura 10 - Mapa ilustrativo da abrangência do FOCAES na rede de cooperação solidária no Cariri cearense



Fonte: Elaboração própria.

Segue um quadro ilustrativo, quadro 18, onde podemos observar diante da numeração no mapa, qual o nome da instituição que atua no FOCAES, sua respectiva cidade e sua classificação quanto a ser EES, EAF ou PP.

Quadro 18 - Instituições participantes do FOCAES, designadas por numeração respectiva do mapa, cidade e classificação de 2013 a 2016

<b>INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES DO FOCAES NO CARIRI CEARENSE DE 2013 A 2016</b>			
	<b>NOME DAS INSTITUIÇÕES</b>	<b>CIDADE</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
1	ACB - Associação Cristã de Base	Crato	EAF
2	ACOM- Associação Comunitária de Milagres	Milagres	EES
3	ADAc- Associação De Desenvolvimento Autogestionário do Cariri	Barbalha	EES
4	ADAGRI - Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Ceará	Varzea Alegre	PP
5	AFAGU- Assistência Familiar Anjo da Guarda	Varzea Alegre	EAF
6	AFAGU- Assistência Familiar Anjo da Guarda	Lavras da Mangabeira	EAF
7	AQUASIS- Assoc. de Pesq. e Preserv. de Ecossistemas Aquáticos	Crato	EES
8	ASIDESS- Assoc. de Integ. e Desenv. Social e Sustentável	Várzea Alegre	EES
9	Assentamento 10 de Abril	Crato	EES
10	Assentamento dos Agricultores Alegre Frutas	Crato	EES
11	Assentamento Serra Verde	Caririaçu	EES
12	Associação Arte d Vida	Crato	EES
13	Associação Batateira	Crato	EES
14	Associação Baxio das Palmeiras	Crato	EES
15	Associação Beneficente Cultural Nossa Senhora de Fátima	Várzea Alegre	EES
16	Associação Cariri Arte	Crato	EES
17	Associação Comunitária Chapada do Araripe	Crato	EES
18	Associação Comunitária de Mulheres e Adjacência	Várzea Alegre	EES
19	Associação Comunitária do Conjunto Belas Artes	Crato	EES
20	Associação do Bovinocultores	Araripe	EES
21	Associação do Farias	Crato	EES
22	Associação do Sítio Boa Esperança	Barbalha	EES
23	Associação do Sítio Cabeceiras	Barbalha	EES
24	Associação do Sítio Catolé	Santana do Cariri	EES
25	Associação do Sítio Corujas	Crato	EES
26	Associação do Sítio Genipapo	Crato	EES
27	Associação do Sítio Macaúba	Barbalha	EES
28	Associação dos Artesãos de Jardim	Jardim	EES
29	Associação dos Pequenos Agricultores do Engenho da Serra	Crato	EES
30	Associação Fênix Artesanato	Várzea Alegre	EES
31	Associação Malhada	Barbalha	EES
32	Associação Minguiriba	Crato	EES
33	Associação Moradores do Sítio Coité	Barbalha	EES
34	Associação Rua Nova	Barbalha	EES
35	Associação Santa Cruz	Barbalha	EES
36	Associação Santo Antonio-Arajara	Barbalha	EES
37	Associação Sítio Páscoa	Crato	EES
38	Associação Sítio Riacho do Meio	Barbalha	EES
39	Associação Vila Nova	Crato	EES
40	ATRAF- Associação dos Trab. na Agricultura Familiar	Crato	EES
41	BNB- Banco do Nordeste do Brasil	Crato	EAF
42	BNB- Banco do Nordeste do Brasil	Juazeiro do Norte	EAF
43	CAPS- Centro de Atenção Psicossocial	Lavras da Mangabeira	PP
44	Cariri Flora	Crato	EES
45	Cáritas Diocesana	Crato	EAF
46	Casa de Sementes Sr. dos Exércitos	Crato	EES
47	Casa Lilás	Crato	EES
48	CEART - Central de Artesanato do Cariri	Juazeiro do Norte	EES
49	CMDS-Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável	Varzea Alegre	PP
50	COBEC – Cons.Benefic. de Crianças e Trab. Carentes de Quitaiús	Lavras da Mangabeira	EES
51	COGERH-Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos do Ceará	Crato	EAF

	<b>NOME DAS INSTITUIÇÕES</b>	<b>CIDADE</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
52	Conselho da Mulher	Crato	EAF
53	Cooperativa Engenho do Lixo	Juazeiro do Norte	EES
54	COOPERCRATO–Coop. de Credito Rural dos Agricult. Familiares	Crato	EES
55	EMATERCE - Empresa de Assist. Téc. e Extensão Rural do Ceará	Crato	PP
56	EMATERCE - Empresa de Assist. Téc. e Extensão Rural do Ceará	Barbalha	PP
57	EMATERCE - Empresa de Assist. Téc. e Extensão Rural do Ceará	Várzea Alegre	PP
58	FETRAECE- Federação dos Trab. Rurais Agric. do Est. do Ceará	Crato	EAF
59	FIBRARTE- Associação de Artesanato Em Fibras	Missão Velha	EES
60	Fundação Arca - Associação Raízes Culturais de Altaneira	Altaneira	EES
61	Geopark/Urca	Crato	EAF
62	GRUNEC- Grupo de Valorização Negra do Cariri	Crato	EAF
63	Grupo Ecos- Economia Solidária e Sustentabilidade	Crato	EAF
64	Grupo Urucongo de Artes-Caritas	Crato	EES
65	IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística	Juazeiro do Norte	EAF
66	Icmbio- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	Crato	EAF
67	Instituto Agropolos	Crato	PP
68	Instituto Flor do Piqui	Crato	EAF
69	ISPAF - Instituição Sociocomunitária da Vila Passos Feliz	Lavras da Mangabeira	EES
70	ITEPS/UFCA-Incub. Tecnológica de Empreend. Pop. e Solidários	Juazeiro do Norte	EAF
71	Kariris Ambiental	Caririaçu	EES
72	Meizinheiras	Crato	EES
73	Mirawê	Crato	EES
74	Mulheres do Coco	Crato	EES
75	Pastoral da Terra	Crato	EAF
76	SDA- Secretaria de Desenvolvimento Agrário	Caririaçu	PP
77	SDET- Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo	Crato	PP
78	SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	Juazeiro do Norte	EAF
79	SEBRAE- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	Crato	EAF
80	Secretaria de Agricultura	Crato	PP
81	Secretaria de Cultura	Lavras da Mangabeira	PP
82	Secretaria de Educação	Crato	PP
83	Secretaria de Educação	Lavras da Mangabeira	PP
84	Secretaria do Meio Ambiente	Lavras da Mangabeira	PP
85	Secretaria do Meio Ambiente	Barbalha	PP
86	SECULT- Secretaria de Cultura	Crato	PP
87	SEDEST- Secretaria de Desenv. Social e Transparência de Renda	Juazeiro do Norte	PP
88	SEMAC- Secretaria de Meio Ambiente e Controle Urbano	Crato	PP
99	SEMMA- Secretaria Municipal do Meio Ambiente	Lavras da Mangabeira	PP
90	SEMMA- Secretaria Municipal do Meio Ambiente	Várzea Alegre	PP
91	SENAR- Serviço Nacional de Aprendizagem Rural	Fortaleza	EAF
92	SESC- Serviço Social do Comércio	Crato	EAF
93	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Várzea Alegre	EAF
94	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Crato	EAF
95	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Abaiara	EAF
96	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Juazeiro do Norte	EAF
97	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Farias Brito	EAF
98	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Caririaçu	EAF
99	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Barbalha	EAF
100	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais	Salitre	EAF
101	SINE/IDT- Sist. Nac. de Emprego / Inst. de Desenv. do Trabalho	Juazeiro do Norte	PP
102	SINTROEC- Sind. dos Trab. Orgânicos e Ecológicos do Cariri	Crato	EES
103	SOAF- Sociedade de Assistência a Criança	Abaiara	EES
104	SOAF- Sociedade de Assistência a Criança	Milagres	EES
105	Tv Verdes Mares	Juazeiro do Norte	EAF
106	UFCA- Universidade Federal do Cariri	Juazeiro do Norte	EAF
107	UFC- Universidade Federal do Ceará	Juazeiro do Norte	EAF
108	UNAB- União Dos Associados de Barbalha	Barbalha	EES
109	URCA- Universidade Regional do Cariri	Crato	EAF

Fonte: Elaboração própria

Embora o mesmo deva atuar em 28 cidades do Cariri, ele só conseguiu atrair representações de organizações de 15 cidades desse total que foram: Abaiara, Altaneira, Araripe, Barbalha, Caririçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Milagres, Missão Velha, Salitre, Santana do Cariri, Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira.

Estas cidades seguem em destaque na figura 10, representando o mapeamento, com as devidas numerações das instituições participantes descritas no quadro 16. Como se sabe, o fórum é formado pelo tripé: Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), Entidades de Apoio e Fomento(EAF) e Poderes Públicos(PP), assim foi designada uma cor para representar como está distribuído nessas cidades cada setor desses que se descreve na legenda da mesma figura.

As cidades que não estão em destaque, no total são 13: Assaré, Aurora, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Granjeiro, Mauriti, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi. Tarrafas e Jati são as localidades onde ainda não houve sensibilização e participações no FOCAES, mostrando que o fórum deve desenvolver estratégias para alcance de mais instituições nesses espaços, como também nas cidades que tiveram poucas participações. Assim, a figura tem identificado um FOCAES que interage mais com a região CRAJUBAR, essencialmente com a cidade do Crato, tanto nas participações como no acontecimento das reuniões. Esse fato deve também ser consolidado por conta da localização dos apoiadores e articuladores do FOCAES serem nesse território.

Nota-se também que as participações de outras cidades, que não somente o CRAJUBAR, teve índice maior de participações quando as reuniões eram itinerantes, como foram mostradas no capítulo anterior, como as reuniões que aconteceram em Lavras da Mangabeira e Salitre, por exemplo. Desde então algumas das instituições dessas cidades permaneceram acompanhando as discussões do fórum, sempre que possível.

Procurando atender ao objetivo geral deste trabalho, procurou-se saber dos entrevistados, com base em suas opiniões, conhecimento e experiência, se:

- 1) o fórum tem cumprido a proposta de integrar e dialogar com os atores sociais, promover conhecimento e prestar apoio;
- 2) como eles justificam a existência e a importância do fórum para o desenvolvimento local e fortalecimento das práticas econômicas solidárias;
- 3) sua avaliação quanto ao princípio de solidariedade executado pelos empreendimentos e atores solidários; e por fim

4) a importância da instituição a qual representa e sua representação como intermediadora do tripé (poder público, empreendimentos econômicos solidários e entidades de apoio e fomento) na coordenação e atividades do FOCAES.

Quanto ao fórum estar cumprindo a missão de integrar e dialogar com os atores sociais, promover conhecimento e prestar apoio, presente no Artigo 1º do Estatuto que rege o FOCAES, houve um consenso dos entrevistados que ele cumpre essa missão, complementando informam ainda que embora a criação do fórum seja recente, ele tem integrado o tripé e que cotidianamente as participações estão aumentando, que o objetivo é divulgar e agregar mais instituições, além de criar a Lei Municipal de Fomento à Economia Solidária que se encontra em andamento nos municípios de Crato e Barbalha.

Em concordância com rede em torno do FOCAES no decorrer dos anos vê-se que ela tem promovido integração a partir de um ambiente de discussões. Embora tenha uma integração contínua e cruzando com os dados da análise documental do capítulo anterior, o número de participantes reduziu com o tempo, não aumentando como foi expresso na fala de um entrevistado.

Segundo umas das representantes da entidade de apoio e fomento que tem acompanhado todo o processo,

*“[...] há um ‘projeto piloto’ para implementação da Lei de EcoSol em outras cidades, porém está sendo dada prioridade em Crato e Barbalha porque essas são as cidades que mais têm interagido no fórum, com um maior número de instituições presentes e atuantes. Este é um processo demorado e o objetivo futuro também é aos poucos ser colocado em prática em todos os municípios, porém faz-se necessário a interação primeiramente de um núcleo participativo no fórum de cada uma das cidades do Cariri atuando para discutir e conquistar direitos (HELIANE ARAGÃO, 2016).*

Quanto à justificativa dos mesmos com relação à existência e a importância do fórum para o desenvolvimento sustentável local e fortalecimento das práticas econômicas solidárias pode-se identificar o pensamento dos entrevistados na fala do representante dos ESS quando diz que:

*O fórum tem um grande potencial voltado para os ESS iniciantes que precisam desse apoio inicial, onde essa articulação lhes dá conhecimento para produzir, valorizar seu produto, que na maioria dos casos é manual e garante renda para suas famílias. Como exemplo, temos os produtores orgânicos que tem se valorizado e valorizado seu produto no mercado, adquirindo conhecimento dos processos através do fórum (ALFREDO SOBRINHO, 2016).*

Completa o mesmo, por experiência dos bons deslocamentos da sua própria associação, todos os empreendimentos que interagem com o fórum tem tido sucesso, sendo visíveis como os mesmos se desenvolveram tanto no empreendimento quanto ao um melhor entendimento dos princípios solidários, onde se tem uma predominância de individualismo internamente arraigado pelo sistema capitalista. Desse modo, o FOCAES tem agregado valores e um modo de vida mais sustentável para as organizações através da cooperação entre os sujeitos.

Dialogando com o Sr. Alfredo, a institucionalização da Economia Solidária e conseqüentemente do seu princípio da autogestão, não se dá simplesmente por meio da propagação de empreendimentos solidários, mas pela rotinização e reflexividade da cooperação (ALCÂNTARA, 2005).

Quanto à avaliação do princípio de solidariedade executado pelos empreendimentos e atores solidários e também no próprio fórum, houve pensamentos convergentes que há implementação dos princípios solidários.

*“[...] a solidariedade prega uma troca, uma cooperação. Por exemplo, numa comunidade indígena, todo mundo divide e compartilha das atividades e da alimentação, então seria essa a questão da solidariedade, mas não, o que acontece, onde cada comunidade é formada, digamos, por 20 famílias e nem sempre todos aqueles cultivam as mesmas coisas, mas todo mundo quer comercializar aquele seu produto em benefício próprio, não do comum. Há comunidades em que existem cooperativas, que isso já é um grande benefício em termos de cooperativismo e associativismo, mas falta ainda incutir esse pensamento do ser solidário (ALFREDO SOBRINHO, 2016).*

De forma complementar, tem grupos que são bem envolvidos com a EcoSol, mas na questão social alguns grupos tem dificuldade em exercer os princípios, são individuais e não põem em prática a ideia de uma outra economia da cooperação, embora o fórum tenha disseminado conhecimento do conceito e os princípios de EcoSol. Essa dificuldade seguem apresentadas nas falas seguinte, onde o sentido se completa.

*[...] que os empreendimentos engajados no FOCAES tem tido avanços de produção e pensamentos e fazem uma economia diferente, por outro lado existem empreendimentos que estão apenas com interesse econômico (IANAMAR XAVIER, 2016).*

*“Ainda existe a resistência de alguns, no individualismo, mas sempre estamos conscientizando e sensibilizando as pessoas para um trabalho coletivo, de*

*estar cuidando do outro, de promover trocas também, pois na economia solidária só cresce quando está todo mundo junto” (HELIANE ARAGÃO).*

Mediante o que foi exposto vê-se que embora as organizações/membros trabalhem de modo cooperativo em parte, pois ainda caminham para efetivar esse princípio, elas têm dificuldade quanto a sua subjetivação ao exercício da solidariedade, às vezes agindo em seu próprio bem em vez do coletivo, refletindo muitas vezes relações capitalistas. Entretanto essas atitudes, na sua maioria, são causadas por falta de formação e da dificuldade de ver um outro modo de produção que não o predominante interesse do capital a qual está enredado o sujeito. Mas, são atitudes isoladas, não podendo caracterizar o todo e nem o caráter do fórum, que se empenha na formação e na disseminação dos princípios da EcoSol no Cariri.

Com relação à formação, Freire (2005) alerta sobre a necessidade de um processo socioeducativo com pressupostos pedagógicos que discutam em organizações de economia solidária uma educação problematizadora, ou seja, a educação advinda a partir da história dos sujeitos em seu território com suas vivências e desafios. Afirma ainda que as Universidades exercem papel fundamental no que chama de educação revolucionária.

Quanto à pergunta final e que caracteriza a importância da própria representação do entrevistado como intermediador do tripé (poder público, empreendimentos econômicos solidários e entidades de apoio e fomento) assim como a importância da instituição a qual faz parte na participação do FOCAES, obteve-se respostas com relação a cada representação. A representante do Poder público diz:

*“ser importante por que se faz necessário pra implantação das políticas públicas. Entretanto a gente incentiva no grupo a não esperar só pelo poder público, mas fazer suas ações, embora o poder público tenha obrigação de estar junto com o pessoal dos empreendimentos. O papel do poder público é muito importante, afinal de contas bom ou ruim muita coisa é definida pela vontade política, mas temos que estar em cima pressionando pra fazer acontecer e valer os direitos dos atores da EcoSol. Mais importante ainda é a qualidade da representação, pois como não se tem uma obrigatoriedade de presença e participação é preciso que os envolvidos tenham amor e marquem presença no fórum de forma participativa” (IANAMAR XAVIER, 2016).*

A mesma diz ser um membro dentro do FOCAES que tem atuado de forma efetiva e por interesse próprio e que está sempre junto defendendo os interesses do fórum perante o governo municipal de Crato, do qual faz parte. No mesmo sentido, o representante dos

Empreendimentos Solidários na coordenação do fórum, que faz parte da ASIDES- Associação de Integração e Desenvolvimento Social e Sustentável, diz:

*“Sempre tenho colocado no fórum os interesses dos ESSs e da associação que faço parte, que tem ganhado visibilidade se engajando em projetos e desenvolvendo os serviços do empreendimento a qual faz parte” (ALFREDO SOBRINHO, 2016).*

A representante das entidades de apoio e fomento no Cariri, especificadamente do SESC, a qual faz parte, justificou dizendo:

*“O fórum precisa desse apoio, pois é preciso aumentar as extensões para que o fórum vá adquirindo espaço, passagens para participar de eventos importantes para disseminar mais o conhecimento e se manter integrado a movimentos de nível estadual e nacional dentre outras necessidades, e para isso precisa-se de recursos” (HELIANE ARAGÃO).*

. Nessa perspectiva

[...] como resultado das atitudes de suas pessoas, dos processos de gestão e trabalho empregados, e da estrutura que estabelece uma moldura para o comportamento, a rede consegue ter escala sem massa. O amplamente rico e profundo conhecimento técnico da rede pode ser disponibilizado rapidamente para lidar com problemas e oportunidades, e os resultados desses esforços, sejam eles sucessos ou fracassos, expandem a aprendizagem organizacional (Gerstein, 1992, p. 33).

Logo, mesmo com algumas deficiências/dificuldades pautadas nas falas dos entrevistados, tratadas na seção seguinte assim como também as positivities, percebe-se que o FOCAES cumpre grande parte da sua missão presente no seu Estatuto, como integrar, dialogar, articular e promover o desenvolvimento sustentável na rede Caririense de EcoSol a partir de uma ambiente aberto que discute e age de modo cooperativo, mesmo sem recursos.

### **5.3 Diagnóstico a partir da Matriz FOFA: limites e possibilidades do FOCAES**

Na dinâmica do FOCAES são apresentados, desafios, propostas e possibilidades de atuação que vão surgindo dentro das demandas coletivas, e de acordo com a concordância ou até mesmo nível de necessidade de consideração destas propostas pela comunidade e/ou pelos atores envolvidos no fórum passa-se a debater encaminhamentos e possíveis soluções.

Foi nesse sentido que no dia 06 de dezembro de 2016, na última reunião do ano, foi planejada e posta em prática a efetivação de uma metodologia ativa (Matriz FOFA) que

ajudasse a pensar os limites que ganharam destaque em 2016 ou até mesmo as ações do fórum como todo e as possibilidades para o ano de 2017.

A reunião contou com a presença de 27 pessoas onde, aproximadamente, 52% eram representantes de EES, 37% eram EAF e 11% PP. Segue abaixo a Matriz FOFA construída pelos presentes, onde foi possível encontrar em conjunto as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças do FOCAES. A demanda proporcionou diagnosticar o contexto atual do fórum, se tornando essencial para posteriormente, em 2017, servir como base para planejamento e tomada de decisões dos atores e dos rumos que a rede em torno do FOCAES deve tomar.

Quadro 19 - Matriz FOFA construída pelos atores do FOCAES em 06 de dezembro de 2016

	FATORES POSITIVOS	FATORES NEGATIVOS
	FORTALEZAS	FRAQUEZAS
<b>FATORES INTERNOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- periodicidade nas reuniões;</li> <li>- a própria existência do fórum;</li> <li>- contribuição do fórum para os EES;</li> <li>- solidariedade coletiva;</li> <li>- boa vontade dos presentes;</li> <li>- empoderamento dos atores para emancipação;</li> <li>- formas de utilização da divulgação, como: redes sociais, email, whatsapp;</li> <li>- reuniões itinerantes;</li> <li>- feiras de EcoSol para troca de experiências e fortalecimento dos EESs;</li> <li>- dedicação dos que integram o fórum e participam;</li> <li>- pensamento comum, consciência coletiva para alcançar os objetivos;</li> <li>- instrumento de fortalecimento dos EESs, intercâmbio das experiências.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- maiores participações nas reuniões;</li> <li>- internalização do papel de cada indivíduo no fórum com relação à distribuição de atividades;</li> <li>- sobrecargas de funcionalidades de alguns integrantes;</li> <li>- deficiência atrativa (palestras, oficinas, entre outros), para trazer mais participantes;</li> <li>- participação ainda restrita a região CRAJUBAR;</li> <li>- expandir as reuniões para os ambientes dos EESs entidades de apoio e fomento e instâncias públicas;</li> <li>- compromisso de alguns integrantes ainda frágil para assumir papéis no fórum;</li> <li>- falta de recursos próprios ou ainda de um fundo rotativo solidário;</li> <li>- pouca divulgação, pouca visibilidade;</li> <li>- planejamento de modo mais eficiente;</li> <li>- leis não regulamentadas;</li> <li>- falta de contribuição das instituições;</li> <li>- necessidade de um grupo para dialogar com a gestão pública e fazer o marco regulatório acontecer.</li> </ul>
<b>FATORES EXTERNOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reuniões locais ampliadas da coordenação;</li> <li>- expansão de participações de mais instituições no fórum, aproveitando espaços de diálogos e experiências locais;</li> <li>- realização de seminários micro territoriais para atrair mais instituições;</li> <li>- apoio das entidades de apoio e fomento;</li> <li>- criação de fundos rotativos solidários;</li> <li>- alimentação da cultura das feiras;</li> <li>- novas metodologias para implementar um marco legal para aprovação das leis;</li> <li>- ajuda de custo para dispor aos empreendimentos;</li> <li>- processo de formação, como oficinas para o EESs;</li> <li>- incorporar atrativos: como palestra, diálogos, atualizações sobre o contexto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- entidades/pessoas que se integram e não efetivam uma continuidade;</li> <li>- não ter um marco legal regulatório local;</li> <li>- falta de compromisso das instâncias públicas;</li> <li>- marco legal na esfera do estado não regulamentado para EcoSol;</li> <li>- dificuldade de acesso dos EESs para locomoção nas reuniões e outras atividades;</li> <li>- FOCAES predominantemente atuando na região CRAJUBAR.</li> <li>- dificuldade de acesso e diálogo com os poderes públicos.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria a partir das falas dos atores do FOCAES

É importante ressaltar que as opiniões expressas foram livres e sem censuras na medida em que nem sempre as questões levantadas tinham e nem precisam ter opiniões consensuais dos atores; pois esse é o cerne da questão e a riqueza do método participativo na metodologia ativa aplicada.

O FOCAES, assim como também a Rede cearense, consegue manter o calendário de atividades e reuniões de modo contínuo durante todo ano. Essa característica fortalece ao ponto que não é algo comum em outros estados ter espaços regionais ou territoriais que dialogam.

*“Assim o FOCAES se torna o primeiro e pioneiro fórum regional, no Ceará, que promove esse movimento de troca de ideias e consegue manter uma ação articulada com outras instâncias, cultivando a conexão e o acesso de informações” (VICTORIA PAIVA<sup>4</sup>, 2016).*

Algumas questões foram levantadas na reunião como a necessidade das pessoas se doarem e que a solidariedade é um princípio comum na rede que se forma, porém é comum ainda ter pessoas não solidárias nesse meio. Há uma falta de compromisso, quando, por exemplo, se fala que nas 28 cidades que o FOCAES deve atuar, existem 28 sindicatos, onde se tem comunicação, entretanto ainda continua existindo falta de representações destes nesses espaços para participar e dialogar com o fórum e com as questões do fortalecimento da EcoSol no território.

Essa articulação se faz necessária, na medida em que empodera os EES através da troca de saberes, avanços e dificuldades destes em seus espaços, onde o saber local, a educação popular são fundamentais no fortalecimento. Porém as mobilizações do FOCAES, convidando, notificando, ainda não se converteram em participação, pois segundo um integrante presente da reunião, algumas pessoas e até mesmos os membros de longas datas do fórum não internalizaram qual o papel de cada um nesse espaço que dialoga e nem nos seus próprios empreendimentos.

De modo complementar e afirmativo segue uma fala de uma integrante na reunião:

*“Nós temos a secretaria executiva e a coordenação, mas de repente acontece sobrecarga de um, dois ou três membros, para marcar reunião, guiar a*

---

<sup>4</sup> Representante da Entidade de Apoio e Fomento ITEPS/UFCA, atuante nas reuniões e construções do FOCAES. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e docente da Universidade Federal do Cariri (UFCA) com experiência em temas relacionados ao trabalho, a economia solidária, finanças solidárias, gestão social e avaliação de políticas públicas.

*reunião, tirar foto, fazer relatório, dentre outras atividades extras, quando no total somos oito pessoas que precisam distribuir essas atividades, assumirem responsabilidades e conhecer o fórum. A cooperação deve iniciar de dentro, numa construção coletiva (MARIA DASDORES<sup>5</sup>, 2016).*

A solução possível para essa questão foi dada por uma integrante da Rede Cearense (RCSES) que estava presente e que disse ter dado certo, que foi criar Grupo de Trabalhos (GTs) para dividir as atividades, como exemplo: GT de finanças solidárias, GT de comercialização, GT de políticas públicas, dentre outros que forem necessários. Os GTs podem e devem ser autônomos para planejar, devendo ser socializado posteriormente as possíveis ações para fazer “a costura do todo” e ajustar em consonância com os membros.

O número de participações no fórum foi uma questão bastante discutida e recorrente nas falas. Algumas sugestões foram colocadas para resolver, como por exemplo, passar um tempo fazendo reuniões nos espaços dos EES, das EAF e PP, promovendo seminários micro territoriais em todas as cidades em que o FOCAES deve, de fato, atuar. O diálogo deve ser sempre no sentido de mostrar a importância e fortalecer a ampliação e a construção de uma rede integrada de EcoSol no Cariri cearense. Nessa execução, seria ideal fazer oficinas, palestras, feiras, tornando atrativo não por questões rotineiras, mas pelo aprendizado.

As reuniões de modo itinerante, num primeiro momento, já foram executadas pela Rede Cearense trazendo uma grande contribuição para ações empreendedoras de inovação social quando promoveram uma visão ampliada e o reconhecimento do território nas suas potencialidades e fragilidades através do diálogo e das experiências locais. Complementando, é o que Chacon (2007) chama a atenção para importância da promoção de uma ética do encontro, da alteridade, onde só é possível desenvolver de modo sustentável quando propõe-se exercitar o conhecimento da identidade de um povo com as suas reais demandas locais.

Nesse contexto, é visível nas falas dos entrevistados/ matriz FOFA que é preciso ainda investir em divulgação, na medida em que existem EESs em algumas cidades que não sabem ainda da existência do FOCAES dada sua uma maior concentração ser na região CRAJUBAR.

Outra dificuldade é o fato de não ter nenhum integrante que se dedique exclusivamente ao FOCAES, nem que seja para registro e sistematização das informações, sendo primordial para elaborar estratégias de desenvolvimento no próprio fórum que podem beneficiar a rede como o todo.

---

<sup>5</sup> Representante da Entidade de Apoio e Fomento SAAEC e UFCA. Tecnóloga em Recursos Hídricos/ Saneamento Ambiental, sendo participante atuante nas reuniões e construções do FOCAES.

Outro assunto recorrente foi a necessidade urgente do apoio das instâncias governamentais para regulamentar a Lei de EcoSol municipal, definir um marco legal e a disponibilização de recursos financeiros para viabilizar projetos, oficinas, locomoção dentre outros gargalos. É visível nas falas de muitos a dificuldade de conversar e conseguir algo, como um fundo rotativo solidário.

Por meio dos fundos rotativos solidários investem-se recursos na comunidade, mediante empréstimos com prazos e reembolsos mais flexíveis e mais adaptados às condições socioeconômicas das famílias empobrecidas. Com isso, o financiamento é mais barato e mais acessível para os projetos apoiados, favorecendo o acesso mais democrático e solidário ao crédito, e estimulando o desenvolvimento local. (GUSSI; SANTOS FILHO; ALMEIDA, 2011, p. 8).

Nesse sentido, a criação de fundo rotativo solidário além de resolver alguns problemas, iria viabilizar mais execuções de feiras, como o Cariri Frutas, EXPOFAM e Feiras das Culturas que estão ameaçadas de manter continuidade perante falta de apoiadores financeiros.

A Rede Cearense colocou a criação de um fundo rotativo financeiro por intermédio do governo como um fato que está difícil de conseguir, também, na instância do Governo do Estado e que mesmo sem apoio criaram o fundo com recursos próprios advindos de doações, contribuições mensais de instituições atuantes, rifas, bingos, feiras, bazar. Assim, ao invés de esperar, é uma solução viável adquirir recursos por esse caminho. Entretanto, assim como na Rede Cearense, na esfera do Governo do Estado, não deve-se desistir da luta por direitos na EcoSol na esfera municipal. Falou, também, da importância de criar um regimento interno para administração dos recursos conquistados.

Em caráter de denúncia, Sr. Expedito replicou dizendo que é viável, porém se indignou e perguntou:

*“por que nos calamos e nos acomodamos para tantos desmandos políticos e desvio de recursos para, por exemplo, a EXPOBREJO, EXPOCRATO, para contratar grandes atrações musicais e satisfazer os desejos do agronegócio enquanto lutamos por tão pouco sem êxito de conquista?” Nós mesmos estamos alimentando esse outro sistema, invés do nosso (Economia Solidária) e que quando as coisas parecem se encaminhar quanto o marco regulatório da EcoSol local, tudo desanda” (EXPEDITO GUEDES<sup>6</sup>, 2016).*

---

<sup>6</sup> Representante de um empreendimento econômico solidário da cidade de Crato (CE), Sintroec - Sindicato dos Trabalhadores. Orgânicos e Ecológicos do Cariri, sendo participante atuante nas reuniões e construções do FOCAES.

Atestou ainda que enquanto o governador não fizer acontecer o marco regulatório na instância do Estado, o município não dará atenção. Por enquanto, em tom estarrecedor, diz Sr. Expedito na reunião de avaliação de 2016:

*“Para pegar algum trocado do governo do Estado, do Município é um ‘Deus nos acuda’, e a gente tem que seguir com a ‘cara e a coragem’ se virando com o que tem” (EXPEDITO GUEDES, 2016).*

A fala desse integrante mostra um esgotamento na luta travada com o poder público para conseguir recurso, sem nenhum êxito. É necessário, urgentemente, que as instituições públicas dêem mais atenção aos movimentos de luta da economia solidária, considerando que fortalecendo-a, também tem-se o fortalecimento dos municípios em seus aspectos sociais e econômicos.

Logo é de extrema necessidade fazer esse marco regulatório acontecer, entretanto é visível que não podemos esperar pelo governo diante das urgências e ameaças apresentadas e que é possível conquistar recursos, autonomia, emancipação através da construção e práticas ativas em coletividade e em prol do bem comum.

Diante do exposto e com a preocupação em dar um retorno ao FOCAES na reunião de planejamento de 2017, mediante a metodologia ativa aplicada, a pesquisadora criou um plano de ações, ainda a ser enriquecido na reunião de planejamento no dia 15 de fevereiro de 2017.

O plano concentrou-se numa base teórica sobre ações empreendedoras a partir de tecnologias sociais, fruto de uma disciplina cursada pela pesquisadora numa especialização denominada Inovação Social em Economia Solidária promovida pela UFCA. Assim, diante dos limites mostrados pelos próprios autores para o desenvolvimento da rede em torno do FOCAES foi possível enxergar ações que geram possibilidades para prosseguir a caminhada do fórum de modo mais sustentável e ampliado.

### *5.3.1 Plano de ações do FOCAES para o ano de 2017: Ações empreendedoras a partir do uso das tecnologias sociais*

Diante da abordagem final em que se enredou este trabalho a partir do próprio movimento de construção de outros saberes, viu-se como meio de retorno da pesquisa ao FOCAES um plano de ações que teve como base teórica ações empreendedoras a partir do uso das tecnologias sociais.

A tecnologia aplicada ao social vem como uma válvula de esperança que trabalha a realidade e o potencial local para transformar e desenvolver a vida dos sujeitos. Ela se manifesta como sendo técnicas de baixo custo e alta capacidade de adequação na

reaplicabilidade e que promove sociabilidade de conhecimento, potencialização de produtos e processos inovadores, desenvolvimento social e melhoria nas condições de vida (GODÓI-DE-SOUSA, 2010).

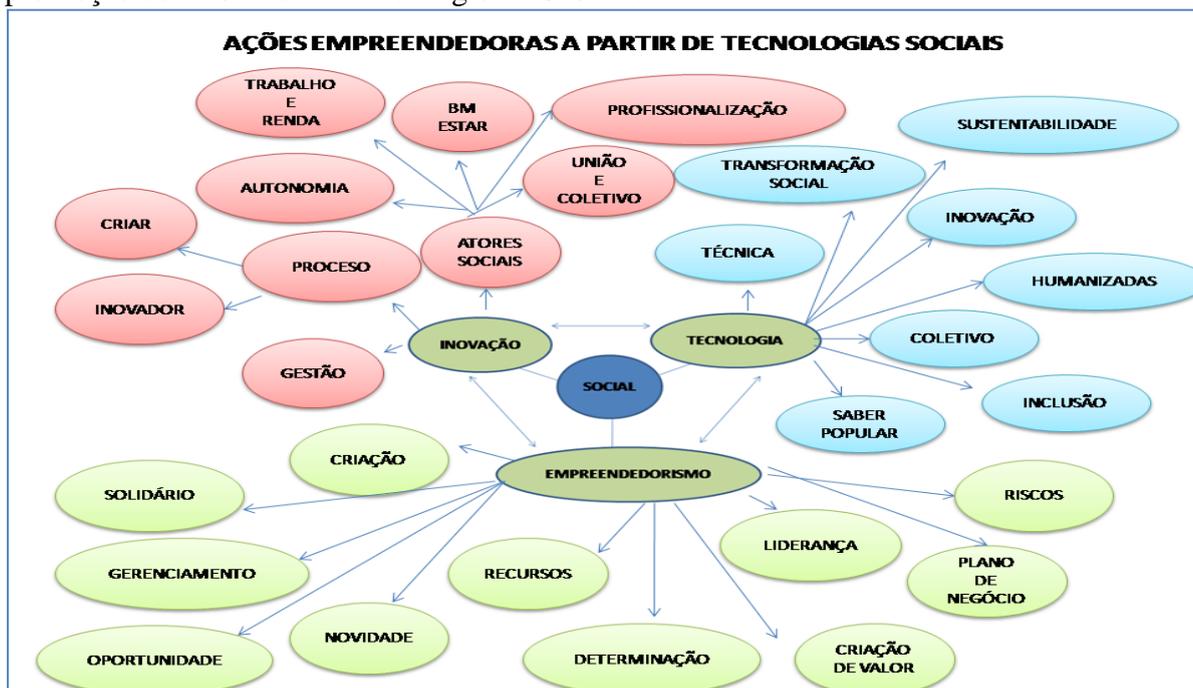
Logo, o empreendedorismo a partir do usufruto das tecnologias sociais se torna um meio que busca inclusão, melhoria de vida e desenvolvimento sustentado por ser capaz de construir na sociedade condições de sobrevivência mais justas e solidárias com a introdução de pequenas inovações nas organizações.

“O empreendedor social deve ser alguém que gosta de, e que sabe, “pensar social”, subordina o econômico ao humano, o individual ao coletivo e que carrega consigo um grande “sonho de transformação da realidade atual”. É movido a idéias transformadoras e assume uma atitude de inconformismo e crítica diante das injustiças sociais existentes em sua região e no mundo” (MELO NETO; FROES, 2002, p.34).

As inovações empreendedoras podem acontecer desde a modificação nos processos de produção, até no modo de pensar estrategicamente, introduzido, por exemplo, no ambiente em questão, o poder da união, do compartilhamento, da troca, o diferencial para fortalecer e emancipar os sujeitos e suas respectivas instituições. Entretanto é preciso considerar o contexto social em que os atores estão envolvidos, o diálogo e um plano de ações e práticas tecnológicas inovadoras mais humanizadas e sustentáveis que leve em consideração a realidade dos empreendimentos sociais (GODÓI-DE-SOUSA, 2010).

As leituras em torno da temática resultaram na construção de um mapa conceitual que ajudou a pensar como seria o plano de ações que iria promover o desenvolvimento e a sustentabilidade do FOCAES, conseqüentemente da rede que se formou em sua volta e que precisa que este se fortaleça urgentemente por meio de ações inovadoras. Segue o mapa na figura 10.

Figura 11 - Mapa conceitual sobre ações empreendedoras a partir de tecnologias sociais para promoção do Desenvolvimento Regional Sustentável



FONTE: Elaboração própria e ajuda da ferramenta PowerPoint.

Nessa perspectiva verifica-se no mapa palavras centrais em torno do social que combinado com os termos tecnologia, inovação e empreendedorismo, deu um novo significado as palavras. Logo as tecnologias sociais se tornam instrumentos capazes de humanizar técnicas (ações sociais empreendedoras) voltadas para resolução de problemas que prezam o bem estar social, o coletivo e a sustentabilidade.

O Departamento de Desenvolvimento Empresarial da Secretaria do Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais – SEDAI, formataram o Programa Redes de Cooperação que possui como objetivo central “(...) promover estratégias empresariais conjuntas na forma de redes de cooperação, a colaboração mútua entre empreendimentos e instituições e o fomento a uma maior integração entre o Estado e as diversas esferas da sociedade” (SEDAI, 1999, p.1).

Esse arcabouço teórico gera então o plano de ações, onde a partir dos limites é possível promover ações sociais que geram possibilidades para o desenvolvimento sustentável de uma rede cariense de economia solidária que tem como elemento integrador o FOCAES, que segue no quadro abaixo.

Quadro 20 - Plano de ações a partir dos limites e possibilidades do FOCAES

LIMITES	OBJETIVO/ POSSIBILIDADES	AÇÕES
Nº de participações	Tornar conhecido o papel do FOCAES nas 28 cidades a qual deveria atuar e aumentar número de participantes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- reuniões itinerantes no primeiro semestre;</li> <li>- dialogar com os municípios através de seminários micro territoriais;</li> <li>- registro online para instituições que gostariam de participar e ficar por dentro de tudo que acontece no FOCAES.</li> </ul>
Recursos financeiros	Criar um fundo rotativo solidário para custear pelo menos pequenas despesas do fórum.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- bazar, rifas, bingos, feiras, doações e/ou contribuições de instituições externas e internas ao FOCAES;</li> <li>- criação de um fundo rotativo solidário;</li> <li>- regimento interno para administração dos recursos;</li> </ul>
Distribuições de atividades	Dividir as atividades e responsabilidades do fórum afim de mantê-lo funcionando e de modo a não sobrecarregar poucos integrantes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- novas eleições;</li> <li>- divisão de tarefas por meio de criação de GTs;</li> </ul>
Atratividade	Criar mecanismos de troca de saberes para atrair mais participações e apoio.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- promover aprendizado com oficinas, minicursos,</li> <li>- integração com realização de feiras em cada município;</li> </ul>
Divulgação	Divulgar o FOCAES na principais redes sócias e promover estratégias para instituições que mesmo estando longe, possam acompanhar as atividades/ações e discussões do fórum.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- melhorar a identificação das instituições nas frequências;</li> <li>- criação de um banco de dados de todas as instituições, com email e telefone;</li> <li>- criação de fanpage para divulgação além disponibilizar relatórios na página para socializar com outras instituições;</li> <li>- sistematização dos dados, como ações e relatórios;</li> </ul>
Marco legal	Regulamentar a lei de ES no município.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- criar um grupo para dialogar diretamente com a gestão pública;</li> <li>- regulamentar a lei nos municípios;</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

O quadro acima foi apresentado para todos, na reunião de planejamento, em fevereiro de 2017. As demandas em modo de denúncias emergenciais construídas pelos próprios sujeitos foram acatadas pelos membros, porém as ações só serão encaminhadas após a eleição de renovação da coordenação e secretaria executiva do FOCAES, onde servirá para o novo embasamento do planejamento do ano de 2017. Segundo os integrantes, esses são os maiores entraves ao desenvolvimento da rede de cooperação solidária no Cariri, conseqüentemente tem dificultado a ampliação do raio de atuação do fórum.

Logo, as tecnologias sociais se mostram como uma ferramenta para a promoção de um plano de ação que amplie e fortaleça essa rede que tem como fator integrador o FOCAES, pois além de um forte indício de perda de participação, existem ainda entraves a participação

de novos EESs, pois a articulação é vista com muita dificuldade pelos trabalhadores por não terem nenhum tipo de formação e indicação para atuar em rede, como também por dificuldades financeiras que impedem o envolvimento destes nas ações e movimentos da EcoSol no Cariri.

#### **5.4 Rede de cooperação solidária FOCAES e as dimensões do desenvolvimento sustentável**

Nessa seção serão apresentadas algumas considerações de como atua a rede de cooperação solidária que se formou em torno do FOCAES, baseadas nos propósitos dos princípios e dimensões da sustentabilidade identificadas no fórum e de acordo com a classificação de Chacon (2007).

Considerando a dimensão política/institucional da sustentabilidade, a economia solidária ainda requer uma ampla ação em termos de políticas públicas, para potencializar as oportunidades do seu desenvolvimento e aumentar a inclusão social. Com isso, seus limites para o desenvolvimento passam a ser menos significativos, constituindo-se como um essencial meio de produção e vivência alternativa na sociedade gerida centralmente pelo capitalismo (POCHMANN, 2004).

Chacon (2007), atenta para a urgência de políticas públicas sociais não assistencialistas onde o Governo possa atuar mais no território promovendo uma transformação social sustentada.

Nesse sentido, verifica-se, na fala da representante do poder público, a expressiva dificuldade que tem em articular com o Governo Municipal de Crato mesmo estando dentro da própria instituição governamental, pois os gestores não dão a importância efetiva à implementação de iniciativas econômicas solidárias, que tem um contexto representativo também no contexto nacional. Então é preciso que o poder público, de forma geral, dê mais importância às iniciativas da ES e regulamente a Lei Municipal para fomentá-la, sendo necessário que o fórum crie urgentemente um grupo de trabalho - GT ou um núcleo que dialogue continuamente com o poder público e faça o marco regulatório da EcoSol no município acontecer.

A dimensão econômica configura-se no ato de alocação eficiente dos recursos para uma sociedade mais justa e solidária (CHACON, 2007). Nessa perspectiva a sustentabilidade econômica do fórum atina para regulamentação urgente da Lei no município de economia solidária e criação de um fundo. Este, por enquanto pode ser aberto a partir da arrecadação

dos próprios membros em ações como bazar, bingos, feiras, clube de trocas, dentre outras atividades, além de ser muito importante para promover a locomoção de pessoas para dialogar nas reuniões do fórum e em outros ambientes como eventos, proporcionando o intercâmbio de experiências, informações e conhecimento entre as pessoas. Entretanto também é preciso manter a luta para conseguir algo na via pública.

Quanto à dimensão ambiental, não se vai atentar aqui para questões do meio ambiente como poluição, desperdício de água, etc, mas com relação à consciência humana e a boa convivência num ambiente (CHACON, 2007). Ela esta relacionada aos membros do fórum para que se subjetivem sobre o seu papel enquanto atuar no FOCAES, se conscientizando para assumir compromissos e criar um ambiente saudável, rico e promotor de desenvolvimento de potencias, para que as discussões e ações do fórum fortaleçam as instituições, cresça e empodere os membros. O caminho para um ambiente potencial na economia solidária exige autogestão, cooperação e solidariedade, que recai sobre a formação dos indivíduos e também sobre algumas necessidades da dimensão sociocultural.

Quanto à dimensão sociocultural, se refere à valorização dos saberes locais, identidade, formação, dentre outros aspectos para eficiência de políticas públicas (CHACON, 2007), com relação ao fórum quando se fala em processo de formação, o apoio técnico está incluso no Estatuto do FOCAES (2010), porém ainda há dificuldades de se fazer esse processo de extensão, pois é necessário ter recursos, tão ressaltado pelo atores e que faz parte também da dimensão econômica.

Os empreendimentos devem participar das discussões do fórum para ver como esta sendo o processo de regulamentação da Lei em Crato e Barbalha para articular a implementação desta em suas cidades, pois os recursos advindos com a Lei serão bem-vindos para esse apoio técnico tão importante para o desenvolvimento do seu próprio empreendimento e do fomento da ES de forma geral, até por que é um direito que precisa ser efetivado, porém como retratou a Ianamar é preciso está “em cima”, no sentido de cobrar do poder público e fazer valer seus direitos.

Quanto ao processo cultural é verídico que o FOCAES está aberto a todos e têm respeitado as diferentes culturas, costumes, diferenças de modo geral, assim como tem atentado para discussões de suas urgências locais. Este está disposto a dialogar mais com o meio a fim de implementar políticas públicas que valorizem o saber local, a identidade e os sujeitos em sua multiplicidade. O FOCAES deve se permitir dialogar nas outras cidades e conhecer o ambiente, especialmente dos EES e suas urgências, promovendo a ética do encontro, da alteridade, ou seja, conhecer o outro e percebendo a si, se colocando no lugar

deste para promover o que se pode chamar de pertencimento dos indivíduos, emancipação, e solidariedade nas ações para fortalecimentos dos sujeitos como indivíduos e como parte de um todo, e uma organização.

O diálogo, considerado um ponto forte no FOCAES, é uma forma de pronunciar o mundo e sua transformação. É um ato de criação que pode conquistar o mundo, onde essa articulação com cada sujeito e sua organização envolvida no diálogo pode transformar a sua realidade (FREIRE, 2005). Em consonância, acrescenta Bourdieu (2004), que esse processo de dialogar deflagra numa melhor auto-estima dos indivíduos e no empoderamento do pertencer dos atores que potencializam ações em cada sujeito.

Nesse caso, é verídico que o FOCAES, como sendo um ambiente que dialoga abertamente e de modo flexível, provoca nos atores esse sentimento de pertencimento, empoderamento pela formação contínua e potencialização da sua ação no seu empreendimento, fortalecendo a rede através delas.

A satisfação e pertencimento dos atores ao fórum são possíveis serem identificados na fala seguinte:

*“Aqui nos sentimos conectados com o Brasil e feliz por que eu acho que o Ceará faz a diferença na história. A gente se sente, verdadeiramente, em rede e na luta para que os movimentos da EcoSol aconteçam de fato” (LINDICÁSSIA NASCIMENTO<sup>7</sup>, 2016).*

A partir da observação participante e do sentimento expresso na citação acima, em acordo com Arruda (2004), é preciso que haja uma socioeconomia baseada no amor e fortalecimento dos vínculos, ou seja, acredita-se que o FOCAES além de dialogar e integrar, é um ambiente de acolhimento e de afetividade. Acolhimento das organizações e suas demandas e a afetividade proporcionada pelo ser “ser solidário”, predominante no fórum e que mantém as ligações entre os diversos pontos da rede e destes com seus atores.

De modo geral, essas afirmações seguem apenas como um aprimoramento para por em prática e discutir no FOCAES para que todos os objetivos presentes no Estatuto sejam acatados, pois embora o fórum esteja caminhando bem, estrategicamente, serve para ajudar na evolução e fomento dos movimentos e empreendimentos de economia solidária no Cariri já existentes e também criar um ambiente propício para mais iniciativas de cunho solidário, pois a sociedade precisa de mais práticas voltadas para o humano, para o social e o FOCAES tem

---

<sup>7</sup> Representante da Rede de Feiras Agroecológicas Solidárias do Cariri, empreendimento econômico solidário, sendo participante atuante nas reuniões e construções do FOCAES.

sido um ponto da rede que corrobora para isso visando sempre os interesses do coletivo e o bem comum.

Nessa perspectiva, sabe-se que o desenvolvimento sustentável requer ações que perpassem por todas as dimensões da sustentabilidade, na medida em que elas são complementares, não podendo ser entendidas como demandas apartadas. Ela necessita de um olhar holístico e de ações a partir do conhecimento do meio, do território (CHACON, 2007).

Logo, é visível, que mesmo mediante algumas urgências, denúncias, limites, há um leque de oportunidades para aumentar o potencial do FOCAES em busca do desenvolvimento sustentável da rede em sua volta, já que em apenas 6 anos de existência, ele já cumpre seu papel de dialogar, integrar e fortalecer os EES, mesmos com as recorrentes restrições financeiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Eu não acredito em caridade. Eu acredito em solidariedade. Caridade é tão vertical, vai de cima para baixo. Solidariedade é horizontal, respeita a outra pessoa e aprende com o outro. A maioria de nós tem muito que aprender com as outras pessoas.” (Eduardo Galeano)*

O Fórum Cariense de Economia Solidária - FOCAES tem sido caracterizado pela forte presença e manutenção de um diálogo constante, que reflete e debate com esforço de potencializar a rede que se formou em sua volta mediante a promoção de integração das, EAF e PP com os EES. Nota-se, que há uma resistência por parte dos poderes públicos para abraçar as causas sociais e que uma necessidade de efetivar o marco regulatório municipal.

O Fórum proporcionou avanços para o fortalecimento da EcoSol no Cariri. Entretanto, há necessidade dos sujeitos se subjetivarem quanto aos princípios da EcoSol e seu papel enquanto pertencente a sua organização e o função desta com o fórum e os movimentos cooperativos solidários, inclusive ter compromisso com as atividades do fórum criando um ambiente mais cooperado, justo, afetivo para proporcionar sempre um bom diálogo e manter uma boa convivência.

Percebeu-se também, que o fórum tem sido um espaço que busca soluções para o atendimento das necessidades dos empreendimentos, mediante ações registrados em atas, apresentadas nesse trabalho. Entretanto deixa um pouco a desejar nos processos de formação técnica, deixando a questão sempre para segundo plano, mas justificável pela recorrente reclamação dos EES por não terem recursos e apoio público. Lembrando que é importante fazer com que as organizações pertencentes ao fórum se apropriem do próprio Estatuto para melhor efetivar ações, visto nos sujeitos, que ainda há um desconhecimento do mesmo por parte de muitos atuantes.

O fluxo de participações está reduzindo. Estes mostram que as participações eram mais efetivas quando em 2013 as reuniões se propuseram a serem itinerantes. Assim, é necessário, um movimento em cada cidade que o fórum abrange, para torná-lo conhecido nesses espaços, garantir mais representações, conhecer as emergências locais e fortalecer essa rede com articulação de diversos objetivos sociais, econômicos, culturais ambientais em prol de se ter um modelo mais sustentável.

Entretanto, embora as participações estejam reduzindo, foi visto que os EES que se mantiveram atuando no FOCAES, se desenvolveram nas suas atividades, no empoderamento

e na própria subjetivação dos princípios econômicos solidários, como a solidariedade, cooperação e autogestão.

Esses espaços deveriam ser melhores usados, principalmente por instâncias públicas para debate e estratégias para desenvolver projetos de desenvolvimento sócio econômico com base na Economia Solidária trazendo a tão sonhada transformação social sustentada, sem assistencialismo e subserviências, efetivando o marco regulatório legal para que se dê condições de direito dos sujeitos, para trabalhar, produzir e viver. Os atores devem deixar de serem sujeitos passivos para serem protagonistas da sua própria história e da transformação social no território.

O FOCAES tem se configurado como um rizoma ou rede complexa, onde se mantém conectada do contexto nacional ao local, sendo um ponto conectivo da rede que tem poder de potencializar as organizações, atuando de modo horizontal, flexível, descentralizada e múltipla.

A metodologia ativa feita com ajuda da matriz FOFA mostrou como se encontra o FOCAES e proporcionou identificar os limites e as possibilidades, onde muito interessa focar em atuações possíveis como um plano de ações para potencializar a rede, não negligenciando os limites inclusive traçando estratégias para pelo menos reduzi-los.

Posteriormente, pretende-se, com esta pesquisa, ir ao encontro das organizações nas cidades do Cariri, executando seminários micro territoriais para exposição desse trabalho como um meio para apresentação do FOCAES aos EES, EAF e PP de cada território, a fim de torná-lo conhecido como uma organização em movimento que busca fortalecer outros modos econômicos de vida mais sustentáveis e alternativo ao capitalismo acionando urgentemente a ação de divulgação para conquistar, empoderar, informar, integrar e formar os empreendimentos sociais locais.

Nesse sentido, sabe-se que a proposta do desenvolvimento sustentável é desafiadora. Esta perpassa todas as suas dimensões, necessitando dar um tratamento holístico e interdisciplinar, promovendo o encontro com os sujeitos e destes com o seu território e suas urgências. O fomento de práticas econômicas solidárias nos EES e a articulação destes em redes, tendo o FOCAES como uma ponte, criam um ambiente de promoção de constantes troca de saberes, harmonizam as ações, disseminam informação e constroem movimentos de transformação no ser humano voltadas para o ser solidário, afetivo e cooperativo que visam atitudes que beneficiam o bem comum, o coletivo, o social, enfim a sociedade.

Logo, esta pesquisa não propôs colocar o FOCAES como um modelo a ser seguido, tão pouco ser uma única verdade, mas informar sobre o potencial da rede a sua volta de modo

sistematizado com objetivo de intervencionar no meio para conseguir mais participações e fortalecer os movimentos de Economia Solidária no Cariri cearense. Esta também dar suporte e abre caminhos para futuras pesquisas que busquem refletir sobre os fóruns e investigar mais possibilidades de fortalecimento na área.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, P.P. Autogestão. In: CATTANU, A.D. (Org). A outra economia. 1. ed. Porto Alegre: Veraz, 2003, p.20-21).
- ALCÂNTARA, F. H. C. Economia Solidária: o dilema da institucionalização. São Paulo: Arte e Ciência, 2005.
- ALFREDO SOBRINHO. Representante do Empreendimentos Econômicos Solidários (ASIDESS) e coordenador do FOCAES. jan. 2016. Entrevista concedida a Altamira Santos.
- AMORIM, Bruno Marcus F.; ARAUJO, Herton Ellery. Economia Solidária no Brasil: novas Formas de Relação de Trabalho. IPEA: Mercado de Trabalho, agosto 2004.
- ARRUDA, M. Por uma economia do povo:realidades e estratégias do local ao global. In: PAINEL DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. Mumbai, Índia, 2004. Disponível em [http://base.socioeco.org/docs/doc-7390\\_pt.pdf](http://base.socioeco.org/docs/doc-7390_pt.pdf). Acesso em 17 de jun. 2016.
- \_\_\_\_\_, Marcos. Globalização e sociedade civil: repensando o cooperativismo no contexto da cidadania ativa. Ed. PACS, Rio de Janeiro, 1996.
- ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL 2005. Brasília: MTE, SENAES, 2006. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies\\_atlas\\_parte\\_1.pdf](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies_atlas_parte_1.pdf)> Acesso: 23 de out. de 2015.
- Balestrin, A., & Verschoore, J. (2008). Redes de cooperação empresarial: estratégias de gestão na nova economia. Porto Alegre: Bookman.
- BARBOSA, Rosângela Nair de Carvalho. *A Economia Solidária como Política Pública: uma tentativa de geração de renda e ressignificação de trabalho no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. 4. Ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2004.
- BRANDÃO, C. R. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense. 1981 (Coleção Primeiros Passos: 38).
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Agenda 21*. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=18&idConteudo=908>. Acesso em: 08 maio. 2015.
- BRUNDTLAND, G. H. *Our common future*. London: OxforUniversity Press, 1987.
- CAMPOS, A. O. A despolitização do discurso da segregação frente às políticas de planejamento urbano na metrópole. In: SILVA, C. A.; FREIRE, D. G.; OLIVEIRA, F. J. G. (org.) **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.
- CARNEIRO, G. V; SANTOS, A. M. O movimento da economia solidária no Brasil: uma discussão sobre a possibilidade da unidade através da diversidade. *E-cadernos ces*. Vol. 02 2008.

CASSON, Mark & COX, Howard. (1997). An Economic Model of Inter-Firm Networks. In: EBERS, Mark. The Formation of Inter-Organizational Networks. Oxford, Oxford University Press.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, v. 1.

\_\_\_\_\_. *Como organizar redes solidárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CATTANI, A. D. *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz, 2003.

\_\_\_\_\_. Construindo a outra economia. In HESPANHA, P. et al (coord). *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra, Portugal: Almedina SA, 2009.

CAVALCANTE, G. V. *Ciências das Redes: Aspectos Epistemológicos*. Tese de Doutorado. Brasília. CID/Unb, 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7452/3/2009\\_GustavoVasconcellosCavalcante.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7452/3/2009_GustavoVasconcellosCavalcante.pdf)> Acesso em 20 de jan. 2016.

CAVALCANTI, Clóvis. Breve Introdução à Economia da Sustentabilidade. In: CAVALCANTI, Clóvis et al. *Desenvolvimento e Natureza: Estudos para uma sociedade sustentável*. Recife: INPSO/FUNDAJ, out. 1994. p. 1728. Disponível em: <<http://168.96.200.17/arquivos/ibros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido**. Fortaleza: BNB, 2007

Constituição da República Federativa do Brasil (de 05 de outubro de 1988). Disponível na Internet no site: acessado em 10 de julho de 2016.

COSTA E TAVARES. **Experiências do Fórum Caririense de Economia Solidária**. In: TAVARES, A. O.; SILVA, L.B.; SILVA, S. R.O.; PAIVA, V. R. A. (Orgs.) *Incubação em economia solidária: contextos, desafios e perspectivas*. Juazeiro do Norte: Universidade Federal do Cariri, 2016.

CULTI, M. Z. Economia Solidária: Incubadoras Universitárias e Processo Educativo. *Revista Propost, .Publicação da FASE*, 31, nº 111. Jan/Mar, 2007.

CUNHA, Gabriela Cavalcanti. Dimensões da vida política nas práticas de economia solidária. In: *Uma outra economia é possível – Paul Singer e a economia solidária*. São Paulo: Contexto, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. **Desenvolvimento sustentável no Nordeste**. Brasília, DF: IPEA, 1995.

DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (orgs.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

EXPEDITO GUEDES. Representante do Empreendimentos Econômicos Solidários (SINTROEC).. Reunião de avaliação do FOCAES em 6 dez. 2016.

FOCAES. Estatuto do Fórum Cariense de Economia Solidária. Crato, 2010.

FOLADORI, Guillermo. A reedição capitalista das crises ambientais. In: Outubro, Revista do Instituto Socialista n. 17. Campinas, SP: Alameda, 2008. p. 190 – 205. HARDI, P.; ZDAN, T. (ed.) Assessing sustainable development: principles in practice [online]. Winnipeg, Canadá: International Institute for Sustainable Development, 1997. Available on [http://www.iisd.ca/about/prodcat/principleinpractice .pdf](http://www.iisd.ca/about/prodcat/principleinpractice.pdf). Acesso em 15 de agosto de 2016.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. *SENAES disponibiliza edital com foco em redes*. Disponível em: < <http://www.fbes.org.br/>>. Acesso em 13 de jan. 2016.

FRANÇA FILHO, G. C. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. In: *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v.7, n. 1, jan-jun, p. 155-174, 2007.

\_\_\_\_\_. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. In: *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v.12, n.1, p. 9-19, junho 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 4.ed. São Paulo.: Paz e Terra, 2005.

GAIGER, Luís Inácio. A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 39, p. 181-211, jul./dez. 2003. Disponível em: . Acesso em: 12 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Sentidos e Experiências da Economia Solidária no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GAUTHIER, Jacques: *Sociopoética - encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*, Rio de Janeiro, AnnaNery/UFRJ, 1999.

GERSTEIN, Marc S. (1992). *From Machine Bureaucracies to Networked Organizations: An architectural journey*. In: NADLER, David. *Organizational Architecture: designs for changing organizations*. San Francisco, Jossey-Bass.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. Ed. São Paulo: atlas, 2010.

GODÓI-DE-SOUSA, E. O processo sucessório em associações produtivas no Brasil: estrutura, desafios e oportunidades. São Paulo, 2010. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

Gomes, Fabiana Pereira *et al.* (2007), *Economia Solidária e Desenvolvimento Local e Sustentável*. Projecto Casa Brasil: MTE, SENAES.

GOMES, G. M. (Org.); SOUZA, H. R. de (Org.); MAGALHÃES, A. R. (Org.). **Desenvolvimento sustentável no Nordeste**. Brasília, DF: IPEA, 1995.

GUSSI, Alcides; SANTOS FILHO; Claricio, ALMEIDA, Glaucia F. B. A experiência de fomento público a Fundos Rotativos Solidários no Nordeste: o caso da Rede Bodega. In:

ENCONTRO INTERNACIONAL DE FINANÇAS SOLIDÁRIAS, 6., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: NESOL/USP, 2011.

HARDI, P., ZDAN, T. J. *Assessing Sustainable Development: Principles in Practice*. Winnipeg: IISD, 1997.

HELIANE ARAGÃO. Representante da Entidade de Apoio e Fomento (SESC) e coordenadora do FOCAES. jan. 2016. Entrevista concedida a Altamira Santos.

IANAMAR XAVIER. Representante do Poder Público (Prefeitura Municipal de Crato) e coordenadora do FOCAES. jan. 2016. Entrevista concedida a Altamira Santos.

LAVILLE, J. L. et al. *L'économie solidaire, une perspective internationale*. Paris: Lavoisier, 1994.

LECHAT, N. M. As raízes históricas da economia solidária no Brasil, 2005. Disponível em: [http://www.itcp.unicamp.br/site/downloads/ext\\_doc2.doc](http://www.itcp.unicamp.br/site/downloads/ext_doc2.doc). Acesso em 15 de jun. 2016.

LEFF, E. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001. poder. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001

LEITE, Maria Lais dos Santos (et al). **O Fórum Caririense de Economia Solidária como Possibilidade de Integração entre Empreendimentos de Economia Solidária, Entidades de Apoio e Fomento e Poder Público Local no Cariri Cearense**. ENAPEGS, Florianópolis –SC, 2011.

LEON, M. Uma análise de redes de cooperação das Pequenas e Médias Empresas do setor de telecomunicações. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 1998.

LINDICÁSSIA NASCIMENTO. Representante da Rede de Feiras Agroecológicas Solidárias do Cariri. Reunião de avaliação do FOCAES em 6 dez. 2016.

MAANEN, Jonh, Van. Reclaiming Qualitative methods for organizational research : a preface, in *administrative Science Quarterly*, Vol.24, no . 4, December 1979.

MANCE, A. E. *Como organizar redes solidárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *Redes de colaboração solidária: aspectos econômico-filosóficos: complexidade e libertação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MARIA DASDORES. Representante da Entidade de Apoio e Fomento (SAAEC) e coordenador do FOCAES. Reunião de avaliação do FOCAES em 6 dez. 2016.

MELO NETO, Francisco P; FROES, César. *Empreendedorismo Social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *As origens recentes da Economia Solidária no Brasil*. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/as-origens-recentes-da-economia-solidaria-no-brasil.htm>> Acesso em: 29 de out. de 2015.

NUNES, D.. A construção de uma experiência de Economia Solidária num bairro periférico de Salvador. Bahia. *Análise & Dados*. V. 12. n. 1. p. 59-76. 2002

OLIVEIRA, Djalma. *Planejamento Estratégico: conceitos, metodologias e práticas*. 18ª ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, J. A.; BEATRIZ, M. Z. Fortalecimento do Fórum Municipal de Economia Solidária: um estudo de caso. In: *Psicologia Argumento*, Curitiba, 33(80), 242-254, jan./mar., 2015.

OLIVEIRA, P. S. *Economia solidária: Entrevista com Paul Singer*. Revista Estudos Avançados. av. vol.22 n°.62 São Paulo Jan./Apr. 2008.

PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PHILIPPI JUNIOR, Arlindo. Bases políticas, conceituais, filosóficas e ideológicas da Educação Ambiental. In: PELICIONI, Maria Cecília Focesi; PHILIPPI JUNIOR, Arlindo. *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Barueri: Manole, 2005.

POCHMANN, M. *Economia Solidária: possibilidades e limites*. Mercado de Trabalho, n. 24, 2004.

PROJETO DA EXPOFAM. *Relatoria e projeto da Exposição de Produtos da Economia Solidária de Base Familiar do Caririr*, Crato, 2010.

RESOLUÇÃO Nº196/96. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 08 de fev. de 2016

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*.2. Ed. São Paulo: Atlas, 1989.

RODRIGUES, Jorge Nascimento; et al. *50 Gurus Para o Século XXI*. 1. ed. Lisboa: Centro Atlântico.PT, 2005.

ROVERE, Mario. *Redes enSalud*. <http://www.rosario.gov.ar> (Secretaria de Salud Pública), 1998.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: BURSZTYN, M. *Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 29-56.

SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

\_\_\_\_\_, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Organização de Paula YoneStroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, B. S. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista / Boaventura de Sousa Santos*, organizador – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCHMIDHEINY, Stephan *Mudando o Rumo: Uma perspectiva Empresarial Global sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1992.

SEDAI. (1999). *Termos de Referência do Programa Redes de Cooperação*. Porto Alegre, Secretaria do Desenvolvimento e dos Assuntos Internacionais – SEDAÍ.

SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária. *Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005*. Brasília: MTE, SENAES, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHERMERHORN, J. R. Determinants of Interorganizational cooperation. *Academy of Management Journal*, v. 18, n. 4, p. 11, 1975.

SINGER, Paul. Economia solidária. In A. D. Cattani (Ed.), *A outra economia*. (pp. 116-125). Porto Alegre, RS: Veraz, 2003.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Org.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.

VEIGA, José Eli da. *Cidades Imaginárias – o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

VICTORIA PAIVA. Representante da Entidade de Apoio e Fomento (ITEPS/UFCA). Reunião de avaliação do FOCAES em 6 dez. 2016.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

**APÊNDICE 01**  
**ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E**  
**ESCLARECIDO (TCLE)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA**  
**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL – PRODER**

ENTREVISTADO:
EMAIL:
TELEFONE:
INSTITUIÇÃO:
CARGO:
DATA:

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURA E QUESTÕES GERAIS A SEREM**  
**LEVANTADAS PELA PESQUISADORA**

1. O que é o FOCAES?
2. Quando e como surgiu?
3. Qual a finalidade, missão e objetivos?
4. Qual a periodicidade das reuniões?
5. Faz-se registro em ATA? (Documenta suas ações)
6. Qual a média de instituições e/ou atores representativos participantes nas reuniões?
7. Como é a participação dos atores sociais no fórum? (Metodologia das reuniões)
8. Possui regimento interno?
9. Há conflitos internos no fórum? Quais?
10. Qual a fonte de financiamento?
11. Quais as parcerias?
12. Como se dá o suporte técnico para os empreendimentos quando estes precisam?
13. Há alguma atividade educativa para os atores sociais?
14. Quais projetos já foram implementados e quais estão sendo atualmente?
15. O fórum tem cumprido a proposta de integrar e dialogar com os atores sociais, promover conhecimento e prestar apoio?
16. Justificar a existência e a importância do fórum para o desenvolvimento local e fortalecimento das práticas econômicas solidárias
17. Qual a sua avaliação quanto ao princípio de solidariedade executado pelos empreendimentos e atores?
18. Em sua opinião, qual a importância da instituição a qual representa na participação do FOCAES?

OBS.: A assinatura abaixo concede ao pesquisador(ra) direitos para usar as informações prestadas pelo entrevistado para fins de pesquisa e/ou construção e publicação de artigos.

---

Entrevistado(a)

**APÊNDICE 02**  
**DOCUMENTO DE AVISO E ESCLARECIMENTO SOBRE APLICAÇÃO DA**  
**MATRIZ FOFA PARA COMPOSIÇÃO DESTA DISSERTAÇÃO**

**Reunião Ordinária do Fórum Caririense de**  
**Economia Solidária – FOCAES – 06/12/2016**

Bom dia!

Ao cumprimentá-los, agradeço por estarem participando desse momento de construção conjunta de análise do FOCAES. A ferramenta a ser utilizada será a matriz FOFA. Ela permite pensarmos e encontrarmos em conjunto as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças - de um profissional, uma equipe, uma atividade, uma empresa, ou como neste caso, o FOCAES. Ela é uma metodologia ativa que ajuda a diagnosticar, planejar e serve de base para tomada de decisão.

O resultado da FOFA vai compor uma parte da dissertação de mestrado intitulada: **“REDES DE COOPERAÇÃO SOLIDÁRIA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL: um estudo de caso sobre o Fórum Caririense de Economia Solidária – FOCAES**, de autoria de Altamira Vicente dos Santos e sua orientadora, Professora Dra. Laudeci Martins. Na oportunidade ajudará o próprio FOCAES a fazer uma avaliação das ações do fórum e conseqüentemente o ajudará no planejamento das próximas tomadas de decisões para o ano de 2017.

Atenciosamente,

Altamira V. Santos  
Mestranda em Desenvolvimento Regional Sustentável – UFCA  
Integrante do Fórum Caririense de Economia Solidária - FOCAES

## ANEXO 1

### FREQUÊNCIA DOS PARTICIPANTES DA MATRIZ FOFA



**FÓRUM CARIRIENSE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - FOCAES**  
**LISTA DE FREQUENCIA - JUAZEIRO DO NORTE/CE - 06 DE DEZEMBRO 2016**  
**Reunião de Avaliação das Atividades Desenvolvidas em 2016 - IDT**

Nº	NOME	INSTITUIÇÃO	CONTATO	EMAIL
01	Verônica N. Veiros Carneiro	CARITAS / GRUNEC	9.9618-1794	veronica.nveiros.carneiro@gmail.com
02	ALFREDO COSME SOBRINHO	FORUM	9.9393-0088	cosme.alfredo@bol.com.br
03	Maria Auxiliadora B.S. Cosme	FOCAES	9.9793-0077	auxiliadoralemos@hotmail.com
04	Antonio Marta Lemos S. Vieira	ASSIDES	9.9836-8086	antoniomartalemos@gmail.com
05	Francisca dos Anjos Ferreira Lima	ACB	9.96650066	
06	MARIA VIVIANE FERREIRA ALBUQUERQUE	SINE-CE / IDT	9.98314510	viviane@idt.org.br
07	Francisca Kátlyne Mathine Lins	UFCA - PRODER	9.9613-9760	kathyan.lins@gmail.com
08	Yara Emanuel de M. F.A.	UFCA - PRODER	9.9997-2877	yara.mutara.arroyo@gmail.com
09	Arlanira U. dos Santos	UFCA - PRODER	9.9430-2369	arlanira.economia@gmail.com
10	Maria Bandeira Goncalves Leal	UFCA - Especialização	9.9924-7855	mariaandradeboga@gmail.com
11	Reginaldo S. Silva	EXPOZAGUA	9.9698.8687	Reginaldo.Silva@bol.com.br
12	Reginaldo de Aguiar S. Lins	ONG Koinia Ambiental	9.9945-7158	reginaldo.silva@bol.com.br
13	Sivanil Saraiva Cavalcanti	ONG Koinia Ambiental	9.9845-3158	sivanil.saraiva@hotmail.com
14	Cláudia Wêniole Santana de Silva	UFCA - PIE ECOSOL	9.9995-2744	claudiasantana@hotmail.com
15	Antônio Zildete R. Costa	COMITE DE MULHERES/CARITAS	9.9987-2987	zildete.costa@gmail.com
16	Francisca Lourdes Kátlyne Souza	UFCA/UCA	9.9911-6085	lourdes.katlyne@yahoo.com.br
17	Francisca Francisca de Oliveira	Faturar	9.9934-2661	francescafrancisca@yahoo.com.br
18	Margarida Marques da Hora	ATRAE	(85)9.9692.2010	margaridamarquesda Hora@gmail.com

19	Janeli Barbosa da Silva	UFCA	(81)9.9748-3591	janeli.barbosacoelho@gmail.com
20	Maria Sammar P. Xavier	Projetura Crato - SEMAC	(88) 9.96318640	lcomarapx@yahoo.com.br
21	Tereza Maria Pereira Passos	ACB - crato	(88) 9.99213954	acburato@supersig.com.br
22	Cláudia dos Anjos Pereira	SINTRAC	(85)9970215105	perinadatos104@gmail.com
23	Ima Lourdes de Freitas	ROSES/FAES Templo da Fé	85-98761584	templocomparis@gmail.com
24	Mª das Graças dos Santos Pereira	ROSES/ANMC Mulheres do Crato	(85)98776-4357	graciaminhofreitas@gmail.com
25	Victoria Régia Araújo de Paiva	UFCA - ITEPS - PIE ECOSOL	(85)99924.7436	victoria.araujo@ufca.edu.br
26	Francisco Ant. Bernardo	Unab	9.81054588	antoniomartalemos@gmail.com
27	Cláudia dos Anjos da Silva	SINTRODEC	9.92555335	claudia.caboclo@bol.com.br
28				
29				
30				
31				
32				
33				
34				
35				
36				
37				
38				
39				
40				
41				
42				
43				